

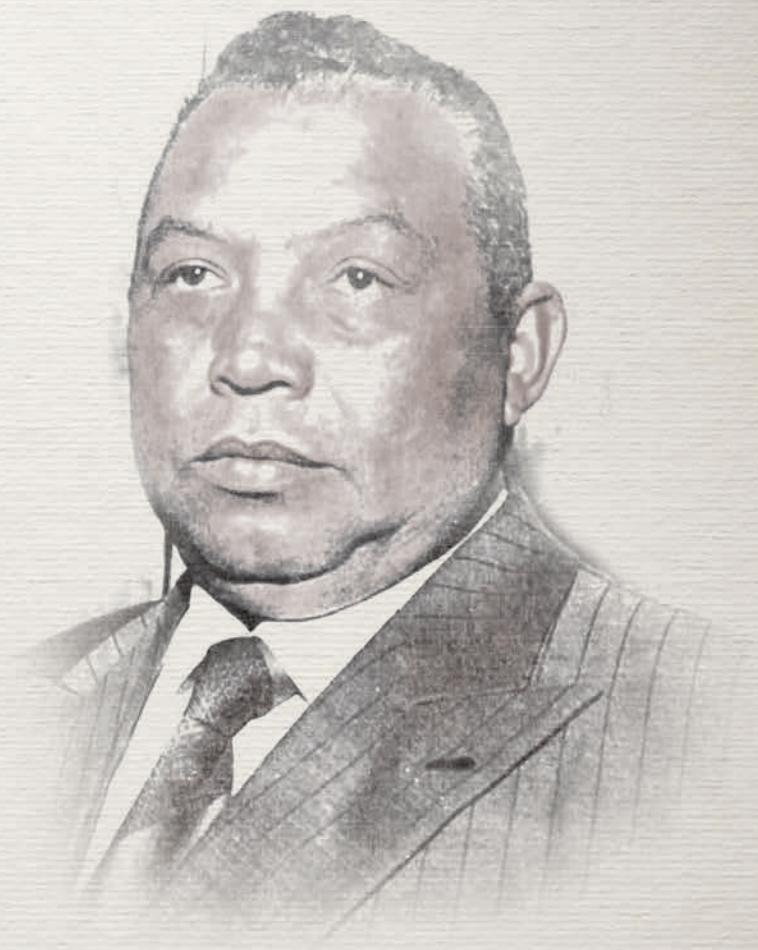
Valdson Varjão

**GRANDES VULTOS
QUE HONRARAM O SENADO**

Malba Thania Alves Varjão

SENADO FEDERAL





Valdon Varjão

Valdon Varjão

GRANDES VULTOS
QUE HONRARAM O SENADO

Malba Thania Alves Varjão

Mesa Diretora do Senado Federal

Biênio 2021–2022

Senador Rodrigo Pacheco

PRESIDENTE

Senador Veneziano Vital do Rêgo

1º VICE-PRESIDENTE

Senador Romário

2º VICE-PRESIDENTE

Senador Irajá

1º SECRETÁRIO

Senador Elmano Férrer

2º SECRETÁRIO

Senador Rogério Carvalho

3º SECRETÁRIO

Senador Weverton Rocha

4º SECRETÁRIO

SUPLENTE DE SECRETÁRIO

1º suplente: Senador Jorginho Mello

2º suplente: Senador Luiz do Carmo

3º suplente: Senadora Eliziane Gama

4º suplente: Senador Zequinha Marinho

Ilana Trombka

DIRETORA-GERAL

Gustavo A. Sabóia Vieira

SECRETÁRIO-GERAL DA MESA

Valdon Varjão

GRANDES VULTOS
QUE HONRARAM O SENADO

Malba Thania Alves Varjão

Brasília – 2021

SENADO FEDERAL



VALDON VARJÃO: A HISTÓRIA EM VERSO E PROSA

Barra do Garças – MT

Copyright: © 2021 by Malba Thania Alves Varjão

Secretaria de Editoração e Publicações – SEGRAF

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº

CEP 70165-900 – DF

Diagramação e capa: Serviço de Formatação e Programação Visual - SEFPRO

Revisão ortográfica: Serviço de Revisão – SERVSO

Coordenação e projeto editorial: Paulo José Americo Rolim

Varjão, Malba Thania Alves.

Valdon Varjão : grandes vultos que honraram o Senado / Malba Thania Alves Varjão. — Brasília : Senado Federal, 2021.

227 p. : il., fots., retrs.

ISBN: 978-65-5676-173-2

1. Política e governo, Brasil. 2. Senador, Brasil, biografia. 3. Político, Brasil, biografia. 4. Varjão, Valdon, 1923-2008. I. Título. II. Série.

CDD 320.981

Ficha catalográfica elaborada por Cláudia Coimbra Diniz CRB-11179

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2021



Barra do Garças atual – Autor: Genito Santos

“Talvez, em noites esplêndidas de lua,
quando muitos seres se apaixonam, surgiu na
margem, elegante e nua, uma cidade bela, meiga
e risonha: princesa de radiante formosura...”

Valdon Varjão



Malba Varjão – Acervo pessoal Malba Varjão

Professora, bacharel em Letras Vernáculas, psicóloga clínica, servidora pública, Malba Thania Alves Varjão nasceu em Goiânia e foi criada em Barra do Garças – MT, filha de Maria do Rosário Peres Varjão e do tabelião, escritor, historiador, ex-deputado, ex-senador e ex-vereador barra-garcense Valdon Varjão. Casou-se com o médico Dr. Sebastião Alves Júnior com quem teve duas filhas e um filho. Sebastião Júnior, após atuar como secretário estadual de saúde, se tornou um brilhante e atuante político da região, mas infelizmente perdeu a vida prematuramente em acidente de trânsito no Rio de Janeiro.

Malba sempre esteve próxima às atividades políticas, participava das campanhas e comícios na região, até que nas eleições de 1990 postulou uma cadeira na Assembleia Legislativa do Mato Grosso, ficando como suplente, assumindo como deputada no decorrer da legislatura e sendo a primeira mulher barra-garcense a estar presente no parlamento estadual.

Deputada, teve como bandeira de luta a reintegração do leste mato-grossense à capital e ao restante do estado, lutou pela consolidação dos direitos da mulher na sociedade e defesa do meio ambiente na região do Vale do Araguaia. Da tribuna do Parlamento estadual expôs suas ideias, sendo enfática ao mostrar aos seus pares a necessidade de se voltar as atenções para uma região com enorme potencial turístico e econômico, como forma de alavancar a economia de todo o estado. Foi membro do Conselho Estadual da Criança e do Adolescente.

Agora, escritora!

DEDICATÓRIA

Dedico este livro a todas as pessoas que me ajudaram a me tornar quem sou: meus pais, irmãos, filhos, familiares.

Ao saudoso Dr. Sebastião Alves Júnior, pai de meus filhos.

À Barra do Garças, cidade querida e amada, com seu povo e seus pioneiros, com os quais tive a honra de conviver desde criança.

Ao meu companheiro de vida, Edson Jerônimo, parceiro que me ajuda a realizar todos os meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente, à família e aos que proporcionaram que eu pudesse sonhar, imaginar, buscar e finalmente, tornar realidade esta obra.

APRESENTAÇÃO

Escrever é sempre um desafio, uma busca intensa pela perfeição e sobretudo, pela realidade dos fatos. Mas torna-se muito mais difícil quando sobre o que, ou sobre quem se escreve, se tem fortes e inabaláveis laços de amor e carinho.

Ao escrever sobre Valdon Varjão, sobre si e sobre sua família, a Dr^a Malba Varjão abriu com muita sinceridade as cancelas do coração, deixando fluir sentimento, paixão, mas sobretudo, realidades e peculiaridades que talvez somente ela tenha vivenciado, tido acesso e tomado conhecimento.

Aquí, ela conta a história de um dos homens mais notáveis do Brasil interior, da maneira como ele sempre agiu e viveu: simples e transparente.

Paulo José Americo Rolim
Jornalista

I

21	1 - O MENINO VALDON
23	2 - HISTÓRIA
25	3 - A LENDA DA GARRAFA CHEIA DE DIAMANTES E A PEDRA SIMEÃO S. ARRAYA
27	4 - INFÂNCIA
29	5 - ADOLESCÊNCIA
30	6 - APRENDIZ E MÚSICO
36	7 - MOCIDADE - MUDANÇAS
37	8 - ROSARINHA
40	9 - NOVOS RUMOS, NOVOS CAMINHOS
44	10 - IRMÃ ADÉLIA MALUF, SALESIANA
45	11 - TRISTEZA NA VOLTA A BALIZA
53	12 - A VIDA SEGUE. AGORA, O MUNDO!
54	13 - BARRA CUIABANA
58	14 - CHEGADA DA FUNDAÇÃO BRASIL CENTRAL
60	15 - FUNCIONÁRIO DA FUNDAÇÃO BRASIL CENTRAL
66	16 - CASAMENTO
67	17 - CORONEL VANIQUE - NO VALE DOS SONHOS
71	18 - INÍCIO DA VIDA PÚBLICA

II

73	1 - ARAGUAIANA E BARRA DO GARÇAS
76	2 - VEREADOR
77	3 - VALDON PREFEITO
78	4 - O INSTITUTO MADRE MARTA CERUTTI
79	5 - PREFEITO ELEITO
82	6 - DEPUTADO ESTADUAL
86	7 - A REVOLTA DE ARAGARÇAS
88	8 - CAUSAS DA REVOLTA
89	9 - CHEGADA DOS REVOLTOSOS A ARAGARÇAS
91	10 - HORAS E HORAS DE TENSÃO CONTÍNUA
94	11 - OPERAÇÃO RESGATE E INQUÉRITO
95	12 - FINALMENTE, A PAZ

III

97 1 – DIVISÃO DO ESTADO DO MATO GROSSO

IV

101 1 – O DR. SEBASTIÃO JÚNIOR
104 2 – EDUCAÇÃO E PROJEÇÃO DE BARRA DO GARÇAS
105 3 – PEDIDO DE NAMORO
108 4 – HOSPITAL CRISTO REDENTOR, VIDA SOCIAL E FILHOS
112 5 – CRIAÇÃO DA AMMA – ASSOCIAÇÃO MÉDICA DO MÉDIO ARAGUAIA
113 6 – 1982: ELEIÇÕES DIRETAS PARA GOVERNADOR
114 7 – SECRETÁRIO ESTADUAL DE SAÚDE
115 8 – O TRABALHO NA SES
115 9 – DEMISSÕES E COBRANÇA POR EFICIÊNCIA
119 10 – POLÍTICO
121 11 – SEGUNDA VISITA DE TANCREDO NEVES À BARRA DO GARÇAS
121 12 – TANCREDO, PRESIDENTE ELEITO, EM BARRA DO GARÇAS
123 13 – SEBASTIÃO JÚNIOR DEPUTADO ESTADUAL
125 14 – NO PARLAMENTO
128 15 – FERROVIA DO GRÃO EM BARRA DO GARÇAS
129 16 – CANDIDATURA E CAMPANHA À PREFEITURA DE BARRA DO GARÇAS
130 17 – A CAMPANHA COMEÇA
132 18 – RIO DE JANEIRO, CARNAVAL E... TRISTEZA

V

135 1 – BUSCAS
137 2 – DE VOLTA À SALA DE AULA: ALUNA
138 3 – CANDIDATA A DEPUTADA ESTADUAL
139 4 – MUDANÇAS NO PAÍS
140 5 – EM CAMPANHA
142 6 – DE VOLTA À CASA CIVIL
143 7 – DEPUTADA ESTADUAL
145 8 – HOSPITAL MUNICIPAL MILTON MORBECK
147 9 – CONVENÇÃO DO PFL NA CÂMARA FEDERAL

149 10 – PROFESSORA E... PSICÓLOGA!

VI

- 151 1 – SENADOR DA REPÚBLICA
152 2 – NO SENADO, O INÍCIO DA LUTA
164 3 – PALESTRAS E DISCURSOS PELO BRASIL
168 4 – NEGRO SIM, ESCRAVO, NÃO!
169 5 – VISITA PARLAMENTAR A ISRAEL
174 6 – AGRADECIMENTOS AOS BRASILEIROS EM ISRAEL, AO GOVERNO E AO PARLAMENTO ISRAELENSE

VII

- 177 1 – GAZITA MAGAZINE, A PRIMEIRA REVISTA DE BARRA DO GARÇAS

VIII

- 183 1 – ACADEMIA DE LETRAS – DE BARRA DO GARÇAS? DO CENTRO-OESTE!
185 2 – CRIAÇÃO E COMPOSIÇÃO
186 3 – SEDE PRÓPRIA

IX

- 189 1 – AOS PIONEIROS
190 2 – O GARIMPEIRO
193 3 – RECONHECIMENTO

X

- 195 1 – DE VOLTA ÀS ORIGENS PARLAMENTARES
195 2 – VEREADOR
197 3 – A MÍSTICA, MISTERIOSA E INTERESSANTE BARRA DO GARÇAS
200 4 – OVNIS E UFOLOGIA E... UM DISCOPORTO
204 5 – REFLEXOS DO DISCOPORTO
205 6 – ENTREVISTA AO PROGRAMA JÔ SOARES
206 7 – CONGRESSO DE UFOLOGIA
207 8 – NOVAS ELEIÇÕES

XI

- 209 1 – HISTÓRIA E TOMADA DO CARTÓRIO
210 2 – DE VOLTA A BARRA DO GARÇAS
213 3 – OPERAÇÃO LACRAIA DA POLÍCIA FEDERAL

XII

- 217 1 – DESPEDIDA
218 2 – CARNAVAL

XIII

- 221 1 – CONCLUSÃO

BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 225 ARTIGOS E TESES
226 REVISTAS E SITES
226 ÓRGÃOS E INSTITUIÇÕES
227 FILMES E DOCUMENTÁRIOS
227 DEPOIMENTOS
227 ACERVOS

I

*“O pai era um pobre ferreiro
Lutava na profissão
A mãe uma abnegada
Na luta do ganhar o pão.
Assim vivo na infância,
Sem cultura e pouca escola
Andando de léu-em-léu,
Até virar rapazola.
Oh!... Que saudades que restam,
Daquela infância vulgar,
Menino sem eira e sem beira,
Nascido para lutar.*

(Trecho final do poema *Minha vida Meninil*, de Valdon Varjão)

1 – O MENINO VALDON

Valdon Varjão, meu pai. O menino que em tenra idade, quase de braço, se encantou com a riqueza e a fartura do rio, quando o viu e singrou suas águas pela primeira vez, a bordo da imponente lancha Gazita.

Gazita! Gazita foi um nome que nunca saiu de sua memória e o acompanhou por toda a vida. Gazita. Meu pai guardava esse nome em seu coração, saía gritando esse nome quando vivendo a liberdade de um menino, corria pelas areias, lado a lado com as águas do rio!

Gazita! Valdon Varjão, meu pai. Cresceu ouvindo o som e o apito forte da lancha a vapor que singrava aquelas águas, trazendo esperançosos pela riqueza que talvez estivesse escondida nas areias daquele rio.

O menino logo viu a vida passar rápido como passavam as águas do rio nas corredeiras, vencendo os obstáculos de pequenas e grandes pedras. Muito cedo viu a vida lhe imputar obrigações e responsabilidades. Preci-

sava ajudar o pai, aprender seu ofício e ainda por cima, encontrar tempo e mestres que pudessem ensiná-lo e proporcionassem a ele a oportunidade de aprender a ler, escrever e contar, além de saber coisas da história do mundo. Sentia que precisava lutar muito para que no futuro, pudesse ser alguém.

Mas ainda assim, brincou com amigos, correu pelas veredas das matas, encantou-se com o alvorecer, com a luz do sol que vinha lenta e calmamente vencendo as brumas da manhã. E se encantava com o pôr-do-sol, com o lento partir do astro-rei, com a noite cheia de mistérios, que chegava aos poucos com estrelas brilhantes e distantes. Olhava para o céu e se perguntava: por que estão tão perto e tão longe?

Pulou corajosamente do alto das pedras nas águas turvas do rio majestoso, que respeitava e amava. Ficou amigo do rio, de suas águas, dos peixes, das pedras e dos que viviam regidos pela generosidade da mãe-natureza.

Valdon Varjão, o menino lutador! O sonhador! O visionário! O Poeta! O guerreiro da vida. O historiador, o músico, o cientista, o escritor, o botânico, o homem de grande coração que sonhava ser instrumento na construção de uma sociedade melhor, desenvolvida e livre das amarras da ignorância. O homem realista e preocupado com o futuro e o bem-estar dos menos favorecidos.

Valdon Varjão: meu pai, meu orgulho. Orgulho de toda a família, de uma cidade, de uma região, do amplo e produtivo estado do Mato Grosso. Orgulho das cidades do Vale do Araguaia e de seu povo! Orgulho de Barra do Garças, Araguaiana, Torixoréu e Baliza, em Goiás, orgulho de um povo pelo qual tinha verdadeira devoção e que desde muito cedo aprendeu a amar, respeitar, conduzir.

Valdon Varjão! Meu pai!

O pedreiro, o artesão das letras, tecelão das palavras. O homem digno e honrado, onde a política se fez presente em sua vida como instrumento para a busca incessante por um mundo melhor, como meio de luta pelo desenvolvimento da terra onde cresceu e viveu, sem nunca ter abandonado. Ele amava tudo aquilo, desde menino sua vida era o rio, as areias, a terra, a floresta, as serras e aquele povo humilde e trabalhador.

Valdon Varjão, meu pai!

O homem cuja generosidade e força era reconhecida até por quem não gostava de sua peculiar maneira de ser. Generosidade que o fez registrar em diversas obras literárias que escreveu e publicou, deixando para a posteridade como página indelével da história passagens da vida, fatos e trajetórias de homens pioneiros, suas famílias, políticos que conduziram destinos.

Bastaria falar de si, mas quis deixar registrado como fato inequívoco da história todos aqueles que passaram pelas administrações municipais e pelo legislativo, independentemente de partido ou pensamento político.

Valdon Varjão, meu pai.

Nas páginas seguintes, contada por mim e por ele, um pouco da história conhecida e desconhecida de um homem que dedicou sua vida à família, ao povo de sua região, aos mais necessitados, discriminados e subjugados pela vida. Um homem que mesmo tendo galgado altos postos do poder, frequentava palácios com a mesma simplicidade, respeito e educação com que frequentava uma casa humilde. Um homem que sempre trouxe dentro de si, em seu viver e proceder a pureza do menino que um dia correu livre, sem camisa e pés descalços pelas alvas areias das margens do rio, ouvindo o som das águas e gritando: Gazita!

2 – HISTÓRIA

Valdon Varjão, meu pai! Começou sua história de vida em 15 de dezembro de 1923, quando veio ao mundo em um lar humilde, na pequenina e distante Vila de Poço dos Paus, que a partir de 1951 recebeu o nome de Cariús, no estado do Ceará. Era filho único do ferreiro e eventual garimpeiro Manoel Cardoso Varjão e de dona Maria Olímpia.

Juntamente com os pais veio para o Vale do Rio Araguaia. Depois de longa e cansativa viagem, chegaram carregados de esperança, desembarcando da lancha a Vapor Gazita na então movimentada cidade de Baliza, situada na margem direita do rio, no estado de Goiás, em meados de 1928, integrando uma grande leva de migrantes oriundos em grande maioria do Nordeste do país, empurrados pela seca e suas consequências que se abatera no sertão cearense no início do século.

Na viagem, vieram acompanhados de uma senhora, que ele chamava de “Mãe Maria” que tinha sido sua “mãe de leite” na cidade natal. Minha avó, segundo diziam na época, tinha “leite fraco” e os filhos que gerava não sobreviviam após o nascimento, embora ela fosse bem mais nova que meu avô.

Meu pai foi a exceção. Muitos diziam que ele não “vingaria”, mas teimoso que era e graças ao leite farto de Mãe Maria, que tinha um filho da mesma idade que meu pai, sobreviveu e com o tempo se tornou um menino disposto e trabalhador.

Os migrantes que vinham para o Vale do Araguaia sonhavam encontrar melhores condições de vida, água, terra para plantar e viver e se desse, riqueza através da mineração garimpeira de diamantes.

Em seu discurso proferido em 6 de abril de 1982, quando recebeu o título – para ele motivo de muita honra e orgulho – de Cidadão Barra-Garcense,

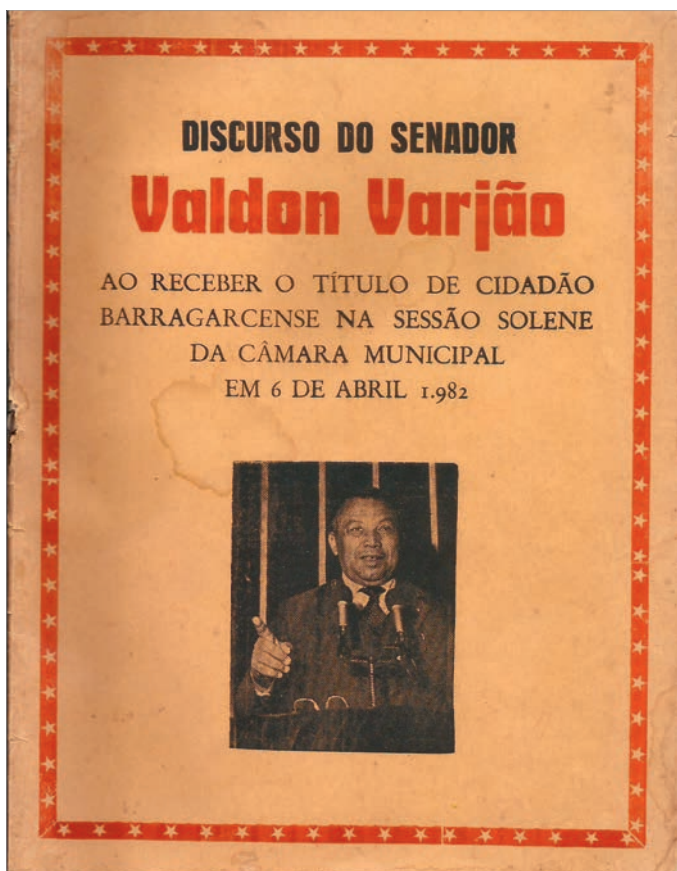
durante sessão solene na Câmara Municipal de Barra do Garças, meu pai disse:

“Tangido pelo monstro escaldante da seca, que extermina populações inteiras do sertão nordestino, meu pai abandonou aqueles pagos, acompanhando levas de foragidos que evadiam-se nos incandescentes caminhos, enfrentando avantesmas da desgraça, dos horrores e aflições, com os magotes de emigrantes andrajosos que desgarravam de seu torrão, num êxodo pungente, à procura de outras terras acolhedoras, no desejo de ir tentar a fortuna onde quer que fosse, vindo radicar-se em Baliza, naquela época, o eldorado da garimpagem diamantífera, assentando ali a tenda rustica de garimpeiro audaz, na esperança titânica de alcançar a riqueza guardada nos tesouros lendários, almejando ser bafejado com a sorte e talvez um dia retornar à sua vivência”.

Seu pai, além da vocação e das tentativas de tirar a sorte grande no garimpo, exercia com maestria a função de ferreiro. Aos poucos foi se tornando conhecido e um importante fabricante e fornecedor de ferramentas por ele construídas, muito necessárias à exploração do garimpo, então a principal atividade econômica da região, indo desde Baliza até a confluência dos rios Araguaia e Garças.

À época, um tempo em que as poucas indústrias que haviam se situavam longe daqueles sertões, a presença de um profissional que conhecesse a arte de ferreiro era de suma importância para a sociedade local. E sendo um artífice habilidoso e trabalhador, se não ganhava horrores de dinheiro, sustentava e mantinha a família.

Foi assim que em 1928 Manoel Cardoso Varjão, ferreiro e agora garimpeiro, chegou com sua prole e alternava tempos como garimpeiro e o exercício de seu ofício na já movimentada Baliza, cujo nome se deu em função da secular pedra que existe ao meio do Rio Araguaia, “balizando” as duas margens do rio, servindo como referência e identificação de uma cidade, um povo, uma região.



Capa da publicação do discurso ao receber o título de cidadão Barra-Garcense em 6 de abril de 1982 – Acervo Valdon Varjão

3 – A LENDA DA GARRAFA CHEIA DE DIAMANTES E A PEDRA SIMEÃO S. ARRAYA

Em Barra do Garças, na Praça dos Pioneiros e bem próximo ao Rio Araguaia há uma pedra como um monumento, que possui inscrições que atiçam a imaginação e porque não, a cobiça das pessoas. É a pedra conhecida como Simeão S. Arraya e deu origem a uma lenda que durante muito

tempo despertou a cobiça e a aventura de muitos aventureiros: a chamada lenda da garrafa de diamantes.

Diziam que um grupo de ex-combatentes da Guerra do Paraguai, dentre eles Simeão S. Arraya, após o término do sangrento conflito, durante a viagem de retorno para casa resolveram permanecer por um período na confluência dos rios Garças e Araguaia.

A viagem de volta era longa e muitos, sequer tinham casa para voltar. Alguns optaram por ficar por ali, onde havia água em abundância e terras férteis, apesar do perigo de alguns povos indígenas não tão amistosos que não aceitavam a presença do homem branco.

Explorando o local descobriram naquelas areias diamantes, alguns com tamanho e qualidade impressionantes. Simeão S. Arraya, um desses garimpeiros, guardava o resultado de sua garimpagem em uma garrafa.

Certa vez, diz a lenda, Arraya e seu grupo, assustados ante a possibilidade de um ataque iminente de índios que veneravam os diamantes como “estrelas na terra” e procuravam defender sua terra e seu povo dos brancos, resolveram partir e não levar os diamantes que coletaram.

Aos pés de uma grande pedra, enterraram uma ou mais garrafas com o precioso conteúdo. Na rocha, deixaram uma inscrição com os dizeres: “Simeão S. Arraya – 1871” – que supostamente facilitaria a localização desse tesouro.

Essa lenda correu todo o Vale do Araguaia e muitos se aventuraram a buscar esse tesouro e ao que se sabe, nunca foi encontrado.

A pedra hoje é um monumento marcante da história de Barra do Garças. Mais um dos inúmeros mistérios e lendas que cercam a progressista capital do leste mato-grossense.



Pedra Simeão S. Arraya, na Praça dos Pioneiros – Acervo Malba Varjão

4 – INFÂNCIA

Eram tempos difíceis e trabalho embora pouco valorizado, não faltava. Manoel Cardoso Varjão se pôs à luta na pequena oficina que montou em sua casa. Um ofício rustico, insalubre, mas o que ele mais sabia fazer. E fazia com zelo e cuidado, caprichando nas peças que tinha sob encomenda, para que o cliente voltasse outras vezes.

O menino foi crescendo, na mesma medida que o pai se fazia conhecido na região. Mas, em contrapartida, a saúde começava a lhe faltar. O serviço

era pesado e à beira do fogo, e a fuligem da forja atacava seus pulmões e o coração, trazendo-lhe aos poucos a doença que acabaria por ceifar sua vida.

Sobre a infância e o pai, ele afirma no mesmo discurso:

“Fui caldeando minha personalidade, fui moldando meu temperamento e me habituando aos reveses da sorte que sempre acompanhava o meu velho pai, até o findar de sua existência modesta, trabalhosa, mas honrada; e da qual eu realço com orgulho”.

Eu soube depois como foi de tristeza e de agonia o dia fatídico da morte do meu avô, Manoel Cardoso Varjão. Meu pai tinha onze anos e a situação, muito triste, o marcou por toda a vida. Meu avô passou mal quando estava na ferraria e ao falecer, trazia nas vestes surradas a fuligem e a sujeira decorrentes do trabalho do dia. Meu pai entendeu que não devia aceitar que ele fosse sepultado sujo, daquela maneira, como um indigente.

E relatou:

A noite anterior fora longa. Sobre a cama moribundo ferreiro arfava, em sua agonia, buscando fôlego e forças para continuar vivo. Mas aos poucos a vida ia lhe faltando. Viera o boticário, que lhe receitara algumas gotas de um fármaco e indicara alguns chás para aliviar os pulmões; por fim veio o padre, que lhe deu a extrema unção, encomendando-lhe a alma.

Eu sabia que meu pai não passaria daquela manhã e ainda estava com o corpo sujo da fuligem da oficina de ferreiro, onde trabalhara até que começasse a se sentir mal e não tendo mais forças, deixou cair o corpo sobre a cama.

Disse à minha mãe que ele precisava de um banho, que seria uma maneira digna de se despedir dele. Mas, não havia sequer um sabonete naquele momento. Sabonete era algo raro, um artigo de luxo e os banhos eram cotidianamente feitos no rio, e quando necessário, usava-se sabão feito em casa.

Mas, eu queria dar-lhe esse último presente, sentia que precisava fazer algo. Pensei em pedir a alguém, mas aquela era uma situação que meu pai em vida abominava. E se comprasse e pedisse um prazo para pagar? Poderia comprar e pagar depois, talvez até com trabalho ou com o resultado de algum serviço que fizesse.

Imbuído desse pensamento, fui até uma das poucas lojas que haviam na cidade e vi que no balcão haviam muitos sabonetes. Parei na porta, e tímido e constrangido com a situação, não tive coragem de pedir o prazo ao comerciante. Deixei-me ficar ali, ensimesmado,

próximo à porta do comércio e sem que percebesse, lágrimas desceram em minha face de menino, quase adolescente, quase criança.

O comerciante, que havia notado minha presença desde que chegara, após algum tempo, veio até a mim e quis saber o motivo pelo qual eu tanto chorava.

Munindo-se de coragem e entre soluços, eu disse ao comerciante o que me trouxera ali. O homem, que me conhecia e conhecia também a meu pai, foi então ao interior do estabelecimento e trouxe aquilo que eu tanto queria: um sabonete, para que pudesse cuidar de meu pai em seu último momento nessa terra. Quando perguntei se poderia pagar depois, ele me disse que não precisava, que estava me dando aquele objeto.

Foi assim que me despedi dele. Ao chegar, ele já partira, se despedira desse mundo. E apesar da dificuldade que tivemos, ele recebeu de mim, o menino inquieto e da lavadeira humilde, este último cuidado.

5 – ADOLESCÊNCIA

E ele continua seu relato:

Após a morte do meu pai, minha responsabilidade aumentou e senti que precisava buscar um rumo para consolidar meu futuro. Embora fosse ainda menino, era admirado pelos comerciantes e pessoas influentes de Baliza. Sempre fui muito obediente e honrei meus pais. E assim que meu pai se foi, continuei a rotina de buscar trabalho onde encontrasse. Limpava lotes, carregava o lixo de quintais das casas de família, buscava lenha nos arredores da cidade, e por algumas horas do dia comecei como aprendiz de carpinteiro e sapateiro. Também ajudava nas missas como coroinha e era muito querido do pároco.

Um dia assisti encantado uma apresentação da Filarmônica Lira do Araguaia, que embora tivesse sede em Torres do Rio Bonito, depois Caiapônia, não muito distante dali, tinha também parte de seus integrantes em Baliza. Procurei o Maestro e tímida e respeitosamente, disse a ele da minha vontade de aprender e tocar um instrumento, e fazer parte da Banda. Ele me olhou detidamente, e ante meu olhar inquiridor, perguntou:

— Porque você quer aprender a tocar um instrumento? E qual instrumento?

Eu respondi:

— Qualquer um. Eu quero é aprender a tocar e fazer parte da Banda.

E ele:

— Você tem instrumento em casa?

Respondi:

— Não, mas vou trabalhar para comprar.

Acho que ele vendo minha determinação e até querendo se livrar daquele moleque abelhudo e atrevido, disse:

— Procure saber onde mora o Mestre Arbués. Fale que fui eu quem te mandou e ele vai te ajudar a aprender a tocar. Mas, você tem poucos dias. Quando eu voltar aqui quero ver você tocando.

Sai dali correndo, alegre e feliz. Eu ia aprender a tocar um instrumento. Mas, qual instrumento? E será que o Mestre Arbués iria mesmo me ensinar?

Comprar um instrumento musical, que eu não tinha nem noção de quanto custava, era improvável. Os trocados que eu ganhava fazendo pequenos serviços mal davam para ajudar minha mãe a comprar comida para casa. E minha mãe trabalhava de dia como lavadeira e à tarde e à noite passava roupas no ferro a brasa.

Mas, nem essa possibilidade de não ter a boa receptividade do Mestre Arbués me tirou o ânimo. Aquela noite custei a dormir e quando o sono me pegou sonhei que estava vestido com a farda dos músicos da Banda e tocando para toda a cidade.

Logo cedo, ao levantar pedi a bênção à minha mãe e fui até o vizinho mais próximo, pedi que ele me indicasse onde morava o Mestre, que não era muito distante dali. Naquele momento saí em busca de realizar o meu primeiro sonho.

6 – APRENDIZ E MÚSICO

Cheguei a casa do Mestre Arbués e dei a sorte de encontrá-lo na porta de entrada, observando um instrumento de cordas. Era um instrumento pequeno que eu soube depois ser um cavaquinho. Dei bom dia, pedi licença e fui logo dizendo quem eu era e por que estava lá. Disse que quem me mandara até ele era o Maestro da Filarmônica. E que eu queria aprender a tocar um instrumento.

E ele me pergunta:

– Mas qual instrumento quer tanto aprender a tocar, meu rapaz?

Venha até aqui.

E me levou ao interior da casa, me mostrando em um quarto uma enorme variedade de instrumentos, alguns que eu sequer poderia imaginar existir.

Falei para ele:

– Quero aprender a tocar esse.

E mostrei um instrumento de cordas, pequeno, muito bonito e bem cuidado – condizente com o meu tamanho – que depois soube se chamar bandolim. E ele respondeu:

– É um instrumento difícil, mas se você quiser posso ensinar. Você tem um bandolim?

Senti as pernas tremerem, me faltaram chão e a cor me faltou no rosto. Timidamente respondi:

– Não.

E o Mestre vendo meu desconcerto e por outro lado percebendo minha vontade imensa de aprender a tocar um instrumento e fazer parte da Banda, disse:

– Não se preocupe, meu rapaz. Venha aqui todo final de tarde que te ensinarei a tocar. E você pode ir usando esse, que ainda está em bom estado. Mas, tem uma condição: não quero saber de bagunça ou briga sua na rua, nem de desobedecer seus pais. Se brigar na rua tá fora. Depois vou em sua casa conhecer seu pai e sua mãe.

– Eu não tenho pai, respondi. Meu pai se foi.

– E quem era ele, indagou o Mestre.

Eu disse:

– Manoel Cardoso Varjão, o ferreiro.

– Então você é o menino filho do ferreiro. Ouvi falar de você como um jovem bom e trabalhador. Continue assim. E não deixe de vir aqui todo fim de tarde.

Era tudo o que eu queria ouvir. Corri para casa e dei a notícia pra minha mãe, que não esboçou muita reação. Talvez preocupada com a imensa trouxa de roupas que tinha que levar para o pequeno córrego que ali perto desaguava no rio. Mãe Maria, que morava próximo e sempre que podia nos visitava, estava lá e deu um sorriso mais demorado, demonstrando o carinho e o amor que tinha por mim; me queria bem como a um filho, dizia.

Ajudei minha mãe a levar até o córrego aquelas roupas e disse que mais tarde voltaria para buscar, quando estivessem limpas.

Ainda ouvi dela:

– Tenha juízo, meu filho.

Saí em desabalada carreira, sem saber para onde. Desci a margem do rio, correndo pela areia, gritando “Gazita!” Gazita!”

Fui até a pedra, tirei minha roupa e de um salto mergulhei no rio. Aquele banho no meio da manhã foi um momento de intensa felicidade, de início de sonhos a se realizar na vida de um menino de apenas doze anos. Enquanto sentia no corpo as águas do generoso rio, pensei: de onde estiver, meu pai terá muito orgulho de mim.

Terminado o banho, segui em direção à cidade. Precisava encontrar trabalho. Como estava muito feliz, continuei a correr. Saí correndo sem destino, pelas ruas descalças de Baliza, até que ouvi uma voz conhecida:

– O que é isso, meu rapaz? O que aconteceu? E para onde vai tão rápido assim?

Era o Padre Malaquias, o vigário, a quem eu ajudava nas missas como coroinha. Respondi quase sem fôlego, cansado pela correria:

– Estou alegre, Padre. Vou ser músico da banda.

– Ah meu rapaz, então você já sabe tocar um instrumento? Que coisa boa.

– Ainda não sei, mas vou aprender.

O Padre, um homem alto e magro me olhou, e mostrando sua costumeira bondade, disse:

– E você tem um instrumento, por acaso?

– Não, respondi meio encabulado.

– Então vá lá em casa depois do almoço que quero conversar com você.

E saiu apressado, me deixando ali, parado, sem saber que direção tomar.

Ante minha expectativa, o restante daquela manhã demorou a passar. Fiz um pequeno serviço na casa de uma bondosa senhora que me deu almoço, e depois segui direto para a sede da paróquia, que ficava nos fundos da pequena igreja da cidade, onde o Padre Malaquias já me esperava. E pedindo que eu sentasse junto a ele em uma cadeira almofadada, disse:

– Então meu jovem você quer aprender a tocar um instrumento e fazer parte da banda. Por quê?

A pergunta não me pegou de surpresa. Imaginava que ele trataria comigo daquele assunto. De olhar fixo no chão, tímido e entredentes, respondi:

– Eu acho bonito.

Então ele com sua voz calma e plácida me disse:

– Olha, não basta achar bonito. Você se quiser e tiver vontade vai aprender, pois o Mestre Arbués sabe ensinar muito bem. Mas você precisa de algumas coisas; primeiro, não vai demorar terá que arrumar um instrumento. E quando tiver as apresentações da banda, você não tem roupas adequadas. Como fará então?

– Não sei, respondi tentando esconder um soluço.

O padre Malaquias então ficou pensativo por um instante. Coçava o queixo com os dedos, até que, levantando da cadeira pôs-se a andar de um lado para outro. De repente parou, e apontando-me o dedo disse:

– Você é um bom rapaz. Seu pai era muito trabalhador e sua mãe também é. Você é inteligente e tem facilidade de aprender as coisas, além de ser correto e obediente, apesar de muito novo.

Se você continuar assim, não fazer feio brigando nas ruas nem frequentando lugares ruins, assim que aprender a tocar eu te darei um instrumento musical. Combinado?

Era tudo o que eu queria e precisava. Respondi afirmativamente e saí dali feliz, e agora calado. Não corri. Fui direto para a escola onde já teria aulas com o professor.

Absorto, não prestei muita atenção nas aulas, eu que sempre fora bom aluno, e de repente ouço o professor gritar vindo em minha direção com a temida palmatória na mão:

– Varjão! Você está nas nuvens.

Tomei um susto, voltando ao mundo, e o professor parado diante de mim, disse:

– O que está acontecendo, rapaz? Você é sempre o primeiro a responder as perguntas.

– Estou feliz, Mestre.

O professor deu uma sonora risada, e no restante da aula me deixou em paz.

Na saída das aulas, os moleques me provocavam, dizendo aos berros: “Neguinho feliz, neguinho feliz. Cabeça chata feliz.”

Eu pouco me importei, sempre fui muito tranquilo e não era adepto de brigas. Segui direto para o rio onde minha mãe me esperava já com as roupas limpas e secas cuidadosamente juntas em uma pesada trouxa. Ao chegar em casa disse a ela que iria para as aulas com o mestre Arbués. Ela me dirigiu seu olhar triste e cansado e demonstrando zelo, murmurou: tenha cuidado.

Cheguei na casa do Mestre e outros alunos já estavam lá. Ficaram surpresos com minha presença, mas o mestre não deixou que dissessem nada. Apenas me apresentou como o novo aluno da turma.

Ante olhares atônitos de alguns “colegas”, ele me levou até a sala dos instrumentos, pegou alguns papéis e disse:

— Comece lendo isso aqui. Esta semana vai estudar teoria e terá pouco contato com os instrumentos. Mas estude direitinho tudo aqui, que na próxima semana já vai começar a aprender a tocar.

E me entregou o encardido e carcomido “método”, segundo suas palavras.

Achei meio chato aquele monte de símbolos e desenhos em velhas páginas, mas aos poucos, com a ajuda do mestre fui entendendo aquela lógica. As notas, suas variações e seus significados. A semana passou rápido e logo na semana seguinte, ao chegar para a aula ele me entregou um instrumento.

— Agora é hora de aprender a tocar de vez. É seu. Cuide bem dele.

— Meu? Respondi

— Sim, seu! Mas, por enquanto não leve para casa. É para seu uso, mais vai continuar aqui. E as aulas serão apenas três vezes por semana. Você vem dia sim, dia não. E aos domingos, claro, se não tiver apresentação, vamos descansar.

E continuou:

— O Padre Malaquias esteve aqui, disse que se você aprender a tocar para a próxima apresentação e continuar a se comportar bem na rua, ele vai doar a farda da banda para você.

Confesso que fiquei pálido naquele momento e mal acreditava no que ouvia. Era um desafio que se impunha que fosse vencido. Vi naquele momento a real possibilidade de integrar a Lira filarmônica e também uma oportunidade de conhecer outras cidades, outros lugares além daquela Baliza que tanto gostava e amava. Mas precisava saber o que era mesmo aquele mundão de meu Deus, tantas vezes descrito por meu saudoso pai e pelos garimpeiros nômades, que passavam na antiga oficina de ferraria.

Os dias foram passando e fui aprendendo cada vez mais os segredos do mundo musical. Logo dominei a teoria e comecei a dar passos importantes na arte de tocar. Um dia o mestre me disse que eu precisava começar a olhar para outros instrumentos, pois tinha facilidade de aprender. Comecei a aprender as diferenças básicas. E descobri os encantos de tocar, além do bandolim, cavaquinho, violão e viola. Me interessei também por instrumentos de sopro, mas o Mestre pediu calma, que a hora certa chegaria.

Uma manhã de domingo, quando fui ajudar na missa como co-roinha, o Padre Malaquias me disse que ao final esperasse, pois ele queria falar comigo. De início fiquei preocupado e passei a lembrar

dos últimos acontecimentos. Eu na verdade havia me comportado bem, nunca brigara na rua como os outros meninos faziam e além de ajudar, não desobedecia ou respondia à minha mãe. E ia muito bem, segundo as palavras do Mestre Arbués nas aulas de música.

A ansiedade tomou conta de mim e custei a esperar o final da missa. Fui para a singela sacristia e esperei o padre terminar a confissões, batizados e as conversas com as inúmeras beatas que ao final da missa insistiam em permanecer ali, encantadas que eram pela figura do Padre.

Finalmente, o padre Malaquias se dirigiu a mim e disse:

— Mas então, Varjão, estou sabendo notícias suas: o Mestre Arbués tá me dizendo que você está indo muito bem nas aulas.

Tímido, balancei a cabeça afirmativamente.

— Bem, continuou o padre Malaquias, como você está indo bem, eu vou te dar o presente que prometi. No meio da semana, quero que você vá até a casa de dona Almerinda, aquela costureira que mora em frente ao comercio do Sr. Oscar e diga que é para ela fazer sua farda. Ela vai fazer a dos outros meninos da banda e fará a sua também. Diga que fui eu quem o mandou lá. E continue assim, bom menino, obediente à sua mãe, ao seu mestre e temente a Deus. Daqui uns dias, quero ver você tocando na missa.

Eu, sem palavras para dizer obrigado, enchi os olhos de lágrimas.

O padre ainda disse:

— Você vai sair daqui também com um violão. Só faltam as cordas, mas isso o Mestre dá um jeito.

E me entregou um violão envolvido em uma capa empoeirada.

— Cuide bem dele, Varjão. Será seu companheiro agora.

Não me contive, com a dupla emoção. De uma hora para outra, eu ganhara o uniforme da Lira filarmônica do Araguaia, e também era dono de um violão. Isso também significava que eu fora aceito na banda, como integrante. Duplamente feliz.

Ao entrar como musico-aprendiz na Lira filarmônica do Araguaia eu via um novo mundo se descortinar à frente. Até então, só conhecia a cidade onde morava. Me encantava ao ouvir dos garimpeiros e tropeiros as histórias dos lugares de onde vinham. Lugares longínquos, ou próximos, onde homens rudes e fortes construíam impérios, construíam mundos que eu talvez nunca conseguisse imaginar existirem, não fosse os relatos que ouvia.

E em meus sonhos de criança sonhava um dia tornar meu mundo maior, amplo e poder dividir as coisas que ganhasse com crianças pobres, e com os menos favorecidos. O que ouvia me dava um ânimo

*imenso. Sabia que tinha diante de mim um mundo a conquistar e faria tudo para que isso se tornasse real.
Estava feliz e agradecido. Valera muito à pena.*

7 – MOCIDADE – MUDANÇAS

Meu pai contou que após receber o violão e a farda da banda de presente, teve ainda mais estímulos para aprender. O clima com os colegas da banda, que no início era frio e pouco amistoso, aos poucos se tornou muito bom e logo se sentia no meio de amigos. Como tinha grande facilidade em aprender, logo estava ensinando a quem tinha maior dificuldade.

No dia da primeira apresentação, na praça pública de Baliza, sentiu as pernas tremerem, mas dominou a insegurança, a timidez e o medo. Gostou da possibilidade de ser reconhecido não mais como o filho do ferreiro que faleceu, ou da lavadeira que batalhava pela sobrevivência, mas como alguém que era capaz de aprender coisas novas, e assim partir para a vida, para um futuro melhor, e ter melhor sorte que seus pais.

Aliás, meu avô sempre tinha alguma objeção quando ele se dispunha a aprender algo novo. O dia que chegou em casa e disse que iria aprender o ofício de sapateiro, viu que o pai não gostou da ideia. Entendeu que talvez ele quisesse que aprendesse o ofício de ferreiro, mas meu pai não gostava daquilo, além de ligar o fato que meu avô ficara doente pelos males causados pela fumaça, pelo calor da forja e pelo esforço que fazia ao bater a peça que construía na pesada bigorna. O ofício de ferreiro definitivamente não agradava a meu pai.

Após alguns dias como aprendiz de sapateiro, onde rapidamente entendeu a lógica do corte, da costura, da cola e a união das peças de couro, recebeu o convite para aprender a arte da alfaiataria.

Mas meu pai sentia que seus dias em Baliza seriam curtos. Adorava aquela cidade, os pequenos córregos que desaguavam no rio, mas sentia que o mundo precisava ser descoberto por ele. O mundo que homens rudes e mulheres de riso fácil contavam existir, distante dali, para onde ia sua imaginação de adolescente, quase rapaz, mas já tendo sob os ombros responsabilidades, cuidados e obrigações.

Aos poucos, com as viagens da Lira Filarmônica nos povoados da região, começou a conhecer paisagens diferentes, ver pessoas, muitos trazendo na tez a preocupação cotidiana, mulheres e meninos briguentos, pessoas boas e difíceis, mas que aos primeiros acordes emitidos pela banda, aquietavam-se

em respeitoso silêncio, como a receber dentro de si, no mais profundo da alma aqueles sons como um bálsamo que curava dores.

E na maioria das localidades que visitava para se apresentar, o rio, seu grande amigo, sempre estava lá. Como a cuidar e zelar por ele. E parecia dizer: sua vida será junto a mim e nunca nos afastaremos.

8 – ROSARINHA

A Filarmônica Lira do Araguaia cada vez mais ficava conhecida, pela qualidade e mérito de seus integrantes e maestros. Certa vez foram se apresentar em Araguaiana, um pouco mais distante de Baliza e aconteceu algo que marcou e mudou a vida de meu pai para sempre.

Eram as comemorações da festa da Padroeira Nossa Senhora da Piedade e a Filarmônica, muito credenciada, tida como a melhor da região foi convidada para se apresentar. Ficariam na cidade por dois ou três dias e no programa, constava além das apresentações públicas na procissão de louvor à padroeira, uma sessão especial na residência de uma pessoa influente da sociedade local.

Meu pai sempre lembrava esse momento, tido para ele como inesquecível. Estava na formação da banda para saírem tocando pela rua acompanhando a procissão quando notou que puxava a fila o festeiro e ao lado dele, uma moça bonita, segundo suas palavras, “Linda como uma manhã ensolarada”.

Ficou inquieto e não tirou o olhar, segundo disse mais tarde, “daquele anjo de beleza” que ofuscava a todos que estavam ali. Após a procissão, procurou se aproximar, mas percebeu que naquele momento ela não tinha olhos para ele.

Soube que fariam uma apresentação naquela noite na casa de alguém, e torceu que aquela menina-moça estivesse lá. Sentiu imensa vontade de conhece-la, saber seu nome, ouvir sua voz. Ele ainda era um jovem recém-saído da adolescência, mas já tinha modos e responsabilidades como um adulto. E sentiu naquele momento, pela primeira vez a força de uma paixão, de um amor, que carregaria para a vida toda.

Perguntou ao mestre da banda sobre a moça, e ele parou o que estava fazendo, franziu o cenho e olhou sério para ele, dizendo:

— Não é para seu bico. É uma moça de família, afilhada de um dos homens mais importantes daqui e é bom que não fique se engraçando. Acho que ela tem até compromisso de noivado. E você, rapaz, ainda cheirando os cueiros, tá muito novo pra pensar em namoro.

Meu pai ficou desanimado, pensativo, mas logo recuperou seu habitual jeito de ser; ora, afinal, a moça tinha compromisso de noivado, mas não de casamento. Precisava mesmo era saber dela, dar um jeito de se aproximar.

Naqueles tempos, era comum que assim que saíam da adolescência e se tornavam moças, um pretendente fizesse um pedido de noivado, com vistas a um possível casamento para o futuro. Normalmente eram pessoas conhecidas ou membros da família, que esperavam o tempo certo para começar um rápido namoro, seguido de noivado e assim chegar ao casamento.

Após o almoço, permaneceram na cidade e meu pai, juntamente com um colega de banda, resolveu conhecer melhor o lugar. Andaram pelas ruas esburacadas e poeirentas, foram até as cercanias, apreciaram o belo e majestoso rio. Ele gostou do que viu, a cidade era maior e mais movimentada que a pequenina Baliza, onde morava.

Pararam em frente a um amplo salão de bilhar e como ele era muito novo, permaneceu do lado de fora. Ao vê-los, o dono veio até a porta e os convidou para entrar, feliz por receber e conhecer integrantes da famosa Filarmônica Lira do Araguaia.

Conversaram por um bom tempo, quando o proprietário do salão teceu muitos elogios a apresentação que fizeram na procissão. Disse que se pudesse, iria ver novamente, caso se apresentassem e o elogiou pela desenvoltura e facilidade de comunicação. Meu pai saiu dali com a certeza que fizera um amigo, e esperava poder revê-lo.

Foram se preparar para a apresentação da noite. O traje dessa vez seria de gala, um tipo de farda mais elegante, que usariam pela primeira vez. Ao vestir aquelas roupas cheias de galonas e brilho ele se sentiu um homem, e um homem importante.

Se prepararam e ele percebeu que o mestre estava de olho nele. Mas ficou sossegado, afinal, não fizera nada errado e apesar de jovem, já era considerado um dos melhores instrumentistas da Lira Filarmônica.

Ao chegarem, meu pai notou que estava na residência de familiares da sua musa e percebeu a presença dela, além do festeiro, que puxara a procissão. Soube que ele se chamava Antônio Bilego e era sobrinho do dono da casa onde se apresentariam.

E ela estava lá, ao lado de outras jovens da mesma idade, acompanhadas de uma senhora um pouco mais madura. Ao fazer a formação, manteve-se no meio dos colegas, dando a impressão que esquecera o que ocorrera naquela manhã. Viu que o mestre, embora calado, aprovava sua atitude, entendendo como algo natural aos arroubos da juventude e que aparentemente esquecera a donzela.

Ia começar a apresentação e ao adentrarem a ampla sala da casa, ele a procurou com os olhos. Se alegrou ao ver que ela estava sentada bela e de-

licadamente próximo ao canto onde se instalariam. A formação e a posição que o mestre fizera o privilegiou e ele teve a sorte de ficar a poucos metros do local onde ela estava.

Ficou bem em frente, e ao observar os demais presentes, viu em um canto, acompanhado de uma senhora o proprietário do salão de bilhar onde estivera mais cedo, a quem cumprimentou com um aceno de cabeça, obtendo deste uma resposta da mesma forma. Sentiu-se confortável, poderia saber daquele novo amigo alguma coisa sobre a moça, que estava ali diante dele, tão perto e ao mesmo tempo, tão longe.

O maestro deu início ao sarau, explicando aos presentes como seria, primeiramente, uma seleção de canções populares, e depois o jantar seria servido. Continuariam com canções românticas, e se o proprietário da casa permitisse, casais poderiam até dançar.

Nessa apresentação, meu pai alternava violão e bandolim. Quando podia discretamente lançava olhares em direção à amada, que parecia não notar. Mas tanto insistiu que obtive dela a reciprocidade nesse olhar, principalmente no momento da apresentação pessoal dos músicos e na vez dele, caprichou em um solo no instrumento, recebendo longos aplausos dos presentes. Sorriu como se fosse para todos, mas olhando diretamente a ela que também sorriu, deixando-se embevecido naquele precioso instante.

Ao final o proprietário da casa, Emiliano Costa ao lado da esposa, Mariquinha, fez um breve discurso onde cumprimentou o maestro, músicos, parabenizando-os pela brilhante atuação. Após isso, invocou em oração a proteção da Padroeira, Nossa Senhora da Piedade e convidou os presentes, seletos amigos segundo suas palavras, para o jantar que seria servido. Meu pai soube que o Sr. Emiliano e a esposa Dona Mariquinha eram padrinhos da moça, – Rosarinha era o nome dela – que perdera o pai fazia algum tempo.

No dia seguinte, após arrumar as coisas para voltarem à Baliza, foi dar uma volta na cidade e casualmente encontrou o homem do salão de bilhar. Parou para conversar com ele, que o convidou a ficar e trabalhar para ele, pois estava precisando de alguém desenvolvido para tomar conta de um salão que abriria em um povoado próximo à Barra Cuiabana. Meu pai, pego de surpresa disse que iria a Baliza, conversar com a mãe, e se ela permitisse, mandaria recado para ele.

Despediu-se do homem e seguiu para onde estavam os integrantes da Filarmônica, chegando praticamente no momento em que deveriam partir.

Embarcou no velho e resistente batelão que os levaria a Baliza e apesar do desconforto da viagem voltava com o coração cheio de alegria. Tinha conhecido alguém que dera a ele um novo jeito de ver a vida, querer progredir, conhecer mais do mundo e vencer na vida.

E saíra de lá com uma possibilidade de conseguir um trabalho diferente do que era acostumado até agora. Desde menino trabalhava em tudo o que aparecesse, de buscar lenha no mato, água pura e límpida nas bicas, tinha sido ajudante de olaria, de sapataria, fazia limpeza de lotes, e até andou tentando a sorte nos monchões e grupiáras dos garimpos, junto com o pai. E ainda encontrava tempo para estudar, aproveitando as oportunidades que tinha.



Rosarinha – Arquivo pessoal Malba Varjão

9 – NOVOS RUMOS, NOVOS CAMINHOS

Ao chegar em casa, abraçou a mãe e notou que ela não se sentia bem, estava febril e prostrada. Mas nada comentou. Foi conversar com seu amigo, o Padre Malaquias, sobre os últimos acontecimentos e dele recebeu conselhos, que se por um lado precisava estar ao lado da mãe, por outro a vida se apresentava a ele, que já estava quase um homem feito – lembrou das palavras do religioso – “Homem no caráter você já é, falta idade apenas”. Falou ainda sobre a sensação de ter encontrado a mãe doente, e o padre disse que ela não viera à missa naquele domingo.

Nos dias que se seguiram, continuou com seu trabalho na cidade, ora na oficina de sapataria, ora na alfaiataria, ou mesmo limpando lotes quando

aparecia algum, além de rigorosamente comparecer à escola e aos estudos na casa do Mestre Arbués.

Notou que a mãe tivera uma boa melhora e resolveu dizer a ela do convite que tivera para trabalhar no salão de bilhar. A mãe, bondosa como era, encheu os olhos de lágrimas, mas disse que fosse se achasse que estava na hora certa, que seguisse seu caminho, pois a situação da cidade onde viviam não era das melhores e ele estava se tornando homem e precisava buscar um futuro melhor, algo que ela e seu pai não tiveram. E que não esquecesse de sua mãe, que voltasse sempre para vê-la, afinal, não era tão distante o local para onde iria.

E assim ele fez. Passados alguns dias, arrumou seus poucos pertences, tomou a bênção da mãe e embarcou no Batelão do Faustino e após longa e cansativa viagem, chegou em Araguaiana, indo direto ao salão de bilhar. O dono, Públio Chaves, ao vê-lo demonstrou satisfação e alegria, afirmando que ele havia chegado em boa hora, pois estava de saída para “Monchão do Arueira”, um povoado pouco acima das águas quentes da Barra Cuiabana, onde havia se formado um garimpo de diamantes que crescera rapidamente e local em que ele abriria um novo salão de bilhar.

Passado um pouco, lá estava ele em cima da carroceria desconfortável de um caminhão, rumo a um destino que esperava ser melhor do que aquilo tivera até agora.

Chegaram, descarregaram as mesas e o material para o salão e meu pai não simpatizou muito com o povoado. Sentiu que era pouco o movimento e não dava para vislumbrar muito futuro ali. Por outro lado, havia muitos garimpeiros indo e vindo, a maioria instalados em acampamentos provisórios e outros morando em ranchos de pau a pique, cobertos de palha de coqueiro. Mas resolveu ficar e esperar a proposta do patrão, afinal, quem sabe as coisas poderiam dar certo.

Combinau uma retirada semanal em comissão a título de salários e ele moraria nos fundos do salão. Começou a aprender o serviço, ouvindo atentamente as recomendações, a maneira de tratar os clientes e as regras do jogo.

Após uma boa limpeza, nivelaram as mesas e abriram o salão. Pouco a pouco foram aparecendo jogadores, que ele logo ficou conhecendo. Uma coisa meu pai notou: todos os homens ali andavam armados, o que era comum no garimpo. Quem não podia possuir um revólver, andava com uma faca na cintura ou um facão pendurado. Para se proteger, diziam.

O patrão ficou com ele o restante da semana, e esse tempo foi suficiente para que aprendesse como se relacionar com os frequentadores e o que era e não era permitido. Sentiu que o movimento era pouco, para ele, insuficiente para manter aquele local. Mas, permaneceu.

Um dia antes do patrão voltar para a cidade em que morava, foi apresentado ao subdelegado de polícia do povoado, a quem pediu que o ajudasse

em caso de alguma necessidade. A autoridade, um sujeito com cara de mau, dentes cariados e barba por fazer, grunhiu alguma coisa, mas deu a entender que se precisasse era só procurá-lo, que estava à disposição.

O patrão então partiu para Araguaiana, dizendo que que voltaria na semana seguinte. Ao vê-lo virar as costas, se sentiu só. Agora tinha diante de si o mundo, longe da mãe e sem seu amigo Padre Malaquias por perto. Estava em terra estranha, em um lugar onde tudo era hostil; só tinha a si mesmo, porém não havia outra opção: era ter coragem, trabalhar e dar conta de suas obrigações.

A semana que se seguiu fora até boa do ponto de vista do movimento. Passou alguns sustos, com homens discutindo em voz alta, mas a presença constante do subdelegado de polícia parecia amainar os ânimos e os valentões acabavam se entendendo.

Na outra semana o patrão chegou e ele prestou conta rigorosamente de tudo o que acontecera, deu todos os detalhes da semana e passou o dinheiro auferido.

Achou que o patrão ficaria mais alguns dias, mas logo ele disse: estou voltando. Obrigado, você cuidou direitinho do negócio, foi muito responsável e deu conta de suas obrigações. Estou muito satisfeito. Tome aqui esse dinheiro, é o seu pagamento da semana. E despedindo-se, disse que fosse esperto, tomasse cuidado, que na outra semana viria.

Meu pai olhou para aquelas cédulas emocionado e com certa surpresa. Para ele era muito dinheiro, nunca havia ganho aquele tanto. Lembrou do que costumava receber pelos lotes que limpava, às vezes carregando para longe o lixo, entregando água nas casas em trocas de poucas moedas, enfim, o que ganhava em um mês inteiro era infinitamente menor do que aquele valor que auferira em apenas uma semana. Ficou feliz, lembrou da mãe e pensou: agora, vou poder ajudá-la de verdade.

Nas semanas e meses que se seguiram a rotina foi a mesma. À medida que o tempo passava foi estreitando os laços de amizade com os frequentadores do local, que ficavam admirados como aquele rapaz de tão pouca idade era educado, responsável e sabia tratar a todos com o mais absoluto respeito e cordialidade, e mesmo em momentos difíceis conseguia conciliar e evitar maiores discussões. Passou a ser benquisto, e ficou conhecido como “O menino do bilhar”.

Nas horas vagas, tocava um velho violão que alguém esquecerera no salão, com saudades de casa, de sua mãe e do violão que lhe dera o padre Malaquias, que não pudera trazer. Sentia falta também do convívio com os colegas da banda, dos estudos de música, dos mestres. E lembrava com saudade o sorriso e o olhar terno da menina-moça que o encantara.

Naquele tempo que estava trabalhando, já havia juntado uma importância que se não era muito, diante do pouco que tinha costume, tornava-se uma quantia considerável.

Passou o fim de semana e o patrão dessa vez não apareceu como de costume, veio somente no meio da semana seguinte acompanhado de um homem, a quem vendera o bilhar. Assim que pôde, colocou meu pai a par do negócio e disse que se ele quisesse continuar trabalhando com o novo dono, poderia negociar. Mas, meu pai achou melhor que não, aquele homem tinha família numerosa, que certamente moraria também no bilhar e logo o dispensaria, por não ter necessidade de muita gente ali.

Era julho de 1940 e meu pai resolveu voltar para Baliza e saber como estava sua mãe. O agora ex-patrão agradeceu a ele sua dedicação e após acertar os dias trabalhados, ainda lhe deu uma generosa gratificação. “Pelo seu cuidado e honestidade para comigo”. Antes, pediu que fosse com ele até Araguaiana, para ajudar a fazer a descarga de sacos de mantimentos – arroz, feijão – que adquirira. Meu pai de pronto atendeu e, embora isso fosse atrasar um pouco sua viagem à Baliza, sentiu que não poderia dizer não. Era trabalho pesado, mas para um jovem forte como ele, não seria difícil.

Ao conversar com o patrão, teve o tino de perguntar pela moça que tanto gostara, e soube que ela continuava morando com a mãe em Registro do Araguaia – cidadezinha que ficava à margem direita do Rio Araguaia, frente a Araguaiana.

Novamente, meu pai em cima de uma carroceria de um caminhão naquela estrada poeirenta e esburacada, porém mais vivido, experiente e conhecedor da vida.

Não demorou muito e chegaram à Araguaiana. Após descarregar o caminhão, despediu-se do agora ex-patrão e amigo, e ao passar em frente ao armazém do Sr. Emiliano Costa, resolveu entrar no estabelecimento, sendo imediatamente reconhecido e cumprimentado por ele.

Conversaram rapidamente sobre os últimos acontecimentos e o comerciante disse que recebera de Públio Chaves ótimas referências e recomendações de sua pessoa, quer pela vivacidade, coragem e honestidade. E disse que se quisesse, tinha uma vaga de emprego, que ele poderia vir trabalhar já iniciando de imediato.

Mas apesar do coração pedir que ficasse, agradeceu e disse que precisava ir a Baliza ver a mãe, saber notícias dela. Num átimo de coragem, perguntou por Rosarinha. O comerciante, surpreso pelo atrevimento, gaguejou, e após ficar pensativo, respondeu com uma pergunta: você sabe quem é Rosarinha?

Percebendo que era tudo ou nada, apenas disse que ela era a moça mais bonita que já vira até aquele dia. Com um semblante sério e grave, o comerciante o chamou para um canto nos fundos do armazém, ofereceu uma cadeira e contou a história dela.

Disse que ele era tio, padrinho e responsável pela moça, compromisso assumido junto ao pai dela, seu compadre, no leito de morte; e que ela era

uma moça muito inteligente e estudiosa. Meu pai ouviu tudo calado, mas de olhar firme no seu interlocutor, que se certa forma que se sentia admirado pela coragem do rapaz.

Rosarinha era mesmo aquilo que se podia chamar de uma moça prezada e educada. Morava com a mãe em Registro do Araguaia, situada frente a Araguaiana, na margem goiana do rio. Quando os pais moravam na fazenda, era aluna interna no colégio das irmãs salesianas em Araguaiana, e após a fatídica perda do pai, veio juntamente com a mãe e os irmãos morar em Registro do Araguaia, próximo aos tios e padrinhos.

Continuou estudando no colégio das Irmãs Salesianas de Araguaiana, porém como externa. Lá, estudava sob os cuidados e orientação da Irmã Adélia Maluf. Boa aluna, obediente, disciplinada e muito inteligente, logo recebeu a afeição de todos, que se encantavam com seu jeito de ser.

Irmã Adélia tinha Rosarinha em grande conta. E ela fazia jus a essa afeição, pois com a religiosa aprendera muita coisa, desde trabalhos manuais, como bordado, pintura e outras habilidades até ser boa administradora nas coisas de um lar.

10 – IRMÃ ADÉLIA MALUF, SALESIANA

Irmã Adélia Maluf fez história no estado do Mato Grosso. Era bastante rígida em suas normas e na maneira de conduzir uma instituição, mas por outro lado, um poço de bondade. E afeiçãoara-se a Rosarinha, tendo-a como uma de suas pupilas preferidas.

Segundo consta em sua biografia, disponibilizada pela Inspetoria das Filhas de Maria Auxiliadora em Cuiabá, Irmã Adélia Maluf era filha de imigrantes Sírios, e nasceu em Corumbá, Mato Grosso – depois Mato Grosso do Sul – em 2 de dezembro de 1908.

Teve a graça de uma velhice longa, fervorosa e lúcida até o fim, falecendo em 27 de dezembro de 1997.

De sua família e vocação, ela mesmo escreve:

“Os membros de minha família eram meus pais, três irmãos e seis sobrinhos. Meu pai era comerciante e minha mãe costureira. Transferidos para Cuiabá, aqui estudei e me tornei catequista. Frequentando o Asilo Santa Rita, gostava de estar no meio das irmãs; daí nasceu a minha vocação. Orientou-me para o Instituto da Filhas de Maria Auxiliadora o inesquecível Dom Aquino Corrêa e a saudosa Irmã Assunta Fabri.

Encontrei muita dificuldade, pois minha mãe não queria de modo algum, dar-me a licença. Foi com muita oração e ajuda de Dom Aquino que consegui da licença.

Fiz o Aspirantado e Postulado no Asilo Santa Rita em 1927. O Noviciado em São Paulo de 1928 a 30, onde aprendi as maravilhas da vida consagrada a Deus.

Os meus principais ofícios foram: assistente de internato e externato, professora, bibliotecária, diretora em algumas casas, Secretária Inspeitoral e responsável, por seis anos, do Instituto das Missionárias do Bom Jesus, fundado pelo Arcebispo Salesiano Dom Orlando Chaves.

Apiedade sempre foi para mim, o essencial da vida. Sempre gostei da vida comunitária e do trabalho com os leigos, especialmente na catequese. Ajudou-me a superar os momentos de dificuldades, o pensamento do futuro prêmio que espero receber do bom Deus”.

Os seus escritos por ocasião dos exercícios espirituais sintetizam sua vida: amor a Jesus, a Maria e ao próximo.

Conforme consta na biografia, Irmã Adélia “era enérgica, talhada para a liderança, no entanto era-lhe peculiar saber mandar pedindo, virtude essa que tornava suave sua influência de líder e por vezes, cativante a sua pessoa. Era ativa e profunda nas coisas de Deus. Em assuntos espirituais se emocionava com facilidade e as lágrimas, quando não contidas, corriam. Incondicional Filha de Maria Auxiliadora, de Dom Bosco e Madre Mazzarello, deixou escrito seu lema: Amar, sofrer, sorrir, calar. Lema este que procurou viver durante toda sua longa jornada.

11 – TRISTEZA NA VOLTA A BALIZA

Após a conversa com o Sr. Emiliano Costa, meu pai apenas baixou o olhar quando ouviu que ela tinha um compromisso de ficar noiva de um rapaz da família, que se comprometera a voltar em determinado tempo – mas que não sabia o motivo que ainda não aparecera.

Conversaram ainda sobre outros assuntos, quando ficou sabendo que um barco estava prestes a partir e resolveu aproveitar a oportunidade, pois chegariam ao destino ainda no início da noite.

Despediu-se e ainda ouviu que se quisesse, a vaga de emprego continuaria disponível. Agradecendo a atenção, meu pai prometeu voltar.

Novamente estava ele, enfrentando mais uma viagem, porém, seu pensamento era outro. Enquanto o barco singrava as águas do belo Araguaia, refletia o quanto foram bons aqueles últimos tempos, apesar da distância da mãe. Trabalhou em um povoado desconhecido até então, conviveu pessoas de diversos matizes, ganhou uma pequena quantia em dinheiro e tinha um convite muito especial: trabalhar com o padrinho da moça pela qual se apaixonara. Podia até não dar certo, pois se o rapaz que tratara noivado aparecesse, possivelmente ele não teria chance.

Chegou em Baliza já noite escura. As ruas eram as mesmas, os cães os mesmos, os buracos os mesmos, os bares e os homens nas ruas os mesmos. Nada ou quase nada mudara ali.

Ao se aproximar de casa achou estranho a presença de pessoas em uma pequena aglomeração no local. Súbito, temeu pelo pior. Sentiu as pernas bambearem, o coração acelerar, mas munido de coragem e com o andar lento, se aproximou. Seus medos se confirmaram. O Padre Malaquias, que ali estava, ao vê-lo, disse:

— Foi Deus quem te enviou hoje, meu filho.

E após abraça-lo, ternamente disse:

— Sua mãe faleceu há pouco.

Recebeu o abraço apertado, emocionado e silencioso de Mãe Maria, sua “ama de leite”, a quem também considerava sua mãe.

Sentiu o choro, a dor e a tristeza se manifestarem implacavelmente. Conteve o soluço, mas não as lágrimas, que copiosamente escorreram pela face.

Se aproximou do catre onde a mãe estava em seu último repouso e sentiu ternura, ao ver a expressão no rosto sofrido daquela mulher simples, retirante nordestina, que um dia ao lado do marido e do filho buscara o sonho de uma vida melhor.

Talvez em seu coração nem tivesse ambição ou o desejo de riqueza, a ilusão que o garimpo oferecia, mas apenas a simplicidade de uma mulher honrada, que deixara sua terra natal e acompanhara e cuidara com desvelo do marido e do único filho que a vida lhe permitiu criar.

E essa vida agora se desvencilhava de seu pequeno e frágil corpo, libertando-a de seu sofrimento, de duas dores. Morrera sem se despedir do filho, a quem tanto amava. Mas, ele viera, estava ali a tempo de contemplar sua face pela última vez, antes que fosse para a morada eterna.

Meu pai lembrou do momento da morte do meu avô, quando teve que pedir um sabonete para dar-lhe um último ar de dignidade. Resolveu que, se não pudera dar à mãe o dinheiro que ganhara nos últimos meses, ao menos daria a ela um enterro digno. Iria encomendar uma mortalha, para que fosse para a última morada tendo aquilo que talvez nunca tivesse tido em vida: uma roupa nova.

Anos depois, meu pai publicaria um poema, dentre outros que compôs, homenageando sua mãe. O poema consta no livro “O Garimpeiro”, publicado em 2000.

MINHA MÃE – Autor: Valdon Varjão

*Nestas rimas que aqui estão escritas
E que, por vezes já reli chorando,
Da tua vida são páginas transcritas
Que na lembrança, sempre irei
Guardando.
Quantas cenas vão britando-me na mente
Revivendo nossa história muito linda...
Voltando a um passado, tão presente
Vejo-te lavando roupas, ainda.
Busquei-te, então, na santa eternidade
E, contigo, lado a lado vou seguindo
Dedilhando na lira da saudade,
Aqueles acordes que cantavas-me tão lindos.
São versos pobres... Hás de ver,
Mas dentro deles ponho minha alma inteira!
E, lado etéreo se puderes ler...
Leias-os, são teus, querida companheira.
Derramei em cada verso o meu carinho
E a saudade, que ao partires me ficou...
Na sequência desta estrada que caminho,
Tu és a luz que nunca se apagou.
Foste na terra como o grão fecundo
Que germinou searas e a tantos deu o pão!
Fizeste belo o teu pequeno mundo!
Tinhas no peito um grande coração.
Não passaste apenas pela vida,
Como as nuvens mudas e peregrinas...
Sem te ergueres orgulhosa, envaidecida,
Foste grande em tudo, com aparência pequenina.
Grande pelo amor, maior pela coragem,
Imensa na bondade que abençoa!
Jamais vencida pela atroz voragem
Da ímpia mágoa, que a culpa não perdoa.
À sorte ingrata, nunca sucumbiste!
O jardim da vida deu-te sempre espinhos,*

Mas amaste e amada tu partiste,
 Deixando flores, muitas flores nos caminhos!
 Quando a mudez da morte te calou
 E fechaste os olhos para o sono eterno,
 Dentro de mim algo se quebrou,
 Como se quebra o sol no frio inverno.
 Acheguei-me a ti... Cruel momento!
 Quem de nós! Nessa hora sofreria mais?
 Eu que não ouvi teu último lamento
 Ou tu, por não ouvires meus tristes ais?
 O tempo passa e resta-nos saudades
 Amarga ou doce a acompanhar a gente...
 Foi-se contigo, Mãe, para a eternidade,
 O meu escrínio de joias mais fulgente!
 Se ter-te não mais posso, sinto-te comigo,
 Os olhos d'alma a repousar em ti...
 Assim, ti ouço e o teu falar amigo,
 É a voz mais pura que jamais ouvi.
 Morrer! Morrer é apenas se despir
 Do corpo efêmero que emprestado temos...
 A imaginária, alma a se extinguir
 Da matéria temporária que tivemos.
 Por tudo isto, se estás morta? Não creio!
 Tenho alegrias porque o pranto me entristece,
 Nas noites em silêncio com devaneios
 Tua canção ainda me adormece.
 Mãe! Vai nestes versos uma prece comovida:
 Das saudades que ainda compartilho,
 Inda és, como dantes, minha querida!
 Sou, como dantes, teu amado filho!"

Ao reviver esses fatos, recordo o discurso emocionado de meu pai, quando recebeu o título de cidadão Barra-Garcense, em 6 de abril de 1982. Em determinado momento do discurso ele contou sua história, falou de sua infância em Baliza. Ele assim proferiu:

“Nas barrancas do Araguaia chegávamos, eu, na idade tenra de quatro anos de idade, onde fui moleque e menino, e de logo me adaptando as circunstâncias do meio, dentro dos limites de uma vida de modesto retirante, sempre amalgamando à personalidade e sonhando conseguir alguma coisa de melhor naquele ambiente de certa

agressividade, imposto pela própria atividade de revolver e anaçar a terra para buscar em meio a cascalho a possível fortuna escondida nas pedrinhas brilhantes”.

E descreveu de maneira poética Baliza e sua infância, em sua primeira crônica publicada:

“Recordar é viver

Não é angustia da idade ou pesadelo da infância que me leva a sonhar com o passado e me invade o desejo constante de reviver a minha vida meninil.

É o recordar da minha adolescência que fluiu na década de 1930/40. Menino como os outros daquele tempo, tinha um imenso prazer de viver a vida singela e rustica, pobre de recursos financeiros, mas rico de esperanças. Vivía uma vida de paz ao lado de meus progenitores, biscateando eventualmente alguns trocados para ajudar no sustento da vivenda, desprotegida pela sorte na humildade de um lar pobre.

Éramos felizes e contentes.

O pai, um pobre ferreiro, doente e senil; a mãe, uma abnegada lavadeira no sol causticante dos lajedos do córrego Luiz Lima, onde, nos folguedos, acompanhado dos colegas da mesma idade, brincávamos de fazer reguinhos para tocar monjolos ou rodamoinhos. Ali, nos extasiávamos com nossos engenhos.

Nos morros bordejantes do Tanque do Antãozinho ou no Morro do Cacildo, onde jamais cessava o ciciar dos ventos cálidos, com os pés descalços, troncos nus, procurávamos catar frutos silvestres, como jatobás mirindibas, mangabas, gabiobas, araticuns, cagaitas, marmeladas, puçás, croadinhas, pitombas, pequis, cajuzinhos e outros, para saciar a gulodice infantil.

Na vida rotineira do arroz-com-feijão, buscava nos folguedos inocentes iludir o tempo e viver a infância e adolescência saudosas.

Na rudez do destino, meus pais, carinhosos e preocupados, emolduravam pouco a pouco minha consciência com bons conselhos e exemplos honestos, já que não tinham recursos para doar-me uma instrução aprimorada, pois no local em que vivíamos, cidade interiorana e garimpeira, não oferecia oportunidade aos filhos dos que não pudessem dali sair e procurar colégios.

No dia-a-dia era uma iniciação de aprendiz de sapateiro, outro de alfaiate e até de músico da furiosa filarmônica.

Lembro-me que certa vez, procurado onde estava trabalhando, meu pai retrucou:

— Não quero filho com profissão de alfaiate, sapateiro ou coisa que o valha; profissão é boa enquanto se tem saúde. A família do profissional não perece de fome; entretanto, quem trabalha não tem tempo de ganhar dinheiro. Profissão eu tenho dez e no entanto, tenho onze necessidades; se pudesse educa-lo, seria o ideal. Como não posso, espero que aprenda com honestidade a sobreviver, pois o mundo é a melhor escola da vida e nada se sobrepõe à lição de um dia após o outro.

Sábia lição recebida naquele instante impensado de meu pai.

A vida é realmente como um rio, segue seu destino e não existe empecilho que o detenha.

Naquele tempo, homens generosos e puros d'alma existiam semeados pelos rincões abandonados, movidos pela fé e pelos sentimentos do bem.

Lembro-me de alguns deles. Não me esqueço daqueles que, certa feira, inspirados pelos bons sentimentos de progresso, criaram escolas que difundiram conhecimentos que depois foram se lapidando no decorrer da vida.

Foram colaboradores da obra educacional pedagógica, bons e abnegados professores a quem quero reverenciar na memória de todos que ali aprenderam as primeiras letras.

Não posso omitir os nomes dos professores Doquinha, Celeste, Barroso, Alzira Silva, Luci, Deocleciano, Professor Montalvão, Pedro Arbués, Calixto Côrtes e tantos outros de saudosa memória que, no convívio fraterno, prendiam professores e alunos num elo da mais pura amizade e respeito.

Lembro-me com saudade da bandinha dos maestros Braga, Negro, José Pistom e Regino, onde uma plêiade de alunos e músicos conviviam.

Parecia um lar, todos irmanados naquele ideal filantrópico, sem recompensas monetárias, participando daquelas tertúlias inesquecíveis que ficaram estereotipadas no meu cérebro e jamais se apagarão com o decorrer do tempo, que já se vai por mais de meio século.

Quando meu filho cursava Engenharia Civil, no ano de sua formatura, pedi a ele que seu primeiro trabalho profissional fosse o projeto de arquitetura de seu avô paterno, enterrado em cova rasa, na necrópole primitiva de Baliza. Para ali nos dirigimos com o intuito do estudo topográfico, entretanto não pude localizar com precisão onde estavam enterrados os restos mortais de meu valho pai.

Daí me surgiu o ideal de escrever livros que falassem daquela cidade, berço de minha infância, já que no torrão de nascimento não tivera a felicidade de viver a meninice.

Daquela época pra cá fui catalogando fotografias do antanho, para reviver o passado, pois só fotografias tem o poder de deter o tempo e fazer reviver lances já esquecidos, trazendo-nos recordações e saudades, fazendo o reencontro com a vida de menino, daquele menino pobre, alegre, feliz, cheio de sonhos mirabolantes que, saindo do casulo infantil, se metamorfoseou com as asas da vida.

Veç por outra faço meus filhos e netos tomarem conhecimento das passagens difíceis vividas num rancho humilde, onde nas noites chuvosas a mãe escolhia cantos menos gotejantes da casa para acocorar com os filhos, naquelas horas intermináveis e mal dormidas.

Nas tardes do dia eu comparecia aos matadouros de gado para ajudar na labuta da descarnadura das reses e dali conseguir vísceras, mocotós, cabeças, buchadas que tratados por minha mãe, se transformavam em sustento.

São lances de uma infância humilde que não desmereceu a honra, porque, mesmo na mais absoluta pobreza, vivíamos honestamente, sem passado que enodoasse o clã.

Quando visito vez por outra Baliza, cidade interiorana despida de prédios, lembro-me dos pontos principais; da casa que não existe mais, da Igreja Matriz, arquitetura do ano de 1935; do pedral do porto onde banhávamos com alegres folguedos; da biquinha da praça, onde buscava agua para vender (na cidade não havia agua encanada); do Tanque do Antãozinho, onde trabalhei ganhando dois mil réis por dia, das seis as dezoito horas, interrompidas apenas por uma hora de intervalo para as refeições. Como fiscal, o velho proprietário, usando um relógio despertador pendurado nos dedos, dizia: “está no oral”; queria dizer: “é hora de trabalhar”.

Recordo-me do bumba-meu-boi, dança do folclore nordestino, que era exibido e ensaiado por João José, um nordestino amante das tradições. Das serenatas realizadas, ao som de violões ou violinos, por cantores amadores do tempo em que a música ainda era romântica e não havia sido estuprada pelo rock-and-roll ou sons percucientes dos metaleiros.

Hoje, ao presenciar a nova Baliza, decadente, diferente quando comparada com a de minha meninice, contendo gravadas na memória aquelas riquezas garimpeiras, de dinheiro jorrando em algumas mãos e a pobreza rondando muitos lares.

Vejo ali destruído o largo do Areal, em frente da Igreja, local de nossas peraltices. Perplexo, me interrogo: Foi um absurdo? E concluo: foi!

Destruíram nosso castelo de folguedos; e entre recolta e melancolia encontro a resposta: é o preço do progresso. Construções ou calçamentos de ruas destroem as pacatas vilas interioranas, o que não nos convence. No nosso entender, o patrimônio histórico é a mais sagrada riqueza, é o tempo no espaço, é o homem no seu momento, é a cultura nas suas raízes, é a vida eternizada.

Por que transformar e destruir marcas do passado?

Aquele Areal de nossos folguedos meninis representava para nós um cenário, como representa para o mundo a conservação das Pirâmides do Egito, o Coliseu de Roma, as muralhas da China, em toda a sua majestade.

São ao cervo dos dias que se somaram na curva de suas existências. Por que sinais e marcas se o homem tudo depreda e destrói; tudo devora e não perpetua?

A destruição daquele Areal foi, no meu íntimo meninil, um crime, uma violação aos meus sentimentos de balizense de coração. Destruir como destruíram, não está na Lei de Deus.

É certo que o progresso se faz por estágios e surge como decorrência de épocas, mas há patrimônios que representam memórias... e destruí-los, é um sacrilégio. Na angústia de mudar, com a rebeldia que tem o homem, terá a terra, em breve, um solo de desertos, sem termos nada para o viver social, sem as parcas para as recordações.

Todas as vezes que visito Baliza lembro-me da infância ali vivida e volto decepcionado e, por que não dizer? Revoltado, julgando não ser aquela a cidade que vi quando menino. Foi um passado que deixou de existir. Quando passo ali, me ponho cabisbaixo, mirando meus próprios pés, esses pés que pulavam muros e quintais para colher frutas; esses mesmos pés que sapateavam e dançavam de alegria com as vitórias vividas por seu povo; esses mesmos pés que driblavam meus pais para as fugas de namoros ou peraltices; esses mesmos pés que me levaram a correr nas peladas nas várzeas.

E estabelecendo um utópico diálogo, parece que meus pés dizem veladamente uma mensagem, a mensagem da realidade. E assim, sussurram: — “Aqueles dias que ainda vivem em tua memória foram os primeiros passos de teus pés para a vida. Curva-te hoje ao peso das recordações. Segue em frente, pois daquela Baliza visionária de tua

mente daquela Baliza faustosa, hoje só restam quimeras de saudades e recordações. Um dia também serás transformado, e que esse dia não seja breve. Defronta-te com a realidade, porque tudo na vida tem fim”.

E hoje, eu quedo absorto e me pergunto: a propósito, onde andam meus passos?”

12 – A VIDA SEGUE. AGORA, O MUNDO!

Meu pai entendeu que nada mais tinha a fazer em Baliza. Gostava da cidade onde vivera sua infância, mas definitivamente, após conhecer um pouco mais do mundo, decidiu que era chegada a hora de bater asas, buscar outros caminhos. Iria em busca de seus sonhos, tornar realidade aquilo que de certo tempo para cá tanto almejava.

Na pequena localidade situada na margem goiana do Araguaia, outrora movimentada e agora, calma, apesar das dificuldades, da pobreza e de amigos queridos e que foram importantes em sua vida, ficariam os momentos felizes em sua lembrança. Sempre recordaria os folguedos, as brincadeiras, as pessoas que o acolheram. Ficariam ali também para a eternidade os restos mortais de seus pais.

Restava o sentimento de gratidão, carinho e a saudade. Agradecimento à uma cidadezinha e a seu povo que acolheu a ele e sua família. Carinho por ter recebido tanta coisa boa dos pais, por terem incessantemente mostrado a ele o valor da retidão de caráter, da honestidade, da honra. E saudade, dos momentos vividos, dos sonhos que chegara a ter com toda a família junta. Mas agora, era ele sozinho no mundo. E o mundo esperava por ele, tinha dentro de si essa certeza.

Era chegada a hora de ir. Deixou a humilde morada, a casa simples onde crescera para Mãe Maria, cujo coração era cheio de bondade e sempre estivera ao lado da família em todos os momentos da vida.

Despediu-se dali calado, com um nó na garganta, o peito apertado, mas tinha no olhar o brilho da esperança e a certeza que alcançaria as vitórias que tanto queria. E sentiu o coração bater ainda mais forte ao lembrar do sorriso terno daquela menina-moça que o encantara.

O mundo, infinito, estava à sua espera. Antes de ir, foi até a casa do mestre Arbués, agradecendo e despedindo-se de todos. Depois, na casa paroquial pediu ao amigo, ao querido Padre Malaquias que o abençoasse. Poucas palavras, afinal, estavam os dois tomados pela emoção.

Um abraço fraterno, o sinal da cruz com os dedos unguídos por óleos sagrados e um emocionado “Deus te abençoe, meu filho”.

Era hora de partir. E ele partiu!

13 – BARRA CUIABANA

Meu pai chegou em um início de tarde naquele lugar de ruas irregulares, poeira e calor característico da região. Ao descer do batelão permaneceu na margem do rio, contemplativo e admirando aquelas águas. O rio dali era o mesmo rio que passava em Baliza, cujas águas costumava reencontrar nas viagens com a Lira Filarmônica. Mas naquele local parecia ter algo mágico, na mistura águas, servido que era pelo Garças.

Por algum tempo, ficou a observar o movimento de pessoas em pequenas e frágeis canoas, que em infundável ir e vir cumpriam suas sinas, seus destinos. Procurava enxergar o rosto daqueles que passavam subindo ou descendo o rio e imaginava que cada um trazia dentro de si um mundo, um universo próprio. Talvez nem mais tivessem sonhos, ambições, afinal, sobreviver já era o bastante.



Encontro dos Rios Garças e Araguaia anos 1940 – Acervo Valdon Varjão

Eram índios, garimpeiros de diamante, pescadores, caçadores, comerciantes. Na margem, mulheres acompanhadas por uma grande quantidade de meninos irrequietos e barulhentos lavavam roupas, que estendiam na vegetação.

Ao ver aquelas imagens, sentiu saudade da infância, da mãe, que também fora lavadeira. Se encantou com a serenidade do Rio Araguaia que acolhia placidamente o Rio Garças, com as águas se unindo e formando um só leito. Silenciosamente se entrelaçavam, seguindo agora por um único caminho.

Apesar da aparência calma, quase inerte, sabia ser impossível contê-lo, ele tinha que seguir seu destino. Ninguém conseguiria jamais imobilizá-lo, pará-lo, pois ele precisava continuar até encontrar outros rios, juntar-se a eles até atingir o mar.

Do outro lado à margem direita, algumas poucas casinhas rústicas e simples, cobertas de palha de coqueiro e cercadas pelo verde da mata. Formava uma bela imagem, com o verde contrastando o branco das praias.

Deixou o rio para trás, em seus pensamentos e foi em busca de encontrar uma condução que o levasse a Araguaiana onde iria procurar o Sr. Emiliano Costa. Mas, naquele momento precisava encontrar um local onde pudesse almoçar, pois estava somente com o café da manhã e o estômago começava a reclamar.

Andando pelas poucas ruas da Barra Cuiabana, encontrou um salão de bilhar e na porta, o festeiro que conduzira a procissão em Araguaiana, quando viu pela primeira vez Rosarinha. Era o Sr. Antônio Bilego, sobrinho do Sr. Emiliano Costa, que abrisse aquele salão ali, não fazia muito tempo.

Parou e o cumprimentou, mesmo ele não o reconhecendo de imediato e ao se apresentar, recebeu como resposta a pergunta se ele era o rapaz que tocava na Lira Filarmônica e que trabalhara com Públio Chaves.

Meu pai confirmou e após breve diálogo, recebeu a proposta para trabalhar com ele, pois sabia bem como era o funcionamento de um salão de bilhar e poderia ajudá-lo em outros negócios. Com certa preocupação, meu pai disse da proposta do Sr. Emiliano e que estava com o plano de ir até Araguaiana.

O Sr. Bilego, admirado com sua firmeza, disse que o tio não se importaria se ficasse e trabalhasse com ele, e que conforme fossem as coisas, meu pai até poderia futuramente trabalhar em Araguaiana. E perguntou:

— Já almoçou, rapaz?

Ao que meu pai respondeu negativamente.

— Então, vamos almoçar, tem comida pronta que dá para dois. E chamou para entrar, indo para os fundos do salão.



Barra do Garças antiga – Avenida Antônio Cristino Côrtes – Acervo Valdon Varjão

Durante o almoço, conversaram bastante, o Sr. Bilego falou dos planos – imediatos — que tinha para, com a ajuda do tio Emiliano Costa, montar um armazém ali. Pensava de início comercializar as mercadorias em um barco, atendendo os moradores ribeirinhos, fazendo o trajeto até Araguaiana, onde abasteceria a embarcação com as mercadorias fornecidas pelo tio e descendo até Barra Cuiabana. Meu pai achou a ideia interessante e resolveu aceitar o convite.

O salão de bilhar era maior e bem mais movimentado que o de Monção do Aroeira, onde trabalhara. Com o passar dos dias, percebendo que ele era desenvolto e sabia reagir bem conforme fosse a situação, Antônio Bilego passou a deixar o salão praticamente por conta dele e saía para resolver outros negócios que tinha, como a sociedade em uma balsa que fazia a travessia do Rio Araguaia, uma lavoura e um pequeno garimpo nas proximidades.

Certa vez, ele chegou com a notícia que conseguira o barco e iria dar início ao comércio entre Araguaiana e Barra Cuiabana. Para meu pai, era a oportunidade de vez em quando conseguir ver ou quem sabe, encontrar e conversar com a amada.

Semanalmente, desciam até Araguaiana, abasteciam o barco de mantimentos e voltavam, visitando os ribeirinhos e pequenas aglomerações de moradores às margens do rio. Traziam o básico que eles precisavam, como

sal, ferramentas, utensílios domésticos e alimentos. Também traziam alguns poucos passageiros, que sem muita pressa, ajudavam durante o trajeto.

Seu Bilego, como o chamava, era muito sério, mas de boa convivência e muito honesto.



Barco do Rio Araguaia – Acervo Valdon Varjão

O meu pai ficou nesse trabalho até 1942, quando atendendo um chamado do Sr. Emilianio e de comum acordo com Antônio Bilego, foi para Araguaiana ajudar no armazém e em outros negócios do comerciante. Ele seria muito útil, pois era ágil em fazer contas e possuía muita disposição para o trabalho. Passou a ser uma espécie de faz-tudo. Se precisasse, se deslocava até a fazenda para levar e buscar mantimentos ou permanecia no comércio em Araguaiana.

Foi “morar” em um pequeno cômodo nos fundos, onde dormia e ainda ajudava a vigiar o estabelecimento.

Os dias, os meses foram passando e ele passou a ser tratado como alguém da família, embora sempre fosse cuidadoso e respeitador, ciente de sua condição de pobre, humilde e ainda por cima, negro.

Com o tempo, conheceu pessoas do círculo de amigos da família, que tocavam instrumentos e se integrou a eles, compondo alguns dos vários conjuntos que se apresentavam nas festas aos sábados à noite, após o trabalho. Com frequência, via sua amada, a quem direcionava olhares, sendo correspondido. Ela sempre estava ao lado da mãe e dos padrinhos, que tinham imenso orgulho daquela moça tão educada.

Rosarínha raramente ia até o comércio do padrinho, e nas poucas vezes que foi, meu pai fez questão de recepcioná-la, apesar do olhar sério e rigoroso do padrinho. Mas em uma dessas vezes, ele teve oportunidade, de,

estando a sós, dizer de seu sentimento, seu carinho e do seu amor. E que queria se casar com ela.

Ela ouviu suas palavras calada, soltou um leve e tímido sorriso – para meu pai, sempre o mais belo e encantador sorriso do mundo – e disse que iria pensar. Antes, teria que conversar com a mãe e os padrinhos, a quem devia respeito e obrigações.

Nesse ínterim, quando perguntado por Dona Mariquinha, esposa do Sr. Emiliano e madrinha de Rosarinha, se ele era batizado, meu pai – que já havia sido – disse que não, e que gostaria muito de ter essa oportunidade. Foi o suficiente para que se tornasse afilhado dos também padrinhos de Rosarinha. Isso, conforme ele previra, estreitou laços.

Na próxima festa que ocorreu no lugar, novamente se viram e meu pai deu um jeito de conversar com ela, dessa vez, com a proximidade dos padrinhos e da mãe. Pediu para ir conhecer sua casa, visitar sua mãe, e ela não se opôs. Ele sentiu que havia uma certa preocupação do Sr. Emiliano e dos tios com essa aproximação. Rosarinha era extremamente habilidosa em trabalhos manuais e domésticos. E os padrinhos que a tratavam como filha, tinham grande zelo e cuidado com ela, principalmente quanto ao seu futuro, pois queriam que ela desposasse alguém à altura de sua posição familiar e social. Viam em meu pai um certo intruso, mas por outro lado, reconheciam o fato de que ele era muito trabalhador e honesto.

14 – CHEGADA DA FUNDAÇÃO BRASIL CENTRAL

O tempo foi passando e quando menos esperavam, o povo da região viu o governo Vargas marcar presença e dar rapidamente os primeiros passos para a implantação da Expedição Roncador/Xingu, dentro do projeto Marcha para o Oeste. Era o ano de 1943, e quase repentinamente um grande número de pessoas chegou à região, instalando-se em acampamentos improvisados à margem direita do Rio, na Barra Goiana, hoje Aragarças. Eram militares, engenheiros, trabalhadores braçais, que deram início ao que seria a grande missão do governo federal, cujo objetivo era colonizar e ocupar a região amazônica a partir daquele ponto, até então, em desconhecida e pouco explorada.



Início Expedição Roncador/Xingu – Operação Bananal – Acervo Valdon Varjão

Meu pai travou conhecimento com esses homens e comunicativo e atencioso que era, logo fez amizade com os líderes da Fundação Brasil Central, que dirigiam ao comércio de seu patrão e agora padrinho Emiliano Costa. Também, se integraram à sociedade local, e passaram a frequentar os bailes que ocorriam na cidade. Destaque para o casal Coronel Flávio Mattos Vanique e sua esposa, a elegante Sr^a Alba Vanique, que assim que conheceu se encantou com a menina Rosarínha, tornando-se amiga dela.

Eram pessoas de grande educação e gentileza, e meu pai se deu muito bem com eles, embora a maioria fossem militares, eram corteses, apesar de prezarem a disciplina e a ordem. Compravam muito da empresa do Sr. Emiliano Costa, situada em Araguaiana e meu pai era quem os atendia. Pela atenção e bom atendimento que meu pai sempre dispensou, além de sempre apresentar as contas corretamente, ficou próximo a eles.

A presença da Fundação Brasil Central em Aragarças praticamente obrigou o Sr. Emiliano Costa a abrir uma filial em Barra Cuiabana, que muitos já chamavam de Barra do Garças. Esse empreendimento teve como sócio o Sr. Zeca Costa, irmão de Emiliano. Meu pai continuou trabalhando, alternando os locais onde dava seu expediente diário.

15 – FUNCIONÁRIO DA FUNDAÇÃO BRASIL CENTRAL

Meu pai conta:

Uma tarde quente, fui fazer uma entrega no almoxarifado da FBC, e como sempre, notei que havia ali certa desorganização, talvez por falta de pessoas com conhecimento e costume em armazéns. Com certo jeito, não me contendo, dei algumas dicas ao encarregado do local, que agradeceu e resolveu colocar aos poucos em prática o que eu indicara.

Quando já ia saindo, ouvi me chamarem pelo nome. Voltei-me para o local de onde vinha o chamado e vi o Coronel Flaviano Vanique, que pediu que me aproximasse.

Coronel Vanique era um homem de gestos suaves e muito educado, falava na altura necessária para se fazer entendido, mas, sempre com a autoridade que sua função e patente exigiam. Era muito benquisto e admirado pelos seus comandados e também pelos civis que faziam parte da marcha para o oeste. A população ribeirinha, tanto do lado do Mato Grosso quanto de Goiás – Barra Cuiabana e Barra Goiana – também tinham respeito e admiração pelo militar.

De imediato, coloquei-me à disposição, perguntando em que poderia ser útil, pensando talvez que algo tivesse vindo errado no pedido entregue há pouco, ou em uma hipótese mais otimista, que ele resolvera aumentar o volume de compras.

Convidou-me a sentar em um banco improvisado de toras de madeira e começou a conversar amenidades.

Falou sobre os bailes, que ele e a esposa tanto gostavam, elogiou o meu talento para tocar instrumentos – quando afirmei a ele ser grato aos meus mestres de Baliza – e por fim perguntou pelos meus estudos.

Disse que observara que eu era muito perspicaz e esperto, e ter muito jeito para lidar com pessoas, além de ler e escrever muito bem e dominar as quatro operações aritméticas sem nenhuma dificuldade.

Após alguns segundos em silêncio, me perguntou:

– Varjão, você quer trabalhar conosco? Quer integrar a Fundação Brasil Central? Estou precisando de alguém como você, para tomar conta desse e de outro almoxarifado, além de fazer o pagamento aos trabalhadores. O que acha? Quanto você ganha no armazém? Ou melhor: um salário de x cruzeiros te interessa?

Gelei, perdi a cor. Aquele salário era muito mais que eu podia imaginar e de imediato me veio à mente uma possibilidade: com aquela renda, eu poderia casar com Rosarinha e oferecer a ela uma vida com conforto e dignidade. Era a chance que eu tinha. Mas, havia um problema: como deixar o trabalho na empresa do patrão e padrinho de Rosarinha?

Fiquei pensativo, e voltei a mim com as palavras do coronel Vanique:

– Você tem dois dias para pensar e me dar uma resposta. E espero que seja positiva, pois será muito bom para você, tenha essa certeza.

Saí dali com o pensamento distante. Que passos teria que dar? E como dar esses passos? Não gostaria jamais de me indispor com o Sr. Emiliano, a quem eu tinha imensa gratidão por ter me acolhido e dado oportunidades. É certo que eu correspondera com meu trabalho, honestidade e lealdade, o que contribuía para que ele e seus sócios crescessem com o comércio. Mas, era chegada a hora de tomar decisões da mesma maneira que um dia eu decidira deixar Baliza, a querida e saudosa Baliza de minha infância, de tantas recordações e onde estavam sepultados meus pais.



Acampamento e almoxarifado FBC – Acervo Valdon Varjão

Voltei para o armazém e assim que cheguei prestei contas ao patrão como de costume e fui para os fundos do armazém. Pensei por alguns segundos e decidi que não esperaria os dois dias que o Coronel Vanique me dera de prazo. Tudo dependeria de Rosarinha. Se ela aceitasse casar, eu explicaria ao padrinho minha decisão, que certamente haveria de compreender, pois sempre fora muito amigo e gostava muito de mim. Eu tinha umas poucas economias depositadas “na mão” do padrinho, que se eram insuficientes para seguir a vida, serviriam para garantir e bem o início de uma vida a dois.

Ainda naquela tarde, na primeira oportunidade que tive fui à casa da mãe de Rosarinha falar com a amada. Ao chegar, não pude conter meu encanto ao vê-la na varanda da casa costurando algo com as mãos.

Rosarinha, ao me ver, sorriu e voltou os olhos para o trabalho que tinha em mãos, pensando talvez que eu viesse trazer algo para o padrinho. Mas me dirigi diretamente a ela, sentando-me ao seu lado.

— Ora, rapaz, tá pouco o serviço no armazém? Disse.

— Quer casar comigo? E logo? Posso falar com o padrinho e marcar o casamento?

Rosarinha, ante a surpresa que eu lhe proporcionara ficou trêmula, e não conseguiu dizer muita coisa.

Expliquei a ela a proposta que tivera do Coronel Vanique.

Toquei suas mãos, e olhando em seus olhos esperei a resposta:

Ela, após alguns instantes, suave e ternamente balbuciou:

— Aceito. Pode falar com minha mãe e com o padrinho.

Voltei ao armazém, e dei sequência ao meu trabalho. No fim do expediente, já noite, procurei o padrinho e patrão e disse que precisava conversar com ele.

Passados uns poucos, após cerrarmos as portas e fechar o caixa, fazer a rotina normal de final de dia, ele me chamou.

— Varjão, venha aqui.

Saí de onde estava e fui até ele, que sentara sobre um banco longo. Notei que ele esperava algum assunto inerente ao armazém, como o comunicado de falta ou necessidade de compra de alguma mercadoria, e que não teria nada de tão importante a dizer a ele.

Respeitosamente, pedi licença e sentei-me de frente para ele. Fui direto ao assunto:

— Padrinho, eu vou me casar.

— Ora, meu rapaz, que notícia boa. Fico muito feliz. Lembre-se que casamento é coisa séria, e manter uma família não é algo fácil.

Mas, um homem precisa sim ter sua família, seu lar, seu canto. E para quando serão as núpcias?

— O mais rápido possível.

— Quero que seja feliz, e conte sempre comigo naquilo que eu puder ajudar.

— Mas, o senhor não quer saber quem será a noiva, claro se a família dela concordar?

— Ora, pode dizer! Terá a minha bênção, tenha certeza, respondeu o comerciante.

— Eu quero pedir a mão da Rosarinha em casamento.

Ao ouvir minhas palavras, ele se empertigou, levantou o tronco e arregalou os olhos:

— Casar com Rosarinha? E você vai sustentar como minha afilhada?

Falou grave, enfático, mas eu já esperava por essa reação.

— Ora, padrinho, vou sustentar minha família com esses dois braços que nunca irão fraquejar. Tenho coragem, força e muita disposição, e jamais deixarei faltar nada a minha esposa. E ela já aceitou, só preciso de seu consentimento e da mãe dela, que se for positivo, nos fará muito felizes.

Emiliano Costa ficou pensativo, e por alguns instantes temi que sua resposta fosse não. Ele ainda argumentou:

— Concordo que você é muito trabalhador e disposto, mas o que ganha aqui, ou seja, o que eu posso te pagar não é suficiente para manter um lar. Infelizmente, não posso pagar um ordenado melhor. Merecer, você merece, mas não tenho condições de melhorar ainda os seus rendimentos aqui.

Era tudo o que esperava ouvir, era o momento certo de falar sobre a Fundação Brasil Central.

— Tenho outro pedido a fazer, meu padrinho.

— Fale, Varjão, disse me fitando com um olhar sério, grave.

— O que me motivou a pedir a mão de Rosarinha em casamento foi uma oportunidade que surgiu. Creio que uma oportunidade única.

O semblante do padrinho ficou mais ainda sério nesse momento. E continuei:

— O coronel Vanique, o senhor sabe quem é, me fez uma proposta de emprego com um salário muito interessante na Fundação Brasil Central, com o qual, darei conta de manter a minha família, bem como pensar em um futuro melhor e seguro. Ele quer que eu tome conta do almoxarifado do Vale dos Sonhos, precisa de alguém que faça o controle do estoque e dos pagamentos aos trabalhadores que estão

abrindo frentes de serviço e estradas. Um cargo de responsabilidade, que ele me ofereceu.

Ele manteve o silêncio, agora com o semblante menos carregado. E eu continuei:

– O senhor sabe o quanto sou grato e feliz trabalhando aqui em seu comércio. Sei da confiança que deposita em mim, à qual sempre fiz muita questão de merecer e honrar. Entendo que a minha vida e a vida da Rosarinha se entrelaçaram, é nosso destino seguir juntos. E a oportunidade que terei de conseguir algo mais substancial será essa. Quero a sua bênção!

Fez-se um longo e aterrador silêncio. Emiliano se manteve imóvel, fitando ora o chão, ora o teto, mas em silêncio.

Até que me fez uma pergunta:

– E após casar, você irá morar onde? Você sabe que aqui não existem muitas condições de moradia, e Rosarinha em minha casa ou na casa da mãe, apesar de simples, tem todo o conforto.



Srª Alba Vanique – Acervo Valdon Varjão

Eu pensei rápido. Disse que reformaria um pequeno rancho ao lado do almoxarifado no Vale dos sonhos, bem próximo onde morava o Coronel Vanique.

– Mas, Rosarinha vai ficar só durante o dia? Você sabe que nesses sertões quase não há mulheres, ela ficando sozinha em um rancho, ainda que perto do almoxarifado, seria muito perigoso.

– Já pensei sobre isso. A esposa do Coronel, Dona Alba Vanique é muito afeiçãoada a Rosarinha e gostaria de tê-la como dama de companhia.

Por alguns instantes, permaneceu em absoluto silêncio, pensativo e longe daquele lugar. Até que finalmente, disse:

– Serão duas grandes faltas. Você em meu comércio, que me ajuda muito, sendo meu braço direito, apesar de jovem, é o homem da confiança da empresa. E também, terei a falta de Rosarinha, que sempre está presente e é uma flor em minha casa, nos trazendo alegria e muita satisfação.

E após algum tempo, disse:

– Sendo assim, pode tratar do seu emprego na fundação, vou conversar com a mãe da Rosarinha e vamos marcar o casamento. Você tem a minha bênção. Mas, não quero namoro enrolado. É marcar o casamento e pronto.



Trator de esteira da Fundação Brasil Central – Expedição Roncador/Xingu – Acervo Valdon Varjão

Senti que a partir daquele momento, minha vida mudaria. Teria muito o que fazer, muita responsabilidade. E minha maior obra seria fazer Rosarinha feliz todos os dias da minha vida, pois ela sendo feliz, feliz também eu seria.

E me ofereceu os braços em um abraço apertado, forte. Naquele momento, abraço de amigo, de pai, abraço que em toda a minha vida eu nunca tivera.

16 – CASAMENTO

Os dias passaram rápido. Meus pais – Valdon Varjão e Maria do Rosário Peres, ou Rosarinha, se casaram em cerimônia simples, celebrada pelo pároco local. Presentes, além dos familiares, alguns poucos companheiros de trabalho, dentre eles, o Coronel Flaviano Vanique e sua esposa, Alba, que juntamente com as “mulheres” da casa, ajudou a arrumar a noiva, deixando-a, segundo meu pai, “a noiva mais linda de todo o universo”.

Dois dias após as núpcias, se mudaram para o pequeno e singelo “rancho” no Vale dos Sonhos, um pequeno ajuntamento de construções rústicas no sopé da Serra Azul e primeira instalação da Fundação Brasil Central em território mato-grossense.

O Vale dos Sonhos fora criado há cerca de um ano. Ao chegar àqueles rincões, a Fundação Brasil Central se instalou na margem direita do Rio Araguaia, na confluência do Garças e do Araguaia, território do estado de Goiás, local conhecido como Barra Goiana, que depois seria Aragarças.

Mas, era preciso avançar e segundo historiadores, o Coronel Vanique no ano de 1943, logo após instalar o acampamento base, resolveu atravessar o rio, levando o máximo possível de equipamentos para o lado da Barra Cuiabana.

Em canoas levaram tudo o que puderam: ferramentas, equipamentos de topografia, medicamentos, e tudo o que coubesse em canoas e pudessem dar as mínimas condições para uma base, ainda que pequena.

Em uma balsa, foram caminhões, tratores, material para montagem de oficinas, e peças de reposição. Pelo rio, a nado seguiu uma tropa de muare, animais de tração e carga que seriam fundamentais para o trabalho e a preparação para o que seria a grande expedição em direção ao Rio das Mortes.

Abrindo picadas, chegaram ao sopé da Serra Azul e encontraram o sítio de um morador, considerado o último homem “civilizado” branco a morar naquela parte da região. O proprietário, um mineiro de nome Domingos

Gomes Pinheiro residia ali na companhia da esposa e de um filho, e recebeu com satisfação a presença dos membros da expedição, colocando o que tinha à disposição.

O local se tornou um entreposto que daria origem a um povoado, e algum tempo depois, pela beleza única e incomensurável, foi denominado Vale dos Sonhos. Afirmam que o nome foi dado pelo ex-ministro João Alberto, que participou ativamente da Expedição Roncador-Xingu, coordenando a operação e comandando a Fundação Brasil Central.

17 – CORONEL VANIQUE – NO VALE DOS SONHOS

Flaviano de Mattos Vanique era gaúcho de Bagé, e entrou no Exército Brasileiro em 1922, galgando rapidamente, por merecimento e capacidade os degraus que o levariam à patente de Coronel. Participou de diversos movimentos revolucionários e contrarrevolucionários, mantendo-se leal a seus comandantes. Em 1938 foi designado como ajudante de ordens do presidente Getúlio Vargas, tornando-se homem de plena confiança do presidente.

Em 1943, integra a Marcha para o Oeste, sob o comando do General João Alberto. Vanique, então Major, se tornou coordenador da Expedição Roncador-Xingu, com sede em Aragarças e Barra do Garças. Conciliador e estrategista, teve enorme participação nos atos que resultaram no desbravamento da região, desempenhando importante e eficaz papel. Após uma vida dedicada ao Exército e ao país, foi transferido para a reserva em 1957, obtendo a patente de General de Brigada em 1961.

Após o casamento, meus pais foram morar no Vale dos Sonhos. Ali, reconstruíram um pequeno e singelo trancho de palha, onde viveram aquilo que ele denominou a fase inicial de sua felicidade.

Ele trabalhando no almoxarifado da Fundação Brasil Central e minha mãe durante o dia, fazendo as vezes de dama de companhia à elegante e fina Sr^a Alba, esposa do comandante da expedição Roncador-Xingu, coronel Floriano Vanique. O detalhe interessante era que, em um local onde prevalecia a população masculina, de homens, rudes, não era seguro que naqueles ermos, uma mulher ficasse sozinha em casa. Assim, Rosarinha e Alva Vanique faziam companhia uma à outra.

Nessa época, meu pai obteve inspiração para depois registrar tudo o que viveu em poemas. No livro o Garimpeiro, ele cita a lua de mel e publica o poema “Nosso Vale de sonhos – No Vale dos sonhos”, que reproduzo a seguir:

Após as núpcias de 15 de maio de 1944, fui contratado pela Fundação Brasil Central, para o almoxarifado do Vale dos Sonhos. Foi ali nossa lua-de-mel.

NOSSO VALE DE SONHOS – NO VALE DOS SONHOS

*Faz muito tempo contado
De um saudoso passado
Que não em sai da lembrança
Aqueles dias felizes
De duas vidas em matizes
Num embriagar de esperanças.
Éramos moços; eu sentia
Na alma a poesia
Do calor dos vinte anos
Julgávamos sempre estar perto
Um mar de esperanças por certo
Sem pensar em desenganos.
Naquele Vale dos Sonhos
Cercado de montes risonhos
Com paisagem a florir,
Era nosso mundo de encanto
Andávamos por todos os cantos
Só ansiando o porvir.
Passeávamos garbosos
Com abraços amorosos
Enfeitados de paixão,
Foi assim nosso caminho
Ela a me dar carinho
Sua vida e seu coração.
ROSARINHA – o nome dela
Nome que mimo revela
Numa alma plena de anseios
Que sendo bela na essência
Guardava na adolescência
Muita graça e devaneios.
Naquele distante recanto
Que nosso amor viveu tanto
Quanto foi propiciado,
Geramos um belo rebento*

Que foi nosso acalento
Ver nascer e ser criado.
Às sombras de frondosos arbustos
Só se ouvia com algum custo
Das folhas secas os estalos,
Eu e ela em confidencias
Vivia na adolescência
“Curtindo” doces embalos.
Nas noites ao mirarmos estrelas
(Como eu sorria em tê-la
Era meu SUL e meu NORTE!)
Minh’alma era sua escrava
As vezes interrogava:
Será sempre assim nossa sorte?
Mas ainda em juventude
O destino cego e rude
Nos conduziu a outros ares,
Desde então acordamos dos sonhos
Daquele Vale risonho
Das luas de mel, sem pares.
Da partida eu lembro ainda
Foi numa tarde linda
Como linda era nossa vida:
Depois da enganosa mudança
Me ficou sempre a lembrança
Daquela vivenda florida.
Tudo passou, hoje é morto
Agora com certo conforto
Até riqueza e estultice,
Para reviver aquelas horas
Da vida que tivemos de outrora
Queria fugir da velhice.
Quem me dera ROSARINHA
Daquela vida que tínhamos
Que já se foi e hoje não volta,
Agora velhos em encantos
Vivemos em qualquer canto
Quando me amarro, ela solta.

Assim, meu pai descreveria anos mais tarde seus primeiros passos na vida ao lado de sua amada Rosarinha.

Mas, fora breve sua estada no Vale dos Sonhos. Minha mãe, após engravidar do primeiro filho começou a se sentir muito mal e não teve condições de permanecer naquele local, embora se sentisse muito bem ali.

Meu pai sentiu que era hora de tomar mais uma decisão na vida.

Foi assim que voltou para Araguaiana e foi trabalhar novamente com Emiliano Costa, seu antigo patrão e padrinho, desta vez recebendo e aceitando uma proposta de sociedade no armazém.

Agora sua vida mudara mais uma vez. Foi com pesar que deixou a Fundação Brasil Central, onde apesar do curto período que permanecera, tivera reconhecido seus esforços para organizar o almoxarifado, apesar da rusticidade dos meios que dispunha, manteve organizado o setor de pagamentos dos trabalhadores e ao sair, recebeu o elogio e o reconhecimento de seus superiores, dentre eles, o Coronel Vanique.

E com a pouca despesa que tinha, mais os salários da Fundação, conseguira poupar uma importância significativa, que serviu para formar a sociedade com Emiliano Costa.



Valdon e Rosarínha, por ocasião da missa comemorativa das bodas de 50 anos de casados – Acervo Valdon Varjão

18 – INÍCIO DA VIDA PÚBLICA

O trabalho da Fundação Brasil Central cresceu e Barra do Garças estava cada vez maior e mais desenvolvida, assim como Aragarças, outrora Barra Goiana. A expedição Roncador/Xingu avançou Mato Grosso adentro, abrindo picadas, estradas e formando povoações.

Por indicação da família, Antônio Bilego se candidatou e em fins de 1946 foi eleito, sem concorrentes, na primeira eleição direta para Prefeito de Araguaiana, assumindo o mandato no ano de 1947.

Haviam muitas necessidades e carência de pessoas capacitadas naquele tempo. Meu pai, apesar do pouco tempo que atuara como encarregado do almoxarifado da Fundação Brasil Central, dera mostras de ser muito organizado, correto e conciliador, de ótimo relacionamento com todos os que procuravam por ele, desde o mais simples e humilde trabalhador até o mais exigente diretor da Fundação, como era o coronel Flaviano Vanique. A todos atendia com destreza, rapidez e muita educação, conquistando rapidamente o respeito e a consideração de todos.

Aos poucos a política passou a fazer parte do seu cotidiano. Ele foi um dos fundadores do PSD – Partido Social Democrata, instituição política que surgira após o fim do estado novo e a deposição do presidente Getúlio Vargas. O PSD surgia como uma opção de centro, ou à direita e fazia a contraposição ao PTB e UDN, de caráter liberal e de centro-esquerda. Mas, sua estreia na vida pública se deu em 1947.

Prefeito eleito, Antônio Paulo da Costa Bilego tinha toda a confiança em meu pai, e reconhecendo nele a pessoa com o perfil que precisava, fez o convite para que assumisse a importante função de Secretário Municipal.

Naqueles tempos, não haviam secretarias por área como hoje. Havia o prefeito, a câmara dos vereadores, autoridades constituídas como o juiz de direito, o coletor, o delegado, o fiscal do estado e representando a região, pelo menos um deputado na Assembleia Legislativa do Mato Grosso. E auxiliando o prefeito de maneira direta, fazendo a ligação entre as autoridades, os vereadores e o executivo, a figura do secretário municipal. Aos poucos, pela desenvoltura e atitude, ele foi conquistando o respeito das autoridades e dos municípios.

Havia um movimento muito grande para que a sede do município fosse transferida de Araguaiana para Barra Cuiabana, que muitos já chamavam de Barra do Garças. Os comerciantes sentiam o movimento diminuir na cidade e sabiam do crescimento vertiginoso dos dois vilarejos Barra Cuiabana, do lado Mato-Grossense e Barra Goiana, na margem direita, em Goiás, sede

principal da Fundação Brasil Central. Meu pai assimilou bem essa vontade do povo, por conhecer muito bem as realidades, contribuiu muito e foi peça importante na articulação que levou à transferência da sede administrativa de Araguaiana para Barra do Garças.

Foi assim o início da vida pública de meu pai, que durou até o fim de seus dias, sempre com muita correição, idoneidade e honestidade.

Em seu livro Janela do Tempo, meu pai registra os prefeitos e os componentes da câmara municipal de Araguaiana, depois Barra do Garças.

A primeira composição do executivo municipal e dos vereadores, foi a seguinte:

**“1º MANDATO – 1947/1950
Araguaiana – Barra do Garças**

Antônio Paulo da Costa Bilego – PREFEITO

Antônio Cristino Côrtes – FUNDADOR

Valdon Varjão – SECRETÁRIO

Manoel Ferreira Luz – FISCAL

Waldomiro R. Flores – JUIZ

Riograndino Linhares – COLETOR

Cap. Ari conceição – DELEGADO

Heronides Araújo – DEPUTADO

Câmara Municipal

Raul José de Melo – PRESIDENTE

Antônio Cristino Côrtes

Fleury C. Belém

José Guimarães Filho (Zélis)

Raimundo Ribeiro Melo

Antídia Coutinho

A primeira câmara funcionou parte em Araguaiana e parte em Barra do Garças, desde 15-09-1948 – Data de transferência do Município. ”

O fato interessante é que nesta publicação, meu pai, ao descrever as autoridades do primeiro mandato de Araguaiana, depois Barra do Garças, faz uma homenagem ao fundador Antônio Cristino Côrtes, embora ele seja citado também como vereador eleito.

II

1 – ARAGUAIANA E BARRA DO GARÇAS

A vinda da Fundação Brasil Central e a instalação de sua base em Aragarças – antiga Barra Goiana – teve como consequência imediata um grande desenvolvimento na região, incluso aí a Barra Cuiabana, povoado no lado esquerdo do Rio Araguaia, no estado do Mato Grosso.

Era um momento de grandes transformações no Brasil, com o governo Vargas investindo em interiorização e buscando fortemente impor sua presença nos rincões mais distantes e desconhecidos do país. O Brasil de fato precisava estar no Brasil de direito.

A Fundação Brasil Central e a Expedição Roncador-Xingu era um dos mais visíveis e atuantes flancos dessa política. Com imenso apoio governamental e das forças armadas, rapidamente começaram a obter resultados e a consequência disso foi o desenvolvimento econômico e o crescimento populacional muito rápido.

Araguaiana ficava distante 72 quilômetros do polo de atuação da fundação. Construiu-se um aeroporto em Barra Goiana e um grande número de aventureiros chegava ao local, gerando profundo aumento no movimento do comércio.

A sede do município, continuava em Araguaiana, e começou a se notar a necessidade de transferência para a Barra Cuiabana. Não era possível as autoridades ficarem tão distante dos acontecimentos. Enquanto Barra Cuiabana crescia, se desenvolvia, Araguaiana, definhava e via sua economia cada vez menor.

Por projeto dos vereadores Fleury Belém e Zélis Guimarães, apresentado na Câmara Municipal em julho de 1948, aprovado por cinco votos a quatro, iniciou-se o processo de transferência da sede administrativa de Araguaiana para a Barra Cuiabana, agora, com o nome de Barra do Garças.

O município de Araguaiana que incluía o distrito de Barra Cuiabana vivia um momento importante, pois elegera prefeito e câmara de vereadores através do voto direto. Mas, não demorou e a situação se inverteu: Ara-

guaiana se tornou distrito de Barra do Garças, que economicamente estava muito mais desenvolvida. Era o peso do progresso e do desenvolvimento que exigia isso.



Canoeiros do Rio Araguaia – Acervo Valdon Varjão

E a 15 de setembro daquele ano, 1948, foi proclamada a mudança sendo a sede do município instalada definitivamente em Barra do Garças no primeiro dia 1º de janeiro do ano seguinte, 1949 e Araguaiana, se tornava distrito de Barra do Garças.

Era o maior município do Brasil, com imensos 122 mil quilômetros quadrados e o início do ápice do pequeno povoado iniciado pelo pioneiro fundador Antônio Cristino Côrtes que lançara as bases para que o município se organizasse.

Côrtes alinhou ruas e criou condições para que o núcleo urbano crescesse com um mínimo de organização.

Com a vinda da Fundação Brasil Central, era inevitável que a Barra Cuiabana, que seria rebatizada como Barra do Garças se transformasse na sede do município.

Sobre essa transferência, meu pai publicou em seu livro “Janela do Tempo – Homenagem ao Passado” um relato fiel dos fatos, inclusive com a reprodução de documentos valiosíssimos, todos manuscritos”, como o Relatório de Situação de Araguaiana, que deu origem à mudança de sede”, a ata da sessão da Câmara de vereadores que transferiu a sede do município para o então distrito de Barra do Garças, ainda provisoriamente e a ata da primeira sessão da Câmara Municipal já em Barra do Garças.

Ele escreveu:

“Historiamos como surgiu a ideia de mudança da sede do município de Araguaiana para o Distrito de Barra do Garças.

A eleição do comerciante Antônio Paulo da Costa Bilego e de quatro dos cinco vereadores residentes em Barra do Garças era devida a influência da Base da Expedição Roncador-Xingu e Fundação Brasil Central instalados no povoado garimpeiro Barra Goiana (hoje Aragarças).

Este movimento que foi a concretização da Marcha para o Oeste do Presidente Getúlio Vargas, eclodiu em progresso rápido e acentuado na vila vis-à-vis com Barra do Garças. Ali foram instalados hospitais, serrarias, cerâmicas, oficinas mecânicas, serviço de rádio comunicação, cinemas, escolas, campo de aviação com linhas aéreas e a concretização do desenvolvimento rápido. Foi um processo de abertura de mercado de trabalho e aproveitamento de toda a mão de obra disponíveis, com o giro do dinheiro público aplicado nas obras que eram desenvolvidas.

Bilego e seus quatro vereadores, não podendo residir na sede do município – Araguaiana – dados seus negócios particulares, para lá iam a cada quinze dias, percorrendo por uma estrada precária de 72 quilômetros.

Analizadas estas condições e somadas à falta de estrutura total da sede administrativa, comprovadas em relatórios de pesquisas que Bilego encontrou nos arquivos da prefeitura, a ideia de mudança começou a amadurecer.

Os vereadores Fleuri Belém e Zélis Guimarães apresentaram na Câmara Municipal um projeto de lei, em 05 de julho de 1948, que foi aprovado, solicitando a mudança administrativa provisória da sede do município para Barra do Garças.

Em expediente, o prefeito juntou cópias do relatório que mostrava as condições precárias de Araguaiana, a comprovação da mudança provisória da sede para Barra do Garças e encaminhou ao governador do estado, Dr. Arnaldo Figueiredo, através do deputado Heronides Araújo, solicitando a mudança definitiva da sede do município, que se concretizou através da Lei 121, de 15 de setembro de 1948.

Com a consumação do ideal Barra-Garçense, Araguaiana levou um golpe que quase a levou à falência. Muitos habitantes se mudaram em busca das melhores condições de vida que o novo município lhes oferecia. Lá ficaram apenas poucas famílias tradicionais que sobreviveram ao cataclismo, restando o funcionamento dos dois colégios Salesianos ali instalados em 1916, e a estação Telegráfica, feita por Rondon em 1897.

Araguaiana não pôde competir com Barra do Garças que possuía todos os meios de alavancação para o acelerado progresso.

Em 15 de setembro foi proclamada a mudança, cuja instalação se deu, definitivamente, e, 1º de janeiro de 1949”.

No mesmo livro, meu pai escreveu sobre Araguaiana:

“ARAGUAIANA – UMA CIDADE FÊNIX

A tenacidade e o amor próprio de seis filhos, fez Araguaiana do presente, renascer numa nova emancipação, conforme Lei nº 5006, de 13 de maio de 1986.

Hoje, seu território reduzido e mutilado, emprestou área para 20 novas comunidades”.

Na sequência dos fatos, era imperativo que o estado também se fortalecesse na nova sede administrativa, e através da Lei 210, de 9 de dezembro de 1948 aprovada pela Assembleia Legislativa do Mato Grosso e sancionada pelo governador, foi criada a Comarca de Barra do Garças, que atendia também a outros municípios da região. A instalação oficial e definitiva da comarca ocorreu em 12 de novembro do ano seguinte.

2 – VEREADOR

Graças à sua imensa capacidade de se relacionar com pessoas, meu pai se tornou bastante conhecido em Barra do Garças e região. Benquisto de

todos, na segunda eleição com voto direto da cidade em 1950 – a primeira em Barra do Garças – ele postulou uma vaga à câmara municipal foi eleito vereador. Dava sequência à sua vida pública, desta vez como parlamentar no legislativo municipal. O prefeito eleito foi o ex-vereador Raimundo Ribeiro Melo

Por viver desde muito pequeno na região e ter muito contato com o povo, sabia dos problemas, tinha a mais absoluta consciência das dificuldades que aquele pedaço de Brasil enfrentava. A Fundação Brasil Central trouxe progresso, desenvolvimento, riquezas, conhecimento, mas o ímpeto inicial na região diminuíra, com o alcance dos objetivos e o avanço para o interior, resultando no contato com inúmeros povos indígenas, criação de muitos povoados, núcleos urbanos que rapidamente se tornaram cidades – cidades importantes como Nova Xavantina.

Mas novo foco de desenvolvimento e ocupação começava a acontecer. Barra do Garças adquirira estrutura e passou a despertar o interesse de empreendedores de outros estados, como os mineiros e gaúchos, que chegaram trazendo conhecimento, força de trabalho e coragem para investir naqueles ermos.

Como parlamentar meu pai sempre teve como objetivo dotar o município de condições para acolher e permitir que se instalassem esses desbravadores pioneiros.

Eram tempos difíceis, mas aos poucos Barra do Garças ia se confirmando um município progressista, pela força de seus pioneiros, trabalhadores, homens públicos e empreendedores que aqui chegavam.

3 – VALDON PREFEITO

O ano de 1955 seria marcante para meu pai. Primeiramente, ele concorreu e conseguira a nomeação como notário, tabelião titular e vitalício do Cartório de 1º Ofício de Notas de Barra do Garças, o que trouxe maior estabilidade no campo financeiro e conseqüentemente, maior respeitabilidade no âmbito da política. A história do cartório, em um futuro àquele momento distante, traria tristezas e exigiria de meu pai e todos os familiares, muita luta. Em outro momento desta obra, abordarei o assunto.

Meu pai concorreu para a câmara de vereadores e foi novamente eleito, sendo o nome mais votado. Obteve grande número de sufrágios, o que o credenciou a ser ungido por seus pares como presidente da câmara municipal.

Por uma questão legal, o prefeito eleito Ladislau Cristino Côrtes, conhecido popularmente como Lalau, filho do fundador Antônio Cristino Côrtes, não pôde tomar posse, e meu pai de acordo com a legislação vigente assumiu o cargo, na condição de presidente da câmara de vereadores.

Não teve alternativa a não ser atender ao chamado legal e em janeiro de 1955 assumia pela primeira vez o executivo municipal.

Foi um período de grandes realizações e busca por promover Barra do Garças para além do cenário regional.

Em 1956 a cidade recebeu uma missão das Filhas de Maria Auxiliadora, as irmãs salesianas, que há alguns anos tinham uma obra muito importante em Araguaiana, e apesar da mudança da sede do município, permaneceram lá.

Ele conhecia o trabalho das salesianas e sabia de sua importância para a comunidade da região do Vale do Araguaia. Assim que elas se prontificaram a vir, ele deu condições para que instalassem e conseguiu que administrassem uma escola, o que deu impulso para que a obra salesiana em Barra do Garças se iniciasse de maneira concreta, sustentada.

Meu pai permaneceu frente à prefeitura por um ano e quatro meses, até que o prefeito eleito Ladislau Cristino Côrtes resolvesse as pendências no campo jurídico e finalmente pudesse tomar posse, completando o mandato.

4 – O INSTITUTO MADRE MARTA CERUTTI

A história do “Marta Cerutti”, como é popularmente conhecido, se confunde com a história da educação no leste do Mato Grosso. Uma história de muita dedicação, onde desde o início das atividades se inseriu no contexto da cidade de Barra do Garças e região, sempre promovendo a educação de qualidade, sob os auspícios da Congregação Salesiana no Brasil.

Essa caminhada vitoriosa começou em 24 de fevereiro de 1956, quando chegaram à Barra do Garças as Irmãs Joaquinha Figueiredo, Bethy Pires e Dionísia Pivot, coordenadas pela diretora Irmã DÍva Pimentel.

Era um tempo de dificuldades sob todos os aspectos, mas a humildade, coragem e determinação das Filhas de Maria Auxiliadora fez com que rapidamente fincassem raízes junto à comunidade local.

Receberam das autoridades a incumbência de administrar o Grupo Escolar Coronel Antônio Cristino Côrtes, inicialmente, por um contrato de cinco anos, onde também residiam. O governo do estado através de ato de nomeação, contratou as religiosas, pela formação e capacidade de educar,

para darem aulas e assim, manterem-se na região, fazendo face às suas despesas pessoais e da pequena comunidade.

A presença das salesianas era muito esperada pelos moradores de Barra do Garças e cidades vizinhas, afinal, sabiam da importância da obra educacional e religiosa, que fora implantada anos antes na cidade de Araguaiana.

À época, o sumo Pontífice era o Papa Pio XII, o Bispo Dom José Selva, Bispo Auxiliar Dom Camilo Faresin, a Madre Geral era Linda Lucotti e a Inspetora Provincial Madre Carmelita Mioletti.

Assim que começaram as atividades educativas no grupo escolar, de imediato implantaram o Oratório Festivo, fundado por Dom Bosco. Em Aragarças, o Oratório Festivo foi implantado no ano seguinte, coordenado por duas irmãs que, após a missa dominical, atravessavam o rio em uma pequena canoa, voltando logo após o encontro com as crianças.

Eram tempos difíceis, onde por vezes faltava até o básico para alimentação. Mas a dedicação das irmãs fazia com que a procura fosse grande e era cada vez maior o número de alunos. No ano de 1959, foi iniciado o ano letivo com mais de 600 alunos.

Ofereciam também o internato, onde moças de famílias carentes, oriundas de localidades distantes tinham a oportunidade de estudar, além de morar gratuitamente, oferecendo como contrapartida sua colaboração para o cuidado e o zelo da escola. Eram acolhidas como filhas e logo se sentiam parte integrante da valorosa família salesiana.

Com o trabalho, conseguiram muitas vitórias em batalhas difíceis. A fé e a determinação das Filhas de Maria Auxiliadora escreveram um capítulo importante na educação em Barra do Garças, cidades vizinhas e nos estados do Mato Grosso e Goiás.

Meu pai foi considerado pela comunidade do Madre Marta Cerutti um benfeitor e amigo. Em seu livro “Janela do tempo – Homenagem ao passado”, ele conta a história do Instituto e reproduz uma carta da Irmã Bernadete de Lima Barros, que ao final, afirma:

“Fica o meu reconhecimento por tudo que foi e é para nós, Salesianas. Foi nos primeiros tempos o nosso grande benfeitor e amigo”.

5 – PREFEITO ELEITO

Em 1959, novamente meu pai concorreu desta vez à prefeitura e recebeu a confiança do povo de Barra do Garças. Dessa forma, pôde continuar um trabalho profícuo e realizador à frente da Prefeitura iniciado quatro anos antes.

Era uma época de grande efervescência social e política.

No momento oportuno, abordarei os fatos a partir dos relatos que meu pai fez e publicou sobre a chamada “Revolução de Aragarças”, uma revolta militar promovida por oficiais da aeronáutica, que teve como principal foco a cidade de Aragarças.

No final dos anos 1950 e início de 1960 o Presidente Juscelino Kubitschek construiu e inaugurou Brasília, e iniciava-se um período de grandes turbulências no cenário nacional e a indefinição e incertezas do governo central exigiam muito dos prefeitos, principalmente de municípios distantes como Barra do Garças. Sua gestão à frente da prefeitura priorizou a educação, a descoberta e a valorização dos recursos naturais e turísticos do Vale do Araguaia.

Também sentia que era preciso estimular investimentos na região. Barra do Garças era um dos maiores municípios brasileiros e o agronegócio, como grande produtor de alimentos e de produtos exportáveis dava seus primeiros passos. A região de Barra do Garças, ou do leste do Mato Grosso, oferecia terras férteis, planas, abundância de água, e disponibilidade de mão de obra. Era questão de apoiar e estimular. A presença dos gaúchos e a criação das cooperativas na região era uma boa propaganda, afinal, eles eram trabalhadores, aguerridos empreendedores, mas era preciso mais, era necessário que o grande capital se voltasse para a região investindo, capacitando profissionais e dando pleno emprego.



Apresentação de Dança Tradicional em festividade da comunidade Gaúcha no Mato Grosso – Acervo Valdon Varjão

Além disso, havia o enorme potencial turístico. O turismo no país ainda era incipiente, com valorização apenas de lugares como as praias no Nordeste e o Rio de Janeiro.

Meu pai entendia que era preciso valorizar e divulgar as maravilhas naturais ali existentes, além dos rios Araguaia e Garças, havia a Serra do Roncador, com seus paredões e cachoeiras de um lugar místico que um dia, atraíram aventureiros que infelizmente desapareceram sem deixar vestígios, como o Coronel Inglês Fawcett e seu filho Jack, que inspiraram um episódio para o cinema da trilogia de Indiana Jones.

Havia um pedaço do Brasil encravado em seu coração que o mundo precisava conhecer, ter ciência de sua existência como lugar de belezas únicas, impar. E esse lugar era ali, com rios caudalosos, florestas virgens, cachoeiras e serras inexploradas.

Entendia que não fora por acaso que um dia, o presidente Getúlio Vargas, com sua visão de futuro, enxergara aquela região e fizera tudo para desbravá-la, antes que estrangeiros o fizessem.

Além das riquezas culturais, dos diversos povos, haviam ali recursos naturais e minerais inextinguíveis. Era uma região realmente abençoada, e o melhor de tudo: tinha um povo honrado, trabalhador que sabia receber o que vinha de longe para empreender, valorizar e emprestar sua força de trabalho ao lugar.

Sem contar os mistérios, as lendas que contavam dali. Lendas contadas por índios, que as trouxeram de sua cultura milenar, de ouvir contar por seus ancestrais que as inseriram em seus costumes. Não foram lendas ensinadas pelo colonizador, pois apenas no meio do século XX tiveram contato com os brancos. Um lugar místico, maravilhoso, único.

O diamante, que despertara a atenção de aventureiros de todo o país e atraía gente simples como meus avós, praticamente não existia mais como atividade econômica. O foco era outro. Ao final do garimpo, a Fundação Brasil Central e a consequente implantação de sua sede em Aragarças e do almoxarifado avançado no Vale dos Sonhos trouxera novo alento àquela região. Mas, a Fundação cumprira seu papel, deixando em seu caminho inúmeras e progressistas cidades e acabou se tornando uma superintendência, a SUDECO – Superintendência de Desenvolvimento do Centro Oeste, que mantinha grande importância no contexto para o desenvolvimento da região.

Era inegável que a decisão da construção de Brasília recebera muita influência dos resultados da Marcha para o Oeste, do trabalho grandioso desenvolvido pela Fundação Brasil Central. A necessidade de maior presença do estado em regiões centrais do país era algo que se impunha e o Presidente Juscelino Kubitschek fizera realidade aquilo que durante anos fora apenas um sonho. Brasília agora era a sede administrativa do país, situava-se no

centro do Brasil e como a Marcha para o Oeste, trouxera desenvolvimento e progresso a uma região até então, em quase situação de abandono, sob o ponto de vista econômico e social e político.

Um dos grandes entraves ao desenvolvimento fora resolvido: a ponte, ligando Aragarças, passando pela parte de terra que seria futuramente a sede do município de Pontal do Araguaia e finalmente Barra do Garças fora inaugurada, com a presença ilustre do Presidente Juscelino Kubistchek, o que valorizou a região e facilitou a vida de quem precisava transitar entre um lado e outro do rio.

A messe era grande. A colheita viria somente anos depois e era preciso plantar as bases para o desenvolvimento. A todo momento chegavam pessoas, famílias, e era preciso dar a eles além de moradia, trabalho para os pais e educação de qualidade para os filhos. Não se faz um município, um estado, um país, sem educação de qualidade, costumava dizer meu pai.

6 – DEPUTADO ESTADUAL

Era hora de dar ainda mais representação àquela região, àquele povo no centro do poder. Assim, meu pai disputou a eleição para deputado estadual, e sendo vitorioso, assumiu em 1963 o mandato na Assembleia Legislativa do Mato Grosso.

Cuiabá ficava distante cerca de 500 quilômetros de Barra do Garças, principal cidade do Vale do Araguaia. Mas, meu pai resolveu que jamais se distanciaria da terra querida que o acolhera, onde encontrara sua amada e vira nascer seus filhos. Cumpriria seu mandato, outorgado pelo povo com honra e galhardia, mas sem deixar seu povo, suas origens, aquele que considerava seu torrão.

O país passava por turbulências, e em 31 de março de 1964, durante o mandato de meu pai na ALMT, houve a revolução com as forças armadas assumindo o comando do governo federal. Para alguns, golpe militar, para outros, a redenção e a instalação da ordem no país. Antes, a instabilidade política e social tomava conta e o governo militar assumiu o poder prometendo integração e apoio aos locais distantes, como fez Getúlio Vargas nos anos 1940.

A colonização avançava estado adentro e grandes fazendas se instalavam. Agricultores sulistas corajosamente emprendiam, criavam cooperativas que viraram cidades e a produção agrícola começou a dar resultados e a trazer benefícios econômicos que resultavam também em benefícios sociais.

A cidade crescia, o comércio crescia e a população aumentava, trazendo também suas consequências. Isso exigia mais ainda dos gestores públicos municipais e dos representantes nos poderes legislativos, seja estadual ou federal.

Meu pai, enquanto deputado estadual, com muita articulação política, ajuda de seus pares na Assembleia e indo contra o pensamento do então governador, ajudou na emancipação de municípios e criação de distritos, além de buscar investimentos e ajuda financeira para Barra do Garças e outras cidades, mantendo assim sua vocação municipalista.

O site da ALMT – Assembleia Legislativa do Mato Grosso, traz em seus registros as seguintes proposições, aprovadas:

1 – Lei ordinária 1833/63 – concede auxílio de Cr\$ 300.000,00 (trezentos mil cruzeiros) à associação Goiânia de estudantes Mato-Grossenses.

2 – Lei ordinária 1852/63 – cria a Caixa Econômica Estadual.

3 – Lei ordinária 1940/63 – cria o município de Luciara.

4 – Lei ordinária 1943/63: cria o município de Nobres.

5 – Lei ordinária 1996/63 – cria um posto de saúde no município de Torixoréu.

6 – Lei ordinária 2034/63 – concede auxílio financeiro ao Ginásio Coronel Artur Borges.

7 – Lei ordinária 2051/63 – cria o município de General Carneiro.

8 – Lei ordinária 2059/63 – cria o distrito de Ministro João Alberto, dentro do município de Barra do Garças.

9 – Lei ordinária 2153/64 – cria o Distrito de Paz de Nova Olímpia, no município de Barra do Bugres.

10 – Lei ordinária 2376/64 – dá o nome de Madre Marta Cerutti à Escola Normal Regional de Barra do Garças.

11 – Lei ordinária 2574/65 – concede auxílio de Cr\$ 10.000.000,00 à Prefeitura Municipal de Barra do Garças.

12 – Lei ordinária 2636/66 – eleva a Escola Normal Regional Madre Marta Cerutti, de Barra do Garças à categoria de Escola Normal do Segundo Ciclo.

13 – Lei ordinária 2638/66 – modifica a aplicação de auxílio concedido à Prefeitura Municipal de Barra do Garças.

Segundo meu pai dizia, um trabalho difícil, que contrariava interesses e a oposição do governador a esses projetos de emancipação – ou de liberdade, como se dizia – era mais um empecilho, mas a luta valeu e esses municípios, após a autonomia cresceram e alcançaram enorme desenvolvimento. E hoje, passados tantos anos, são potências do agronegócio, fortalecidas economicamente, o que mostra o quanto meu pai e seus pares da Assembleia do Mato Grosso estavam no caminho certo.



Sessão na Assembleia Legislativa do Mato Grosso durante mandato – Acervo Valdon Varjão

O mandato fora vitorioso. Representara muito bem a região leste do estado, o Vale do Araguaia e abraçara a luta municipalista, pondo fim a discriminações e conciliando conflitos de interesses, em defesa do bem comum, o bem do povo de municípios ávidos por se desenvolverem plenamente.

Lutou muito para divulgar a região, o que foi encampado pelo então chamado “capital paulista”, que alavancado por benefícios fiscais, fez pesados investimentos em fazendas de gado, utilizando tecnologias modernas já disponíveis à época.

O resultado foi que o rebanho bovino do estado do Mato Grosso cresceu vertiginosamente, alavancando a arrecadação de impostos e praticamente obrigando Barra do Garças a planejar e criar sua exposição agropecuária, o que aconteceu no período de 5 a 12 de março de 1973, com Valdon novamente prefeito. Com o tempo se transformou em um dos mais importantes e prestigiados eventos do gênero, atraindo milhares de pessoas de todo o país.

Na sequência das grandes fazendas de gado, chegaram os produtores agrícolas oriundos da região sul do Brasil, conhecidos como “gaúchos”.

Como os liderados por Norberto Schwantes, agricultor e Pastor da Igreja Luterana. Schwantes foi uma liderança importante e representativa que ajudou a fundar grandes cooperativas como Coopercana, Conagro, Cooperativa de Colonização 31 de Março, dentre outras. Foi Subsecretário de

Estado e Deputado Federal Constituinte, mas permaneceu no parlamento federal por pouco tempo, e após o agravamento de seus problemas de saúde, faleceu no exercício do mandato, em setembro de 1988.

Com tudo isso o crescimento do estado do Mato Grosso no agronegócio foi vertiginoso. Culturas como arroz e a pecuária cresciam e geravam recursos em impostos e riqueza interna, aumentando sobremaneira o PIB do estado.

Meu pai não pensou em disputar outro mandato para a Assembleia Legislativa como deputado estadual. Tinha feito história ao longo do mandato no parlamento estadual, mostrara trabalho e conseguira densidade eleitoral para disputar e conseguir a vitória até para deputado federal, mas preferia voltar a Barra do Garças de maneira plena e disputar mais um mandato como prefeito.

O período compreendido entre o final dos anos 1960 fora turbulento na política municipal, com a cassação do Prefeito Nilo Oliveira Costa em agosto de 1968, do vice que assumiu e também foi cassado em outubro de 1969, tendo encontrado a paz política somente quando assumiu o presidente da câmara dos vereadores na condição de interventor, Jonir Oliveira Souza, que concluiu o mandato, entregando o cargo em 1970 para Ladislau Cristino Côrtes, que voltava à prefeitura eleito pelo povo.



Visita do Governador do Mato Grosso Garcia Neto à Barra do Garças, sendo recebido em ato cívico de estudantes e pelo Prefeito Valdon Varjão (1976)

Após deixar a Assembleia Legislativa, meu pai dedicou-se à sua vida privada, mas sempre mantendo contatos com empreendedores paulistas e gaúchos, facilitando informações para que viessem investir na região.

Contrariou inúmeros correligionários e apoiadores, que queriam vê-lo seguir no parlamento estadual ou federal, mas ele decidiu que seu lugar era o município, a sua querida Barra do Garças, onde achava que poderia ser mais útil a seu povo.

E assim fez, vencendo uma eleição muito disputada para mais um mandato como administrador do município para o período de 1973 a 1977, sucedendo Ladislau Cristino Côrtes.

7 – A REVOLTA DE ARAGARÇAS

O estado Mato Grosso, de dimensões continentais e fronteiriço a outras nações, historicamente sempre foi palco de muitas lutas. Importante lembrar que a sangrenta Guerra do Paraguai ocorreu em parte de seu território, quando da invasão do estado pelo exército paraguaio.

Revoluções armadas, disputas por terras, garimpo e poder povoaram a história do início do século passado. No leste do mato grosso não seria diferente. Por aqui, além de conflitos localizados, ocorreu a conhecida Revolução Morbeck-Carvalhinho, que envolvia disputas por poder e controle do comércio e dos garimpos onde se extraíam diamantes na região.

Mas, ocorreu um fato, quase pitoresco, não fosse a gravidade da situação e o envolvimento de militares das forças armadas, notadamente, da Aeronáutica.

A insurreição, conhecida como “A Revolução de Aragarças” foi presenciada por meu pai, que narraria os fatos exatamente como aconteceu, publicando na edição de número 10 da Gazeta Magazine, de fevereiro de 1979. Também publicaria em seu livro “Janela do Tempo – Homenagem ao passado”, de fevereiro de 2000.

Segundo a história, havia uma insatisfação de oficiais da FAB desde o episódio conhecido como “Atentado da Rua Tonelero”, que vitimou o Major Rubens Florentino Vaz, ocorrido em 5 de agosto de 1954, pouco antes do suicídio de Getúlio Vargas.

Pouco tempo antes da Revolução de Aragarças, ocorreu o movimento conhecido como a “Revolta de Jacareacanga”, conduzido pelos mesmos militares que embora tenham sido anistiados, em 1959 voltaram a conspirar contra o governo do Presidente Juscelino Kubitschek: o Tenente Coronel

Aviador João Paulo Moreira Burnier e o Major Aviador Haroldo Veloso, apoiados por outros oficiais de alta patentes da Aeronáutica.

Major Veloso, como era conhecido, passou a ser a figura proeminente da revolta. Meu pai, em sua narrativa dos fatos na Gazita Magazine, o descreveu dessa forma:

“Militar habilitado, bondoso e idealista, conhecedor profundo do hinterland (interior) brasileiro, tendo conquistado grandes amizades na região por ter sido um dos melhores diretores da rota Rio-Manaus onde prestava relevantes favores aos humildes, com passagens aéreas, principalmente em se tratando de casos de doenças, inúmeros foram os enfermos conduzidos para hospitais, com internamentos tratamentos gratuitos em Goiânia, São Paulo ou Rio de Janeiro. Seu espírito caritativo, despido de orgulho ou vaidade fez em toda a rota conquistas de simpatias e amizade”.



Aeroporto de Aragarças em 1953, 3 anos após a revolta – Imagem: Acervo Valdon Varjão

8 – CAUSAS DA REVOLTA

Mas, o que revoltou tanto os militares da FAB, que passados pouco mais de dois anos de uma revolta malsucedida, como a de Jacareacanga, novamente seus protagonistas se metiam em uma nova aventura, que poderia trazer consequências imprevisíveis, para o país e para eles?

Segundo meu pai relatou, foram duas as causas: a primeira, a renúncia de Jânio Quadros, em quem depositavam esperanças, a candidatura à presidência. Outra, era a oposição dos militares ao então governador do Rio Grande do Sul, Leonel de Moura Brizola, “*que pretendia chefiar um movimento comunista que se iniciaria em 15 de dezembro daquele ano de 1959. Queriam os conspiradores da FAB que seu levante provocasse a decretação do Estado de Sítio no país, dando possibilidade às forças armadas de debelar o movimento esquerdista projetado pelo chefe do Executivo rio-grandense.*”

A rebelião estava marcada para o dia 10 de dezembro, iniciando-se com a prisão do Presidente Juscelino Kubistchek que naquela data deveria inaugurar em Belo Horizonte algumas obras de seu governo.

Carlos Lacerda, estando em Cabo Frio, fora informado por oficiais da FAB do que tramava-se, se fez transportar imediatamente para o Rio, naturalmente para avaliar a possibilidade de êxito ou fracasso do golpe, concluindo pela última hipótese. Daí, a razão do abreviamento precipitado da rebelião com a negativa da participação de Lacerda, que ainda tomou a posição de denunciar a conspiração através de um telefonema do Dep. Bento Gonçalves, Presidente da Frente Parlamentar Nacionalista, pedindo que levasse ao conhecimento do governo.

Bento Gonçalves acordado no meio da noite pelo telefonema de seu tradicional adversário político, sentiu-se perplexo diante da notícia e procurou entrar em contato com o Ministro da Guerra, marechal Henrique Teixeira Lott, para dar ciência do que estava se desenrolando no seio da FAB.

Às 5 horas da manhã, o Ministro levantou-se para fazer suas habituais ginásticas suecas, quando foi avisado por Bento Gonçalves das ocorrências da noite, colhidas por intermédio de Lacerda, o que não deixava pairar nenhuma dúvida.

O Ministro mobiliza imediatamente os órgãos de segurança; feita a apuração dos fatos, chegaram à conclusão de que 3 aviões do CAN (Correio Aéreo Nacional) – 2 Douglas C-47 e 1 Beechcraft haviam deixado a Base do Galeão sem autorização dos setores responsáveis, e presumivelmente haviam seguido para Aragarças, depois de curta aterrissagem em Goiânia. Era exatamente 2 de dezembro de 1959.

Outro avião da Panair do Brasil, um Lockheed Constellation com 8 tripulantes e 38 passageiros, quando efetuava a linha comercial da rota Rio – Belém, nas proximidades de Imperatriz, no estado do Maranhão, foi obrigado a mudar de rumo, sequestrado por um oficial da FAB, que como rebelde estava a serviço do Movimento para conseguir sequestrar a aeronave. No avião viajavam 6 jornalistas do Rio de Janeiro que iam efetuar em Belém a cobertura jornalística de uma reunião da SPEVEA – Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia – todos passando a prisioneiros da rebelião, além de 2 engenheiros da Petrobrás e do Suplente de Senador Dr. Remy Archer, Presidente do banco da Amazônia, que foram os mais visados para dar repercussão nacional ao sequestro da aeronave.

9 – CHEGADA DOS REVOLTOSOS A ARAGARÇAS

Eu era muito menina, mas ainda e mantenho vivas na memória as lembranças de quando acordei assustada com o ronco dos motores do imenso avião que sobrevoava Aragarças e Barra do Garças ao nascer do dia daquele 2 de dezembro de 1959.

Meu pai, à época prefeito de Barra do Garças, relatou:

“Eram 7 horas da manhã, quando Aragarças e Barra do Garças foram acordadas pelos roncões dos 4 motores do avião Constellation, da Panair do Brasil, tipo ainda não visto pela região e causou curiosidade nas duas povoações, que se aglomeraram nas proximidades do aeroporto, para verem de perto as evoluções e aterrissagem.

A leva curiosa foi barrada ao alcançar as dependências do aeródromo pro pessoas civis e militares do destacamento local, armados de metralhadoras que informavam tratar-se de uma Revolução. Que o avião visado estava carregado de material bélico e soldados. Foi o que mais ainda aguçou a curiosidade popular, visto que, até aquela hora as duas localidades desconheciam qualquer notícia a respeito.

O impedimento de acesso ao aeroporto não tirou a visão da aterrissagem do avião e isto fez com que a leva de curiosos permanecessem à cata de outros informes do movimento.

Logo após a descida do Constellation foi providenciado um caminho da FAB com uma escada de madeira para que os passageiros pudessem alcançar o solo. Sob a curiosidade e estupefação dos presentes, desceram da aeronave jornalistas e passageiros e uma urna funerária.

Os jornalistas ao tomarem ciência do sequestro com o desvio da rota, passaram a fotografar o local, a aeronave, os oficiais, a urna, enfim, todos os movimentos do momento”.

Os fatos que se seguiram, foram tensos e de certa forma, havia a incerteza do que estava por vir. Os militares confiscaram os filmes das máquinas dos jornalistas e precisavam de uma solução para o corpo que estava na urna funerária, fato muito lamentado e sentido pelo marido da falecida. Tentou-se algum paliativo, como conseguir gelo para conservar o corpo, mas como isso era inexistente, o Major Veloso, apiedado, resolveu destacar uma aeronave pertencente ao Correio Aéreo, que fora apreendida pelos revoltosos, ordenando que levasse o corpo até a cidade de Santarém, no estado do Pará.

Meu pai acompanhava o desenrolar dos fatos nas proximidades do aeroporto, misturado a aglomeração que se formara. Não demorou e vieram dizer a ele que os revolucionários solicitavam a presença das autoridades locais.

Acompanhado do então prefeito de Aragarças Deoclides Lopes dos Santos, do chefe da Base da Fundação Brasil Central Francisco Guanabara, meu pai conta o quanto foram tensos os momentos que se seguiram:

“Ao sermos apresentados ao Cel Burnier, este logo entregou-nos um manifesto escrito à máquina, que continha umas vinte laudas. Fomos solicitados, na condição de prefeitos, a providenciar a reprodução de cem cópias do documento através de fotocópias, ou mimeografado, do que informamos ser impossível naquela época, pela falta de máquinas apropriadas.

Para divulgação imediata o coronel entregou o manifesto ao repórter Hilário, da Revista Noite Ilustrada, a quem pediu que procedesse a leitura para que todos os presentes tomassem conhecimento das causas e finalidades que levaram os oficiais a se rebelarem contra o governo.

Nesse interim, travou-se um áspero diálogo entre o Cel. Burnier e o repórter, agastado por haver perdido seu material fotográfico, cujo diálogo teve o seguinte teor:

- Coronel, esse manifesto foi o senhor que fez?
- Não...

— O senhor está de acordo com as expressões do mesmo?
— Sim... Porquê não?
— O senhor sabe ler?
— Aonde você quer chegar?
— Então o senhor leia, porque nós não temos essa obrigação.
O Coronel deu um passo atrás, sacou de um Parabellum, segurou o repórter pelo colarinho e disse:
— Antes, fiz um pedido. Agora, é uma ordem, seu canalha...
Ficamos estupefatos diante da cena e permanecemos imóveis como estatuas a temermos agressões”.

10 – HORAS E HORAS DE TENSÃO CONTÍNUA

O movimento não fora como os revoltosos esperavam. Apenas os aviões que foram sequestrados juntamente com o Constellation da Panair do Brasil, além dos que chegaram, como os do Correio Aéreo estavam na pista. Meu pai soube depois que esperavam 50 aeronaves e 324 homens, o que acabou não acontecendo.

Pelo país afora, as notícias que vinham pelas emissoras de rádio eram desconstruídas e totalmente fora da realidade e os amotinados cortaram todos os meios de comunicação externa da cidade.

Meu pai entendia que aquela situação tinha que ser resolvida o mais rapidamente possível antes que os ânimos se exaltassem e houvesse derramamento de sangue, vitimando militares e populares. Era preciso agir.

Precisava avisar as autoridades do governo federal de como estava a situação real e solicitar providências antes que fosse tarde e acontecesse uma tragédia.

Havia pessoas de Aragarças e de Barra do Garças que estavam envolvidos com os revoltosos, e qualquer movimento em falso, poderia desencadear reações intempestivas e trágicas. Era preciso parcimônia, paciência, diálogo e acima de tudo a certeza de cada passo que fosse dado, cada atitude tomada, fosse com cuidado, discrição e precisão cirúrgica.

Após o tenso momento entre o enterevero do Coronel Burnier e o repórter, a seqüência dos fatos foi assim narrada por meu pai:

“Chegava-se a hora do almoço, foram obrigados a providenciarem hospedagem para os passageiros do Constellation. O chefe da Base de Aragarças Francisco Guanabara, se incumbiu desta responsabilidade

autorizando o Grande Hotel da FBC às providências. Na levada da bagagem dos passageiros para o hotel, juntamente com às outras autoridades que ali ainda estavam, aproveitamos para nossa retirada. Tomei a bagagem do Senador Remy Archer (um dos passageiros do avião sequestrado) para ajudá-lo a conduzi-la e pela estrada fomos fazendo conhecimento; disse-lhe ser o prefeito da cidade vizinha e pus ao seu alcance os meus préstimos. Ele pediu-me que enviasse um telegrama à sua esposa, deu-me o endereço e pediu que lhe informasse da sua condição de refém; imediatamente me dirigi à Estação Telegráfica de Barra do Garças que já havia sido danificada pelos revolucionários, conduzindo o aparelho de telegrafia Morse e cristais de rádio.

Falando com o telegrafista Manoel Rosa este se prontificou a atender qualquer notícia se nós lhe emprestássemos o telefone à pilha da usina hidrelétrica da Prefeitura. Providenciado o aparelho, foi instalado o mesmo nas proximidades da cidade, a uns dois quilômetros, onde a linha passava e ali do mato, às escondidas, ele fez a chamada com a Estação Voadeira e esta interligou a Cuiabá e por essa forma foi restabelecida a comunicação e demos notícias aos familiares do Senador Remy Archer, ao Senador Filinto Muller e ao Governador João Ponce de Arruda, tendo o diretor dos Correios e Telégrafos autorizado a vigília permanente com nossos telefonemas.

Tendo feito ligação direta com o Marechal Teixeira Lott, conforme fac-símile dos telegramas da época, pelos quais ele tomou as providências da ocupação, sem prejuízo de aeronaves e pessoas.

Às 3 horas da madrugada do dia 3 de dezembro, os revolucionários chegando à conclusão do fracasso do golpe, e que poderiam ser alcançados numa operação de retomada pela infantaria do exército, a conselho do Cel. Luís Mendes, resolveram liberar o Constellation e seus prisioneiros, Senador Remy Archer, os dois engenheiros da Petrobrás e demais passageiros, sendo levados para Buenos Aires por um oficial da FAB, enquanto os outros aviões decolaram para Xavantina, onde já estava a Base sob controle do Tenente Coronel Aviador Geraldo Lobarthe Lebre. Em Xavantina, se localizaram apenas oficiais dispostos a sustentarem o golpe a qualquer preço, até conhecer suas consequências.

Na manhã seguinte, 4 de dezembro, tomando conhecimento pelos rádios de que havia chegado a Aragarças 3 aviões com forças revolucionárias e sabendo que Xavantina não dispunha de víveres para subsistência de muitos dias resolveram deslocar os dois aviões Douglas, um com elementos que serviriam para fazer o transporte

e outro para fazer a cobertura armada, trazendo bombas, armas e também se inteirarem da veracidade das notícias.

Ao sobrevoarem o aeroporto, percebendo os aviões, tiveram dúvidas se eram elementos revoltosos ou forças do governo. Esperaram a senha combinada, o que se demorou. Jogaram uma bomba, que não detonou (não sabe-se se por ignorância de quem a usou para intimidação).

O Sargento que tomava conta do aeroporto avisou ao Major Castelo Branco, comandante da “Operação Retomada” que comandava os paraquedistas da fórmula da senha que consistia em correr em sentido “V” duas pessoas, fazendo o sinal Ok.

Os paraquedistas estavam camuflados atrás dos tambores vazios que serviram para interdição da pista, usados pelos mesmos revolucionários.

Com o sinal, o avião C-47 de nº 2060 efetuou a descida, mas ao virar a pista, na altura da intercessão, perceberam que haviam caído numa cilada e arremeteu para decolagem. Aos gritos de “fogo” pelo Major Castelo Branco os paraquedistas bombardearam com suas “bazucas” o aparelho que incendiou-se imediatamente ainda correndo no solo.

Os tripulantes tiveram que abandoná-lo sob as chamas e as balas dos atiradores. Alguns foram imediatamente presos. O Tenente Lesinger, comandante, o subcomandante Francisco Milhomem (Chico Doido), Cid Lana Batista (Piloto da FBC), Edmundo Wanderley e Enzo Pizano.

Os demais componentes: Renato Porto, Domingos Cachoeira, Preto Itaituba, paraná, Fernando Wanderley e Nonato Milhomem escaparam pelo mato que margeava a pista. Cachoeira e Itaituba fugiram para Xavantina e Renato, dizem, que em trajes femininos com um saco de aboboras na cabeça se despistou, passando através das pontes do Araguaia e Garças, para o estado do Mato Grosso.

O avião 2060 durou mais de duas horas em chamas na pista, o que impossibilitou a saída dos demais aviões no encaço dos revolucionários, possibilitando-lhes a retirada com o outro Douglas e um Beechcraft para Assunção, no Paraguai e Roboré, na Bolívia, onde homiziaram-se após a refrega, os oficiais.

Major Aviador Eber Teixeira Pinto, Piloto Civil Charles Herber, Major Aviador Haroldo Veloso, Tenente Cel. Aviador João Paulo Burnier e Cel. De Exército Luís Mendes da Silva, que em voo perigoso, tiveram que efetuar uma aterrissagem uma fazenda

do Pantanal Mato-grossense para abastecimento com gasolina que levavam a bordo.

Toda a revolução não durou mais que 72 horas”.

11 – OPERAÇÃO RESGATE E INQUÉRITO

Com a fuga dos revolucionários acabou-se o movimento, entretanto permaneceram em Aragarças e Xavantina os 80 soldados paraquedistas em pé de guerra com manobras militares que intimidavam a pacata população, tendo muitas famílias se embrenhado nas matas com o temor de refregas. Nas pontes do Araguaia e Garças os transeuntes eram revistados dos pés à cabeça com certas buscas deprimentes e ameaçadoras.

Compravam no comércio e autorizavam a cobrança posteriormente. Dos credores, apenas o Sr. Alfredo Rocha, arrendatário do hotel, foi quem recebeu, aliás, dizem que a soma recebida foi fabulosa pela hospedagem feita.

Após uns 15 dias chega a Aragarças o General Eugênio Taurino de Rezende, acompanhado por um tenente e um sargento para efetuar o inquérito e ouvir as testemunhas.

Em razão de sermos portador da cápsula da bomba jogada, que um garoto me deu como souvenir da revolução e de ser o prefeito de Barra do Garças fui uma das testemunhas visadas.

O que atendendo, percebi que tudo iria ficar sem maiores punições, isso porque já conhecia o que ocorrera com um dos mesmos revoltosos, Oficial Major Veloso, quando se rebelara em fevereiro de 1956 na Revolta de Jacareacanga e do espírito bondoso e perdoador do Presidente Juscelino.

Assim, me procurei a reservar-me nas respostas, mesmo porque desconhecia muitas coisas das perguntas feitas. Numa delas o oficial insistiu que eu lhe informasse se sabia de telegramas que foram trocados entre Enzo Pizano, Edmundo Wanderley e Major Veloso, dos quais ele dizia ter o seguinte teor: ‘segue medicamentos’ e dizia serem armas.

Com as negativas de conhecimento ele quis insinuar que toda a comunidade tinha conhecimento e que só eu negava. Falei que realmente desconhecia, mas se conhecesse, não informaria, pois os inquéritos

iam e as punições não vinham, e assim eu é que teria que me haver com os denunciados se fosse o caso de conhece-los. Isso me custou a ameaça de prisão

Quando o general perguntou-me o que eu queria insinuar, foi que que lhe disse que o Presidente Kubistchek não era homem de vinditas e que todo militar quando revolta, está a serviço da pátria, era um protesto como um parlamentar, usando uma tribuna, para um desabafo ou denúncia, também está no desempenho de sua função; que nosso chefe, Senador Filinto Muller, também havia sido revoltoso em 1924 e hoje era um dos líderes nacionais e assim. Tive a compreensão do meu gesto.

São esses os lances vividos na chamada ‘revolução de Aragarças’, que na época grande divulgação deu à região por ter servido de palco de sua operação”.

12 – FINALMENTE, A PAZ

Meu pai narra os fatos de maneira tranquila e sem alarde, segundo sua visão e da maneira que presenciou. Como prefeito, cabia a ele ter equilíbrio e dentro do limite de suas possibilidades, fazer tudo para que não houvesse derramamento desnecessário de sangue, com a perda de vidas humanas.

Lembro claramente de anos depois, ao se referir ao assunto, ele afirmar que, ‘as duas populações foram melhor tratadas pelos revolucionários que pelas forças governistas, da operação retomada’.

Essa narrativa aqui reproduzida foi publicada na Gazeta Magazine e posteriormente, em seu livro Janela do Tempo – Homenagem ao Passado

III

1 – DIVISÃO DO ESTADO DO MATO GROSSO

No último ano de seu mandato como prefeito de Barra do Garças, o Mato Grosso vivia um debate intenso, com a possibilidade de divisão do estado e criação do Mato Grosso do Sul.

Haviam debates em todas as camadas sociais. Do botequim à banca da feira, das reuniões de empresários e fazendeiros aos parlamentos. Eram discussões com opiniões pró e contra, ora calmos, educados e elegantes, ora acalorados, como é tão peculiar à política.

Meu pai tinha conhecimento sobre o quão era difícil administrar um território tão grande como o estado do Mato Grosso naquele momento.

Sabia da história do estado em suas menores nuances, desde a infância na querida e saudosa Baliza, cantada e decantada em poemas como “Minha vida menino”, até as dificuldades superadas para se consolidarem como municípios independentes política e administrativamente, como fora Barra do Garças.

Trabalhou na Fundação Brasil Central, viu de perto o início da “Marcha para o Oeste”. Com a FBC vieram homens arrojados com experiências em mundos tão diferentes e unidos aos sertanejos, aos homens nativos da terra enfrentaram com coragem todas as dificuldades possíveis e imagináveis, desde doenças, índios hostis em defesa de seu povo e seu território, animais ferozes e peçonhentos, e a magnitude e grandeza da resistente floresta.

Com tenacidade e coragem abriram com facão e no machado picadas que se tornaram estradas, ora barrentas, ora poeirentas, repletas de atoleiros ou areais, mas que serviram de guia, de caminho para que esses mesmos homens povoassem e levassem progresso e riqueza ao então desconhecido interior do Brasil, e ao desconhecido e misterioso interior do Mato Grosso.

Sabia também que seria mais fácil e justificável para o governo federal investir no apoio e desenvolvimento de um novo estado que na situação que se encontrava o Mato Grosso. Era preciso abrir novas fronteiras e o governo com sede em Cuiabá dificilmente teria disposição ou recursos para tanto.

A melhor opção seria a criação do novo estado. Para lá o governo federal destinaria verbas e os futuros parlamentares estaduais e no congresso nacional haveriam de se dedicar de maneira exclusiva àquele pedaço que prometia muito, com terras férteis e planas, abundância de água e certeza de que pouco tempo depois se tornaria uma potência agrícola e pecuária.

Havia por fim o interesse e a intenção do Presidente da República, General Ernesto Geisel em aumentar a presença populacional na região sul do estado. Ele se baseava em experiências positivas, dentre elas remontava a 1943 quando da criação do território de Guaporé, depois Rondônia, que nascia com parte do estado do Mato Grosso e parte do Estado do Amazonas.

O sul do Mato Grosso era uma zona fronteira e ao longo da história, a cobiça e o desejo de ocupação da sabidamente rica região amazônica por outros países, sempre foi algo real, se por algum motivo permanecia adormecido, era necessário que se agisse naquele momento, para não encontrar maiores dificuldades e dissabores no futuro.

E foi assim que no dia 11 de outubro de 1977, o então presidente da República General Ernesto Geisel, diante de autoridades do Mato Grosso e membros de outros poderes, sancionou a Lei complementar nº 31, decretada pelo Congresso Nacional, que no Capítulo I das Disposições preliminares, em seu artigo 1º, trazia:

“ É criado o Estado de Mato Grosso do Sul pelo desmembramento de área do Estado de Mato Grosso”.

As bases, as sementes para o desenvolvimento do sul do estado, doravante Mato Grosso do Sul, foram lançadas. Era questão de tempo, de cumprir o que dizia a lei, aspiração de muitos, decepção de outros.

E em 1º de janeiro de 1979, o Presidente Geisel discursava na solenidade de implantação do novo estado, na nova capital Campo Grande, quando de sua implantação, com palavras que pareciam antever o futuro:

“A criação do Estado de Mato Grosso do Sul deve ser entendida como o reconhecimento político de uma realidade econômica e social. Como uma decisão que vem atender a vontade de seu povo, que, ao mesmo tempo, objetiva melhor integração nacional e a consolidação da ocupação da Região Centro-Oeste, que beneficia também o próprio Estado de Mato Grosso — visto como poderá este dedicar-se, doravante, com o apoio da União ao melhor aproveitamento de seu imenso território e à exploração de suas grandes potencialidades de desenvolvimento. Antevejo, para o novo Estado Brasileiro, promissor

futuro. De seu povo e de seu Governo, estou certo, muito esperam todos os brasileiros.”

O Tempo provou que ele tinha razão.



Presidente Geisel discursa em Campo Grande, quando da criação do estado do Mato Grosso do Sul – Acervo Biblioteca da Presidência da República

IV

1 – O DR. SEBASTIÃO JÚNIOR

Em 1972, mudou para Barra do Garças um jovem médico recém-formado. Era o Dr. Sebastião Alves Junior, nascido em Minas Gerais, que se formara em Goiânia pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, turma de 1971.

À época, meu pai era candidato ao cargo de prefeito e iniciava mais uma campanha eleitoral. Após breve convivência, meus pais logo se afeiçãoaram por aquele rapaz educado, centrado, de índole generosa, que passou a frequentar minha casa diariamente, pois trabalhava no hospital que ficava ao lado e aos poucos descobriu ter muita afinidade com o jeito de ser de meu pai. Foi ali, em minha casa, durante uma de suas visitas, que nos conhecemos.

Ao lado de nossa casa, havia um prédio que pertencia a meu pai e fora transformado em hospital, onde trabalhava o Dr. Sebastião Junior.

Era tido como um profissional médico competente, humano, paciente e de bom coração. Com isso, log caiu nas graças do povo.

Dr. Sebastião Junior era um dos poucos médicos que atendiam em Barra do Garças e meu pai, após a vitória nas urnas e assumir a prefeitura, sabendo de sua competência e maneira de tratar as pessoas, providenciou sua contratação pelo município.

Àquela época não existia SUS e era grande a necessidade de ampliar o atendimento e melhorar as políticas públicas de saúde. Em um tempo em que médico era um profissional raro, meu pai providenciou que fosse contratado. Dessa forma, ele passou a atender em um posto de saúde da periferia, onde as pessoas mais necessitavam, localizado na Vila Santo Antônio, um setor novo, ainda em fase de formação naquele ano de 1973.

Pelo fato de ser atencioso, cuidadoso com os pacientes e oferecer sempre a prescrição correta dos medicamentos e indicar bons tratamentos, passou a ser muito procurado.

Eu tinha uma rotina muito regular. Todos os dias ia e voltava da escola com meu pai, que fazia questão de ter esse cuidado. Acontece, que por diversas vezes, em função do cargo que exercia, ele tinha que se ausentar de Barra do Garças, quando empreendia viagens pelo interior do município ou a Cuiabá, Goiânia ou outros destinos, em busca de resolver assuntos ligados aos interesses da cidade. Quando isso acontecia, eu fazia o percurso a pé. A escola não era longe, ficava a aproximadamente três quilômetros de distância.



Foto histórica: Sebastião Alves Júnior (no centro da foto, de camisa escura, ao lado do rapaz de óculos), quando estudante de medicina em Goiânia, por ocasião dos protestos contra o acordo MEC-USAID – Acervo Malba Varjão

A escola que eu estudava chamava – ainda chama – Escola Estadual Heronides Araújo e o jovem médico tinha um amigo, Dr. Luís Alberto, colega dos tempos de faculdade que residia quase em frente e a seu convite viera

para Barra do Garças. Era ali, com a desculpa de visitá-lo que ele “sabia” quando as aulas terminavam.

Do hospital em que trabalhava e morava, ao lado de minha casa, tinha como saber quando meu pai viajava, ao perceber que o carro não tinha saído ou não estava na garagem, e quando tinha tempo, dava um jeito de “arrumar tempo” conforme eu soube depois, de correr para a casa do amigo e observar quando as alunas saíam – dentre elas eu.

Ao sair da escola e me dirigir para casa a pé, juntamente com minhas colegas, ele nos oferecia carona, com a justificativa que estava indo para o mesmo lugar e que teria o maior prazer em nos deixar em casa.



Malba Varjão em 1973, com bateia de garimpeira, por ocasião do desfile comemorativo ao aniversário de Barra do Garças – Acervo Valdon Varjão

Eu ficava irritada com a ousadia e falava que não, que ele ficasse à vontade pois iria junto com as amigas. Elas me beliscavam insistindo para que eu aceitasse, afinal, ele era um rapaz solteiro, jovem, bonito, gentil e que gostava de minha companhia. Eu resistia, afinal, não era o que eu queria naquele momento para minha vida. Mas elas diziam: “Malba, vamos com ele no carro, ele diz que vai levar a gente. Está muito calor e moramos longe”.

De tanto que insistiam, acabava por aceitar a carona e ele deixava a todas em suas casas, e eu sempre ficava por último, com a desculpa que trabalhava ao lado da minha casa.

Com o tempo, passamos a aceitar as caronas de maneira mais natural, afinal ele sempre fora respeitador e gentil. Um dia, ele me propôs que namorássemos.

De imediato eu disse que não, que não iria namorar, pois era muito jovem – eu contava à época com 16, quase 17 anos.

Disse que era muito nova para assumir compromissos sérios e que meu objetivo na vida era estudar, fazer faculdade e me formar naquilo que mais me conviesse. E aí, tem o sistema de meu pai...

E fui incisiva: “Se eu ficar namorando, meu pai pensará que é coisa séria, e isso eu não quero para mim. Preciso seguir meu caminho, conquistar meus espaços, fazer uma faculdade de acordo com minha vocação, me formar e pelos próprios méritos, alcançar meu lugar”.

2 – EDUCAÇÃO E PROJEÇÃO DE BARRA DO GARÇAS

Uma das grandes preocupações de toda a vida de meu pai era que a educação chegasse a todos que quisessem e pudessem estudar. Não somente aos jovens, mas também aos adultos. Certa vez, preocupado com o elevado número de semianalfabetos, enquanto prefeito, ele conseguiu a vinda de uma banca de madureza, que ministravam aulas em uma espécie de supletivo, onde pessoas de mais idade, populares, alguns vereadores e até ele, que não tinham o ensino médio, puderam ampliar seus estudos.

Pouco tempo depois, ele conseguiu para a rede estadual o Curso Técnico de Contabilidade. Foi muito interessante, pois na época eu havia terminado o ginásio e entrei para o curso. O detalhe, é que eu estudava de manhã no Colégio Madre Marta Cerutti, onde fazia Curso Normal, com o objetivo de ser professora e à noite, como gostava muito de estudar, fui fazer o curso técnico de contabilidade. Fazia os dois cursos paralelamente e o mais interessante: passei a ser colega de sala do meu pai. Fiz os três anos de contabilidade lado a lado com ele. Então, nós passamos a ser colegas.

Durante toda a minha vida fui uma aluna dedicada e tida como brilhante. Ao fim de cada bimestre, ia todo orgulhosa mostrar o boletim para o meu pai, e ele olhava, sorria e dizia: “Tem que ser tudo dez”. Para ele, nunca parecia estar bom o fato que tirava nove, nove e meio.

Quando passamos a estudar juntos, é que ele passou a perceber e entender o quanto era difícil obter boas notas. E porquê? Por que quando o professor falava, explicava, ele debatía com o professor. Em História Geral e do Brasil ele era muito bom, mas só fazia as provas pelo que sabia. Quando era época das provas, ele não estudava – dizia ser por falta de tempo – e era sempre o primeiro a entregar as provas ao professor, o que para ele, era uma imensa vantagem.

Eu, fazia minha prova calma e tranquilamente, sempre obtendo bons resultados. E ele, que já entregara a prova, ficava próximo à porta, tentando ajudar os colegas de sua idade a acertarem as questões que ele sabidamente errara, e agora, de posse de seu caderno, tentava passar as respostas corretas aos colegas, normalmente, os de sua idade.

Foi um tempo de muita alegria. Quando podia, eu ajudava os mais velhos a tirarem suas dúvidas. Lembro vivamente os senhores Lídio Pereira, Helder Jacarandá, o ex-deputado Alencar Soares filho tentando entender aquelas fórmulas matemáticas, pronomes e gramática da língua portuguesa. Eu procurava exercitar meus dotes de futura professora, mas por birra, no início eu não ensinava meu pai. Era para ele ver e saber como era difícil tirar nota. Mas, logo nos entendemos e passamos a ser ótimos colegas de aula.

3 – PEDIDO DE NAMORO

Certa tarde, ao terminar de me arrumar para ir à escola, saio do meu quarto e vejo Sebastião Júnior sentado à mesa diante do meu pai, pedindo para namorar comigo. Ele, Sebastião Alves Júnior, querendo autorização para que pudesse namorar comigo. Meu pai, com sua tradicional fleuma e bom humor disse: “Eu nunca vi isso! Vir gente em minha casa e a essa hora, para pedir namoro? E você é solteiro, meu rapaz?” Ao que ele responde enfaticamente: sou!

Evidente que meu pai sabia que ele era solteiro, conhecia sua vida, conhecia sua luta. Meu pai parecia se divertir com a situação e ao me ver se aproximar já com uma postura desafiadora, me falou sobre o motivo da presença dele ali naquela tarde. Eu logo percebi e não dei muito tempo, manifestando claramente que tinha ficado muito brava.

Disse diretamente a ele: “Falei para você não vir falar em namoro na minha casa porque aqui namoro é compromisso, é para ser coisa séria. Meu pai não gosta de enrolação, e eu não tenho costume com namoro, aliás, ele não

deixa nem eu sair, quando mais ficar namorando. Se eu falar em namorado, aí que ele e minha mãe me prenderão de verdade”.

Era verdade o que eu dizia. Meus pais sempre foram muito cuidadosos com os filhos e comigo não era diferente, sequer deixavam que eu fosse à praia. Se eu quisesse ir ao rio, à praia, tinha que ser escondido. Era muito cuidado, pareciam ter o maior ciúme de mim. Mas eu entendia como amor de pais atentos e zelosos.

E aí, a história se repetiu: ele fez a mesma coisa que meu pai. Até hoje tenho dúvidas se não foi por influência ou indicação de modo de agir de meu pai. Ele se tornou quase um afilhado, de dentro da casa, sempre dando um jeito de ir até lá com a justificativa de verificar a saúde de meus pais. Com isso, vivia agradando a eles, e se tinha uma folguinha no trabalho – que era ao lado – estava dentro da minha casa. Tomava café da manhã, e sempre gentil e educado me levava e buscava na escola e já que estava ali, almoçava conosco. E eu dizendo para ele que eu não queria saber de namoro, de nada sério.



Malba Varjão, menina-moça, adolescente – Acervo Malba Varjão

Um belo dia, ele me falou que iria sair de Barra do Garças, pois precisava crescer profissionalmente. Pensava em ir trabalhar em um local denominado Posto da Mata, que apesar de ser município de Barra do Garças, era longe, distava cerca de 800 quilômetros. Lá não tinha médico, havia um surto de malária e estavam precisando dele. E tinha decidido que iria, era uma missão que entendia ter recebido. Mas, havia uma condição: iria, mas queria ir com algumas certezas em relação a mim. Uma delas, a mais importante, era que eu me tornasse noiva dele, porque ele ia trabalhar muito e adquirir condições para que nos casássemos.

Anos depois, a história de meus pais parecia se repetir...

Contrariando meu pai e minha mãe, eu não queria aceitar a proposta. E falei: “Mas, de maneira alguma eu vou ficar noiva. O que é isso? Nem casar eu estou pensando!”

Acabei ficando noiva...

Não demorou muito, ele arrumou seus pertences e foi para o Posto da Mata, onde permaneceu por um bom tempo.

Começava ali um período bastante difícil. Posto da Mata tinha todas as carências possíveis e imagináveis, faltava quase tudo; entretanto, aos poucos ele conseguiu, dando o melhor de si, ajudar a muita gente.

Conheci seu trabalho de perto naqueles rincões distantes. Vez em quando meu pai mandava um motorista de sua confiança me levar para visitá-lo. Eram visitas rápidas, mas importantes para que eu passasse a admirar cada vez mais aquele notável e bondoso ser humano que ele trazia dentro de si. Quando eu chegava, assim que ele me via, ficava bastante emocionado.

Em outro momento, quando da minha partida, a emoção se repetia. Percebi de maneira muito clara o quanto ele gostava de mim, claramente era louco por mim. Eu estava noiva e iria me casar com uma pessoa que me devotava verdadeira adoração. Mas apesar de noiva e com um casamento encaminhado eu tinha meus projetos pessoais, e certa vez resolvi conversar de maneira franca com ele. Tinha certeza que ele não iria me impedir de alcançar meus objetivos, que era principalmente continuar meus estudos, adquirir conhecimento, ser alguém na vida.

Vez em quando eu tocava no assunto com meus pais, mas eles eram radicais, sequer aceitavam tocar no assunto. Entendiam que eu tinha um noivo de bom caráter, de boa índole e tinha que casar era com gente assim. Que não adiantaria querer sair de Barra do Garças com o intuito de estudar, “...porque moça de família tem é que arrumar um bom casamento, casar e criar seus filhos”, diziam.

Algum tempo depois, surgiu uma oportunidade interessante e ele foi para Goiânia, capital de Goiás, onde ele permaneceu trabalhando, até que completou um ano longe de Barra do Garças.

Quanto a mim, fiquei um ano de aliança no dedo e aí que minha mãe e meu pai de maneira alguma permitiam que eu saísse de casa.

Mas, ele voltou.

Voltou e nos casamos no dia 16 de fevereiro de 1974 em cerimônia religiosa e civil. Começava aí uma nova etapa de nossas vidas: do Sebastião Júnior e da minha. Trajetória rica, de união onde a felicidade e o amor trouxeram para dentro do lar a cumplicidade e a amizade, a dependência boa de um com o outro e a alegria e satisfação da presença. Vivíamos um para o outro.

4 – HOSPITAL CRISTO REDENTOR, VIDA SOCIAL E FILHOS

Logo após o casamento, Sebastião Júnior se tornou sócio do Hospital Cristo Redentor, então, o maior da cidade. Começava ali outra etapa de sua vida profissional, agora empresário, proprietário de uma unidade hospitalar.

Continuou trabalhando no posto de saúde da Prefeitura de Barra do Garças, onde atendia a população que o procurava e mesmo dono de hospital, fazia questão de estar sempre ao lado das pessoas carentes de atendimento médico por toda a região do Vale do Araguaia.

Era presença constante, além do posto de Saúde de Barra do Garças, nos distritos do município, além de Luciara, São Félix do Araguaia, Ribeirão Cascalheira, Santa Terezinha, Nova Xavantina, Araguaiana, Torixoréu, General Carneiro e onde houvesse necessidade de sua presença.

Nesse tempo, se dedicou intensamente ao seu trabalho, algo que tinha como missão, como sacerdócio ser instrumento para levar alívio às dores e enfermidades de tanta gente que precisava de sua sabedoria e seu conhecimento da medicina.

Mas, não se limitava aos atendimentos curativos. Ao observar o quanto as crianças e até adultos da região sofriam com doenças decorrentes de verminose e falta de higiene, passou a orientar como evitar tais males.

O primeiro desafio era ensinar a utilizar a água filtrada. Era comum nas comunidades mais pobres utilizarem apenas um pote ou talha de barro para armazenar a água que bebiam. Mas essa água vinha diretamente de uma cisterna, de um regato, córrego ou do rio. Para evitar impurezas, apenas passavam a água por um pano limpo, o que eliminava apenas aquilo que que era visível. Dessa forma, os germes permaneciam e eram consumidos por todos da casa. A solução era beber água fervida ou filtrada, ou preferencialmente os dois. Mas, ferver água para consumo era algo trabalhoso e

impensável de inserir no cotidiano das pessoas. A solução prática e eficiente era colocar filtros de barro, com velas, para combater o ciclo interminável das verminoses e seus males.



Fachada atual do Hospital Cristo Redentor – Acervo Malba Varjão

A prefeitura, através de seus postos de saúde e de suas equipes, passou a distribuir esses utensílios domésticos e gradativamente os resultados se tornaram aparentes.

Como sempre, de início foi um trabalho exaustivo e difícil, para vencer as barreiras decorrentes do desconhecimento, da ignorância da população, mas aos poucos, com persistência, foi-se conseguindo mudar os hábitos e a presença desses filtros em cada casa, por mais simples e humilde que fosse, se tornara algo comum e até obrigatório.

Era essa a visão do Sebastião Júnior: prevenir! Medicina preventiva sempre esteve entre seus princípios de trabalho. Naqueles rincões, onde a presença de médicos era algo difícil, por mais que houvesse esforço, era

extremamente necessário e importante que se diminuísse ao máximo as doenças, que poderiam ser evitadas com atitudes simples e baratas como essa.

Mas o trabalho não parava por aí. Além de mudar os hábitos e ensinar as pessoas a consumir água limpa e potável, era preciso inculcar as vantagens e necessidades de pequenos hábitos, como vestir roupas limpas diariamente, sempre lavar com sabão, principalmente após as necessidades fisiológicas, além de construir locais adequados para que tais necessidades não produzissem germes e não mais contaminassem a terra e continuassem seu ciclo.

Saneamento básico era algo impensável àquele tempo. O mais indicado e barato era ensinar a população a construir “casinhas” a uma distância segura das cisternas ou dos cursos d’água, onde poderiam fazer suas necessidades.

Como no caso dos filtros, também demandou tempo, foi um processo, mas acabou sendo absorvido pela população, afinal era benéfico a todos e dava excelentes resultados. Isso logo chamou a atenção para a figura do médico – atenção da população e dos políticos da região.

Haviam os que viam com bons olhos os resultados que ele conseguira, a forma com que trabalhara, e os que de uma maneira ou de outra, procuravam minimizar ou até desmerecer esse trabalho.

Sebastião Júnior não ligava para a política partidária. Nessa época, poucas e raras vezes o vi conversar sobre o assunto com meu pai.



Malba Varjão com os filhos Danilo e Lorena – Acervo Malba Varjão

Mas, era inevitável que o vinculassem à política. Embora não fosse vontade ele, que queria apenas exercer a medicina da melhor forma possível,

aos olhos externos ele era genro de Valdon Varjão e na política seria seu sucessor natural. Tinha popularidade, era educado, tinha bom trato e extrema paciência com os que o procuravam – exatamente como meu pai era – e sempre foi muito respeitado, desde que chegou a Barra do Garças como médico recém-formado.

Fui eu quem começou a instigá-lo a buscar a política como instrumento de poder fazer valer seus desejos de melhor qualidade de vida para a população necessitada, mas ele sempre relutava.

Os anos foram passando, e vieram nossos filhos: primeiro, veio Danilo, depois Lorena. Duas jóias maravilhosas que encheram de alegria nossa vida.

Meu pai, Valdon Varjão, encerrara seu terceiro mandato como prefeito em 1977, passando o comando da prefeitura para Wilmar Peres de Faria, que era vereador e disputou a prefeitura, obtendo o reconhecimento e o merecimento dos votos da maioria dos eleitores Barra-garcenses.



Malba Varjão e Dr. Sebastião Júnior recebem a bênção do Bispo de Guiratinga, Dom Camilo Faresin – Acervo Malba Varjão

Wilmar, extremamente inteligente e bom administrador, deu sequência às ações já existentes e implementou também sua maneira de administrar. Barra do Garças vivia um momento de desenvolvimento e isso era reconhecido em todo o estado. Definitivamente o Leste do Mato Grosso, apesar das distâncias, era tido como um importante polo de desenvolvimento e arrecadação, face à sua economia baseada no agronegócio, palavra então pouco conhecida e raramente utilizada.

Em 1980 meu pai assumiu a cadeira no Senado da República, com a suplência de Gastão Muller. Era o início de um trabalho que seria muito difícil, mas para ele, muito importante. Ele sentia que a partir desse momento teria voz e espaço para colocar em prática o que pensava, em prol de um mundo melhor, sem preconceitos e discriminação racial, com justiça social muito mais presente na vida do povo. Tinha projetos de melhorar o atendimento médico à população pobre, como fizera em Barra do Garças enquanto prefeito. Era sonho? Sim, era, mas ele sentia que era preciso dar o primeiro passo, para que a caminhada chegasse a seu destino, seu objetivo.

5 – CRIAÇÃO DA AMMA – ASSOCIAÇÃO MÉDICA DO MÉDIO ARAGUAIA

Em 1981, pela necessidade de maior convivência, troca de experiências em debates científicos, valorização do trabalho dos profissionais médicos na região, ampliação da força nos diálogos e uma melhor interlocução com os gestores da saúde dos municípios e do estado, foi criada a Associação Médica do Médio Araguaia, cuja sigla era AMMA.

A instituição obteve seu CNPJ e passou a existir formalmente em 24 de setembro de 1981. Por ter sido um dos artífices da ideia e grande articulador para que fosse criada, o Dr. Sebastião Júnior foi aclamado pelos pares como o primeiro presidente da entidade. Era o início de um trabalho que por outros caminhos, acabou dando visibilidade ao leste do Mato Grosso, ao Vale do Araguaia, suas dificuldades, necessidades e soluções encontradas.

Inicialmente não tinha sede própria, mas o então prefeito Wilmar Peres de Farias, compreendendo a importância e os objetivos da associação, a partir de solicitações providenciou que fosse doado um terreno, onde seria construída a sede administrativa e social.

E realmente, os objetivos da AMMA logo foram alcançados. Além do aspecto social de seus membros com a convivência mais próxima das famílias, havia o lado da ciência, da medicina voltada para ajudar aos governantes na

formatação de políticas públicas de saúde. Pela seriedade com que passou a atuar, rapidamente adquiriu respeito e visibilidade.

Foram fundadores, segundo as lembranças e registros que disponho, Dr. Kleide Coelho de Lima (Secretário municipal de Saúde e Educação), Dr. Domingos Sávio Antunes de Oliveira. Dr. Arnulfo Coutinho. Dr. Dalton Siqueira, Dr. Quidinho Tolentino de Queiroz, Dr. Roberto Arão Gomes, Dr. João Bosco Morbeck e sua esposa Dr^a Vera Morbeck, além do Dr. Sebastião Júnior, aclamado primeiro presidente da entidade, atuando de 1981 a 1983.

E foi em 1981 que comecei a buscar um de meus objetivos: fiz vestibular, fui aprovada e iniciei na Universidade Federal de Mato Grosso o curso de Letras Vernáculas.

6 – 1982: ELEIÇÕES DIRETAS PARA GOVERNADOR

Os primeiros anos da década de 1980 foram época de muita efervescência na política. O Brasil caminhava a passos largos para a plena e total democracia, com possibilidades de eleições diretas em todos os níveis. O presidente João Baptista Figueiredo ao assumir deu sequência à abertura política. Inicialmente com a anistia e o fim do bipartidarismo em 1979, seguido da confirmação de eleições diretas para governador já em 1982.

Meu Pai assumira a senatoria e tinha obtido grande respeito de seus pares, exceção de um ou outro, pelo seu trabalho, capacidade de relacionamento e articulação, além de propor debates e projetos de interesse do país.

Em outro capítulo abordarei a trajetória e o trabalho do Senador Valdon Varjão, que honrou seu estado e seu país, em todos os momentos de sua vida pública, até na casa maior, a casa revisora do congresso nacional.

No estado de Mato Grosso, na disputa para governador a polarização se deu entre as candidaturas de Raimundo Conceição Pombo Moreira da Cruz, conhecido como Padre Pombo (PMDB e Júlio Campos (PDS). Barra do Garças estava representada nessa chapa, com a presença do então prefeito Wilmar Peres de Faria, que renunciara a Prefeitura para se tornar candidato a vice-governador na chapa do candidato Júlio Campos.

Foi uma eleição difícil e para muitos, complicada. Ao final, Júlio Campos, tendo Wilmar Peres como Vice, se sagrou vencedor, com 51,6% dos votos válidos. Barra do Garças, além do vice-governador, elegeu Ladislau Cristino Côrtes para deputado federal, e na suplência, além de meu pai, outro da região, Norberto Schwantes.

7 – SECRETÁRIO ESTADUAL DE SAÚDE

Passadas as eleições, começaram as articulações políticas para a formação do secretariado do governo Júlio Campos. Poucas horas após a divulgação oficial do resultado, Sebastião Junior recebeu um telefonema de Júlio Campos, convidando-o para a secretaria de saúde estadual. Na ocasião, ele afirmou saber do trabalho dele como médico e presidente da Associação, e que precisava dele em seu governo.

Sebastião pediu então algumas horas para dar a resposta. Sempre muito reservado e por vezes calado, dessa vez resolveu dividir mais profundamente o assunto com a família.

Sebastião não gostava de demorar, e após rápida conversa comigo e com meus pais, resolveu que conforme fossem as condições – e isso incluiria autonomia de trabalho – aceitaria a missão. Ligou para o governador eleito Júlio Campos e acertando esses condicionantes, deu seu sim. Dessa forma, foi o primeiro secretário confirmado do governo Júlio Campos naquele final de 1982.



Dr. Sebastião Alves Júnior, ao assumir a Secretaria Estadual de Saúde do Mato Grosso – Acervo Malba Varjão

Em quinze de março de 1983, após a posse do governador, assumia juntamente com os demais secretários. Segundo suas palavras, naquele momento partia para uma importante missão, onde haveria de honrar seu nome, do povo de Barra do Garças e do estado do Mato Grosso. Era desafiador, mas estava disposto e com coragem suficiente para enfrentar os desafios que viriam.

Parecia prever o futuro, pois os desafios, realmente, eram maiores que se podia imaginar. Havia a política de interesses, retrógrada, comum e sem princípios que haveria de tentar e conseguir transpor quaisquer obstáculos e seguir seu curso, para muitos, algo habitual e até normal, mas para um jovem íntegro, idealista e responsável como ele, inaceitável e fora de cogitação.

8 – O TRABALHO NA SES

Sebastião Júnior chegou à Secretaria Estadual de Saúde com muitos projetos, idéias inovadoras e vontade de trabalhar em prol dos menos favorecidos, utilizando suas experiências em locais inóspitos onde trabalhara, como o Posto da Mata.

E assim que assumiu, em pouquíssimo tempo descobriu que podia contar com uma equipe capacitada, com plenas condições de compreender seus objetivos e colocar em prática um projeto a ser construído em conjunto, fruto de planejamento criterioso e bem elaborado.

Ele tinha muita experiência sobre como agir em medicina preventiva, além de amplo conhecimento na convencional, curativa. A equipe, além de muito técnica, conhecia os caminhos, exigências e necessidades da burocracia estatal, como agir de maneira correta e sem percalços de caráter legal.

Percebeu que com a união de todos, a gestão seria vitoriosa e traria um ganho excepcional na área da saúde ao estado de Mato Grosso. Os resultados não demorariam a aparecer.

9 – DEMISSÕES E COBRANÇA POR EFICIÊNCIA

Não demorou e o Dr. Sebastião Junior teve que enfrentar sua primeira batalha. Batalha forte, que tentou miná-lo, desmerecer seu trabalho e desincompatibilizá-lo com o governador Júlio Campos e os parlamentares mato-grossenses.

Segundo depoimentos e notícias de jornais da época, ao promover, juntamente com a equipe da secretaria, um estudo profundo sobre a realidade do atendimento médico à população, que estabeleceu parâmetros mínimos a serem alcançados, se descobriu que haviam profissionais que suposta e aparentemente não cumpriam minimamente as metas exigidas pela secretaria.

Os jornais divulgaram que, após tentativas de diálogo para que esses profissionais cumprissem suas metas serem infrutíferas, o secretário, juntamente com o presidente do IPMAT – Instituto de Previdência do Mato Grosso, resolveu demitir esses profissionais. Foi um prato cheio para a oposição, e até para alguns da situação que, veladamente, tentaram aproveitar o vento contra para içar suas velas. Mas, com firmeza e mostrando a cara para a imprensa e para a sociedade, venceu a batalha. Seria a primeira de muitas que teria que enfrentar.

Rapidamente, Sebastião Júnior se tornou conhecido em todo o estado e articulado que era, se tornou um dos secretários importantes do governo Júlio Campos.

A partir de um trabalho conjunto da bancada federal, o lançamento da Campanha de Vacinação contra a Poliomielite no estado contou com a presença do então Ministro da Saúde Dr. Waldyr Arcoverde, que veio para a solenidade juntamente com uma pequena equipe. Na oportunidade, anunciou a liberação de verbas generosas para o estado, para atender necessidades da área da saúde. Era o princípio de conquistas de importantes valores, mas por outro lado, era também o despertar da cobiça de políticos que queriam para si o poder de gerenciar os projetos e fazer a gestão financeira.

Alguns dias antes da realização da campanha, Sebastião Júnior visitou todos os polos regionais de saúde, se reunindo com prefeitos, buscando e obtendo deles apoio para que tudo corresse bem, não faltasse nada, afinal, era um momento importante da campanha iniciada quatro anos antes. Não deveria nem poderia haver nada que atrapalhasse o sucesso da empreitada.

E de fato, foi mesmo um sucesso. Superou todas as metas estipuladas pelo Ministério da Saúde, valorizando ainda mais a recente presença do Ministro em Cuiabá.

Novas verbas estavam por vir. Através do PIN – Projeto de Integração Nacional – Polo Noroeste, houve a destinação de uma importância considerável, a ser aplicada em saúde e saneamento. O mesmo projeto contemplou também segmentos como educação, estradas, agricultura, armazenamento e outros.

Ainda em junho foi anunciado o início das obras do Hospital das Clínicas, com previsão de 300 leitos a partir de verbas da SUDECO – Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste, além de implantação de postos de saúde e criação de novos polos regionais. O trabalho ia bem

e Sebastião Júnior vislumbrava em um futuro próximo grandes melhorias para a população.

Mas, nas sombras... As sombras se movimentavam!

Alguns nomes começaram a plantar notícias na imprensa, tentando se sobressair ante a boa gestão da secretaria. Agora já não era mais oposição ao governo, mas aquilo que se chama de “fogo amigo”, gente de dentro do próprio governo.

Os meses passando, o trabalho sendo feito e começaram a persegui-lo de maneira clara e direta. Chegaram a afirmar que o fato de ele, Sebastião Júnior estar à frente da secretaria de saúde fazia parte de um acordo que envolvia meu pai Valdon Varjão, que supostamente teria “uma cota de indicações” no governo, algo irreal e falso, pois o convite para que assumisse a secretaria partira do próprio governador, e fora o primeiro a ser feito a um futuro secretário de estado.

Mas, nem completado um ano que assumira a secretaria, Sebastião Júnior pediu demissão e deixou o cargo. Era hora de voltar para casa, para a Barra do Garças que o acolhera e dera-lhe uma família.

Fora muito grande a vontade de trabalhar e poder se dedicar a conseguir melhoras para um povo sofrido e carente de serviços de saúde, mas em determinado momento, entendeu que seria melhor para ele, para sua família e para o governador Júlio Campos que deixasse a secretaria.

Lembro como hoje quando ele chegou em casa após a saída. Como sempre chegou calado, mas naquele dia, fora diferente.

Como o conhecia muito bem, percebi sua tristeza. Conversamos, me levantei de onde estava sentada e dei a ele uma grande notícia: ele seria pai novamente.

Propus que voltássemos para Barra do Garças, o que ele concordou de imediato. Só, que me surpreendendo, disse algo que marcou naquele momento. Momento importante para nós, com o anúncio de que teríamos mais um membro na família, e ele disse firme e decidido: “Vou entrar para a política. Nas próximas eleições, serei candidato”.

Comunicou sua decisão a meu pai, que tentou demovê-lo da ideia, mas era irreversível. E Sebastião Júnior não era homem de voltar atrás em sua palavra e em seus atos, sempre pensados e planejados.

Algo que marcou para sempre foi o carinho e o cuidado dos servidores da Secretaria de Saúde que trabalharam direta ou indiretamente com ele. Manifestações de tristeza pela sua saída, através de palavras, telefonemas e até bilhetes escritos, com sinceridade e demonstração de agradecimento e amizade.

No nosso bom amigo
Dr. Sebastião
da concessão de 50 crises de aulas
trabalho, em que o Senhor pode nos mostrar o
seu grande espírito de humildade, de dedicação,
de honestidade e amigo de todos, queremos sempre
dedicar a nossa gratidão, amizade e respeito que
adquirimos pelo Senhor.
O nosso muito obrigada

Bilhete de servidor em agradecimento à atuação do Dr. Sebastião Alves Júnior frente à SES – MT – Acervo Malba Varjão

Voltamos para Barra do Garças, eu gestante e de certa forma feliz, pois novamente teríamos a paz que somente a presença constante ao lado da família pode oferecer. Obtive a transferência de meu curso para o Campus Barra do Garças e grávida, continuei a estudar.

Em breve, nasceu uma linda menina, Ludmila, que encheu ainda mais de alegria nosso lar.

10 – POLÍTICO

Após deixar a Secretaria Estadual de Saúde, novamente em Barra do Garças. Sebastião Júnior voltou à sua rotina normal, atendendo nos postos municipais de saúde, no Hospital Cristo Redentor e militando na Associação Médica.

Aos poucos, absorveu o baque que sofreu na secretaria de saúde do estado. Mas, o positivo é que saiu de lá com uma certeza: disputaria um mandato de deputado estadual nas próximas eleições. Sentira que a população, indefesa ante a ausência de políticas de estado eficientes e que a alcançasse efetivamente, precisava de uma voz que chegasse a quem tinha o poder de decidir. E diante de tudo o que viveu, compreendia que uma cadeira no parlamento era o melhor lugar para que pudesse fazer essa voz ecoar.

Havia um consenso que o sistema de saúde no país precisava mudar. Havia o INAMPS, que trazia junto a si assistência médica e previdência social, mas privilegiava a quem contribuía, deixando uma legião de brasileiros desassistidos.

A universalidade do atendimento médico a todos os brasileiros era uma antiga aspiração de todos os que militavam na área e fora tema em diversos encontros que ele participara, uma delas quando de uma importante reunião do CONASS, durante encontro nacional dos membros do Conselho Nacional dos Secretários de Saúde.

A universalização do atendimento médico viria mais tarde, na Constituição de 1988, implantado efetivamente em 1990, e fora uma aspiração lançada no início dos anos 1980, por entidades de classe médica, secretários de saúde e políticos comprometidos com o tema.

O INAMPS dava sinais de que estava com sua capacidade de atendimento totalmente comprometida, além de que haviam inúmeras denúncias de corrupção no órgão, o que minava e diminuía sua credibilidade e eficiência. O atendimento básico, ficava a cargo das prefeituras, porém, as que não tinham recursos aguardavam ações – que quase sempre nunca vinham – do governo federal.

Assim que deixou a secretaria, Sebastião Júnior revelou para a família sua intenção de disputar uma cadeira na Assembleia Legislativa do Mato Grosso nas próximas eleições. Havia ainda um bom tempo e um caminho relativamente longo a percorrer, mas estava decidido, entendeu que precisava ser a voz de quem precisava de ser ouvido em relação a questões de saúde no parlamento estadual.

Aproximou-se da política partidária, e acompanhou de perto o movimento pelas eleições diretas no país, que ficou conhecido como “Diretas já”, surgido quando ainda ocupava a secretaria, a partir da rejeição por apenas 22 votos da emenda à constituição proposta pelo deputado federal mato-grossense Dante de Oliveira (PMDB), que foi um divisor na luta pelo restabelecimento da normalidade democrática no Brasil, com eleições diretas em todos os níveis.

Mas, ainda não seria desta vez que as eleições diretas para presidente da república viriam. A transição ainda demoraria um pouco. O PDS composto em sua maioria por remanescentes da ARENA, era maioria no congresso nacional, partido da situação durante o regime militar, mas surgiu uma dissidência liderada por José Sarney e Aureliano Chaves, o que propiciou que colocassem de vez o debate das eleições presidências na pauta nacional.

Após ampla negociação, os líderes políticos resolveram propor eleições indiretas, onde os votantes seriam os membros do colégio eleitoral. Eram candidatos Paulo Maluf, apoiado pelos situacionistas do PDS e Ulisses Guimarães pela oposição, do PMDB. Corria por fora o mineiro Tancredo Neves, tido como conciliador, fundador e presidente do extinto Partido Popular, que fora incorporado pelo MDB, e as duas agremiações passaram a se chamar PMDB.

Tancredo possuía vasta experiência política, adquirida principalmente em momentos difíceis da vida nacional desde a era Vargas. Uma de suas vivências foi ter sido primeiro ministro durante a breve experiência do parlamentarismo no Brasil do século XX, durante o governo do Presidente João Goulart.

Articulou e conseguiu ser indicado como o candidato do PMDB à presidência, vencendo internamente Ulisses Guimarães e tendo como adversário o deputado federal Paulo Maluf, ex-prefeito da cidade de São Paulo e ex-governador do estado do mesmo nome. Assim, partiram para a disputa no congresso nacional, junto aos membros do colégio eleitoral.

Meu pai, enquanto ocupou uma cadeira no Senado, juntamente com a ala moderada da ARENA e do MDB, foi um dos fundadores do PP – Partido Popular no Mato Grosso e em Barra do Garças, e com isso se aproximou muito do experiente político mineiro, que presidia a agremiação partidária nacionalmente e de quem privava de sólida amizade.

Com o fim do PP, meu pai voltou ao PDS, mas manteve a amizade e o bom relacionamento com Tancredo, à margem de qualquer diferença partidária. Sebastião Júnior, com o fim do PP preferiu seguir a carreira no PMDB.

A ala insatisfeita com o fim do PP, autodenominada Frente Liberal se abrigou em partidos como o PDS, mas se aliou ao PMDB e acabaram por formar o movimento conhecido como Aliança Democrática.

Em 15 de janeiro de 1985, Tancredo Neves seria eleito o primeiro presidente civil do país após o regime militar. Derrotara Paulo Salim Maluf no colégio eleitoral do congresso nacional com 480 votos, contra 180 dados ao candidato adversário.

11 – SEGUNDA VISITA DE TANCREDO NEVES À BARRA DO GARÇAS

Durante as articulações de Tancredo Neves para a consolidação do fim do regime militar, meu pai convidara o amigo para, passadas as eleições, visitar Barra do Garças. Tancredo, dizia meu pai, era muito afável e educado, e diante do convite, assumiu o compromisso de que a primeira viagem que faria ao interior do país seria ao Vale do Araguaia.

Seria a segunda viagem de Tancredo à Barra do Garças. Quando era Senador por Minas Gerais, em 1980 estava fundando o PP e lançou o partido no estado do Mato Grosso em Barra do Garças, fato que foi amplamente noticiado, inclusive pela Gazeta Magazine.

Foi uma grande festa com presença de senadores de outros estados, políticos de todo o Mato Grosso, que vieram prestigiar o evento, vivenciando os bons ventos da abertura democrática e do fim do bipartidarismo. Novos tempos, novas ideias, novos caminhos na política.

12 – TANCREDO, PRESIDENTE ELEITO, EM BARRA DO GARÇAS

No dia 22 de janeiro de 1985, sete dias após a eleição no congresso nacional, Tancredo Neves estava em minha casa, ao lado do meu pai e cor-religionários, juntamente com Ulisses Guimarães e grande equipe.

No piso superior, preparamos um escritório aconchegante e com total privacidade para ele, ajudados pelo cerimonial e segurança que vieram um dia antes. Após receber o título de Cidadão Barra-Garçense na Câmara Municipal, Tancredo se dirigiu ao povo, sendo aplaudido e ovacionado. Compareceram ao evento políticos de Cuiabá e da região centro-oeste como o governador de Goiás Iris Rezende Machado.



Tancredo Neves, Ulisses Guimarães e auxiliares recebidos por minha mãe Rosarinha e Valdon Varjão em minha casa, em Barra do Garças – Acervo Malba Varjão

Foi um momento emocionante, uma grande festa, porém sem pompa, simples, bem ao gosto de meu pai e de Tancredo. A casa, como sempre ficou pequena para tanta gente que queria conhecer o novo presidente eleito do Brasil.

Chamava a atenção a simplicidade e simpatia do político mineiro, que atendia a todos, fazia questão de cumprimentar e responder a quem o chamava. Foram momentos únicos.

De certa forma, Tancredo dava sequência à uma tradição informal de Barra do Garças, de receber candidatos ou presidentes da república eleitos.

Recebeu em épocas diversas Getúlio Vargas, Eurico Gaspar Dutra – que Tancredo foi importante articulador de sua campanha e eleição. Depois, Juscelino Kubistchek veio para a inauguração da importante ponte que ligava três municípios.

Barra do Garças, como sempre, mantendo suas tradições e importância para o estado de Mato Grosso.

13 – SEBASTIÃO JÚNIOR DEPUTADO ESTADUAL

Dando sequência a seu projeto político conforme planejou, Sebastião Júnior se candidatou a deputado estadual nas eleições de 1986. Era uma eleição importante e muito representativa, pois os eleitos seriam constituintes estaduais. Após a promulgação da constituição federal de 1988, com base na nova carta magna, escreveriam a constituição do estado de Mato Grosso e por isso esta eleição trouxe muita expectativa e despertou muito a atenção da população.

Não foi uma eleição fácil, haviam muitos candidatos de Barra do Garças e da região do Vale do Araguaia, tendo sido um pleito bastante disputado. Contava a favor de Sebastião Júnior seu trabalho como médico, sua convivência junto à população mais humilde e as soluções que propôs na área da saúde familiar, enquanto médico do serviço público e depois, como secretário estadual de saúde nos primeiros meses do mandato do governador Júlio Campos.

Eu me lembro que passamos um grande susto. Terminada a votação, todos muito cansados pela campanha que fora massacrante, resolvemos antes do anúncio do resultado final ir para um hotel de lazer para um pequeno período de descanso, onde aconteceria um encontro de colegas da faculdade de medicina, turma de 1971.

Chegamos ao hotel ao final da manhã. As crianças, alegres com o fato de estarmos todos juntos, depois de ausências justificadas pela campanha. Mal esperavam para almoçar e caírem nas águas quentes e reconfortantes do lugar para juntamente conosco se divertirem a valer.

Foi bacana depois de tanta correria rever amigos do tempo da faculdade do Sebastião Júnior, que se encontravam também com suas famílias.

Mas, o destino... Ah, o destino. O destino às vezes nos surpreende, jogando por terra aquilo que planejamos, que queremos, que sonhamos.

Estávamos na hora do almoço e acontecia a confraternização, com muita alegria e satisfação pelo reencontro de pessoas que tanto se gostavam. Era uma oportunidade rara, pois as obrigações profissionais e pessoais sempre se sobrepunham e haviam poucas possibilidades como aquela, onde a turma estava praticamente toda junta.

Assim que começamos a almoçar o sistema de som do restaurante anunciou o nome do Dr. Sebastião Júnior, solicitando que atendesse ao telefone. Àquele instante me veio um frio na espinha, pois sabia que algo grave poderia estar acontecendo e aqueles momentos de felicidade e harmonia poderiam mudar de uma hora para outra.

Era uma ligação de Barra do Garças, solicitando que ele fosse a Cuiabá, capital do estado do Mato Grosso para acompanhar o processamento dos mapas de votação, pois havia o risco de serem alterados ou até mesmo fraudados. Era melhor não confiar e estar presente, pois ele como candidato teria todos os acessos ao processamento dos mapas.

Lembro como hoje, ele voltou à mesa onde estávamos sentados e em tom grave, quase chorando, disse que precisava ir imediatamente a Cuiabá. Contou rapidamente o que estava ocorrendo, mas em um ato de generosidade e carinho com a família, disse que poderíamos ficar, que o representássemos junto ao encontro com os amigos da turma.

Eu disse que não, que estávamos juntos e juntos seguiríamos. Voltaríamos em outra oportunidade e continuaríamos nosso passeio.

Seu olhar brilhou, ao saber de minha posição. Estava ansioso, sequer se despediu dos companheiros de faculdade. Rapidamente dei comida para as crianças, e partimos em direção a Goiânia, onde naquele dia felizmente conseguimos lugar no primeiro voo para Cuiabá.

De uma hora para outra, nosso destino mudara. Da alegria e satisfação do reencontro com amigos, para a tensão e a preocupação com uma eleição que, embora tivesse uma quase certeza da vitória, certeza essa amparada pelas pesquisas e projeções, ainda corria riscos.

Chegamos em Cuiabá ao anoitecer e do Aeroporto, ele foi direto para o centro de apurações do TRE local. Eu, com as crianças, segui para um hotel situado nas proximidades.

Àquela época não havia telefone celular e as comunicações eram difíceis, seja através de orelhões ou de telefone fixos difíceis de ser acessados. Ele tinha um sistema de mensagens que emitia um sinal eletrônico, e ele poderia ligar na central e saber dos recados, mas conforme o lugar não funcionava.

Fiquei no hotel com as crianças, tensa e preocupada, mas aos poucos a tranquilidade voltou. Coloquei nas mãos poderosas de Deus, que nunca abandona Seus filhos.

Liguei em Barra do Garças, conversei com meus pais, e fui me tranquilizando. Sempre tive muito autocontrole e sensatez, e aquele momento, mais do que nunca, exigia isso de mim.

A totalização dos votos de todo o estado entrou noite adentro e somente ao amanhecer que Sebastião Júnior chegou ao hotel. Estava cansado, estafado, mas feliz. Seu semblante estava calmo, sereno, embora demonstrasse ainda as tensões das últimas horas.

Chegou ao apartamento e calma e ternamente, me deu um abraço forte, dizendo que estava eleito deputado estadual constituinte do Mato Grosso. Tivera votação expressiva: 6.727 votos. Sequer queria descansar, queria era dividir com a família, festejar a conquista de seus objetivos.



Dr. Sebastião Alves com a família e material de campanha eleitoral – Acervo Malba Varjão

Comentamos e recordamos aqueles momentos quando, saindo da Secretaria Estadual de Saúde, ele prometeu a si mesmo que continuaria a lutar pelos que precisavam de apoio e amparo, principalmente na área da saúde pública. E a constituinte estadual seria o grande momento de colocar seu conhecimento da área, para que pudesse sensibilizar seus pares de parlamento e conseguir melhorias para a população carente.

Permanecemos por alguns dias em Cuiabá até que saísse o resultado oficial. De volta a Barra do Garças, teríamos tempo para organizar nossa volta à capital do estado, para a casa que possuíamos e assim seguir a vida. Sebastião Júnior agora entrara de vez na vida política, como parlamentar e o futuro parecia ser inevitável: ele não pararia.

Sabia como era esse terreno, às vezes pantanoso, às vezes árido, mas tinha a convivência, o aconselhamento e o apoio de meu pai, e passou a sentir gosto pela política, pela vida pública, por ter a oportunidade de servir ao próximo. Era um humanista por formação, um ser humano incrível.

14 - NO PARLAMENTO

No início do ano, Sebastião Júnior tomou posse como deputado estadual da 11ª Legislatura na Assembleia Legislativa do Mato Grosso. Na sequência,

foi eleito pelos pares como segundo secretário da mesa diretora. Uma grande conquista para um parlamentar novato, mas como ele tinha grande habilidade e capacidade de articulação, parte adquirida desde que fora secretário de saúde e conhecimento com muitos deputados eleitos, acabou marcando esse tento, iniciando aí seu caminho político no parlamento estadual.



Deputado Estadual Dr. Sebastião Alves Júnior na Assembleia Legislativa do Mato Grosso – Acervo Malba Varjão

Nesse período, meu pai dedicou-se um pouco mais ao cartório, quis estar mais próximo à família e inevitavelmente, nos contatos políticos em Barra do Garças.

A casa dele vivia sempre cheia de pessoas que vinham em busca de conselhos, desde figuras proeminentes da política local a gente simples, humilde, que gostavam de ouvir suas orientações.

Enquanto isso, em Cuiabá Sebastião Júnior intensificava seu trabalho na Assembleia Legislativa. Recebia inúmeros prefeitos, que conheciam seu trabalho e competência na área da saúde, e as soluções que propunha, às vezes simples, sempre se mostravam muito eficientes.

Da mesma maneira que fora respeitado e benquisto quando ocupara na secretaria de saúde, na Assembleia Legislativa não era diferente. Rapidamente ficou conhecido e reconhecido pela educação, calma, reserva e

humildade. Tratava a todos os colegas deputados e servidores com lhanza, respeito, igualdade e dignidade.

À essa época, eu ficava entre Barra do Garças, cuidando dos filhos e Cuiabá, onde ia fazer companhia ao meu esposo. Tive que tomar uma atitude, que seria a mais conveniente para mim: pedi licença por interesse particular do cargo de Professora na rede estadual, o qual eu ocupava por concurso público. Foi a maneira que encontrei para dar conta de minhas obrigações de mãe e ao mesmo tempo, ser companheira, a esposa do deputado Dr. Sebastião Júnior.

Em Brasília os deputados federais e senadores avançavam na criação da nova constituição. Com frequência os deputados estaduais se reuniam com os representantes de Mato Grosso no congresso nacional constituinte, a fim de oferecer subsídios e debater ideias, posicionamentos e saber mais sobre as necessidades do povo.

Havia grande expectativa, afinal a redação da nova carta magna direcionaria a constituição estadual, que teria que seguir seus princípios básicos, principalmente quanto à organização do estado e seus entes e aos direitos do cidadão.

E por falar em necessidades dos cidadãos, alguns projetos o deputado Sebastião Júnior elegeram como prioritários. Um deles, através da Lei 5.117, de 7 de maio de 1987 regulamentou e obrigou hospitais, maternidades e bancos de sangue da rede pública e particular a realizarem de testes para detecção de anticorpos do vírus da AIDS nos materiais coletados. Isso trouxe segurança para o processo além e contribuir decisivamente para um aumento na doação de sangue, algo tão importante para a população. Ele lutou muito para aprovar essa lei, que considerava essencial para a saúde pública.

Também propôs e teve aprovado pelos pares da ALMT o projeto de lei que propiciou a emancipação administrativa e política da cidade de Matupá, que se tornara uma potência econômica, com base na agricultura e na pecuária. A lei, de autoria de Sebastião Júnior tem o número 5.317, de 4 de julho de 1988.

Outros projetos importantes foram transformados em lei, como o que regulamentava as licenças de saúde dos servidores do estado, valorização e reconhecimento como de utilidade pública de associações de servidores, entidades filantrópicas e associações de moradores de Barra do Garças.

15 – FERROVIA DO GRÃO EM BARRA DO GARÇAS

Em 1986, ano do plano econômico que se comprovaria ineficaz, mas que encheu de esperança os brasileiros a agricultura em mato Grosso, alavancada por investimentos e subsídios governamentais, algo que foi determinante para que o estado se tornasse a potência que é atualmente no agronegócio, Sebastião Júnior da tribuna da Assembleia Legislativa e em consonância com líderes como meu pai, passou a defender o início das tratativas para a viabilização de um projeto que visava a construção de uma ferrovia, ligando Goiás a Cuiabá.

O objetivo, era solucionar um gargalo que persiste em muitos lugares até hoje, que dificultava o escoamento da produção agrícola e pecuária.

Produtores plantavam, colhiam, mas no momento de escoar a produção, as dificuldades eram imensas, seja por falta de estradas ou mesmo por dificuldades de armazenamento e quantidade de caminhões.

Sebastião Júnior sabia que o mundo desenvolvido se utilizava de ferrovias, algo que historicamente no Brasil foi deixado de lado. As repercussões econômicas para a região, não somente do Mato Grosso, mas também para Goiás e outros estados a oeste seriam enormes, beneficiando e fazendo crescer municípios que se localizavam às margens do traçado, bem como possibilitando que também usufríssem da ferrovia tendo a opção de transporte seguro e muito mais barato.

A partir de um discurso na ALMT, passou a ação, com visitas a ministros em Brasília, discussão com produtores e líderes classistas rurais, e claro, com o governo do estado.

1988 seria o grande ano para desentranhar esse projeto e começar a torna-lo realidade. A Ferrovia Norte Sul dava seus primeiros passos e o clima político era favorável a empreendimentos como esse.

Mas, a vida, a vida quis que nada disso acontecesse.

Após a morte do deputado Dr. Sebastião Alves Júnior, não houve mais interesse da classe política em continuar a mobilização, além do que os fracassos dos planos econômicos levavam o país a uma situação que impossibilitava investimento em projetos como esse.

Hoje, vejo com alegria o lançamento com investimento privado de ferrovias que serão extremamente importantes para o centro-oeste e possibilitarão um crescimento ainda maior, trazendo riquezas e ainda mais investimentos.

O sonho do Dr. Sebastião Júnior se materializa, se não em Barra do Garças, como ele pretendia, mas na região do Vale do Araguaia e no centro do

estado do Mato Grosso, em cidades como Matupá, município cuja criação foi através de lei de sua autoria.



Deputado Estadual Dr. Sebastião Alves Júnior, segundo secretário da mesa diretora, em sessão da Assembleia Legislativa do Mato Grosso – Acervo Malba Varjão

16 – CANDIDATURA E CAMPANHA À PREFEITURA DE BARRA DO GARÇAS

Por ter começado sua vida profissional em Barra do Garças, fincado raízes profundas na região, constituído família e exercido a medicina na cidade e nos distritos de Barra do Garças, Sebastião Júnior conhecia muito bem os problemas da cidade.

Tinha convivido com pessoas da periferia, de distritos distantes como o longínquo Posto da Mata, onde trabalhou por algum tempo levando saúde, esperança e alívio às dores das pessoas daquele lugar.

Articulou sua saída do PMDB e fundou em Barra do Garças o PTB, de quem conseguiu o aval para seguir em frente em seu projeto de disputar a prefeitura. Depois foi conversar com meu pai, que com seu jeito simples e calmo, após rápida conversa absorveu a ideia e declarou total apoio e ele. Seria uma eleição difícil, pois não teria apoio de gente importante como o governador do estado e alguns deputados federais que certamente apoiariam outro candidato, mas mesmo assim resolveu levar o projeto da candidatura em frente.

Meu pai comentou de maneira até bem-humorada o fato que teria de subir no mesmo palanque de Ladislau Cristino Côrtes, seu tradicional adversário político, embora amigo pessoal. Eram adversário na política, mas pessoalmente se davam muito bem, além de terem o mais absoluto respeito entre si.

Era o início de mais uma caminhada, desta vez, seria mais difícil e penosa. A política local estava bem complicada, haviam interesses de pessoas que chegaram à região não havia muito tempo, mas que ainda assim contavam com forte apoio popular.

Mas, uma coisa Sebastião Júnior foi capaz: colocar no mesmo palanque dois adversários históricos, um do PMDB e outro do PDS – Ladislau Cortes e meu pai – que se tratavam com cortesia e respeito, embora sempre estavam se enfrentando em eleições e disputas políticas.

17 – A CAMPANHA COMEÇA

Novamente, o Dr. Sebastião Júnior em uma campanha eleitoral para um cargo eletivo, buscando o apoio do povo de Barra do Garças. Trazia consigo o apoio da família, de meu pai, de Ladislau Cortes, e da história daqueles homens que dedicaram sua vida a uma cidade, a um povo.

Eram quatro candidatos ao cargo de prefeito, e a eleição prometia ser bastante disputada. As pesquisas apontavam uma polarização entre Sebastião Junior e outro adversário, com números praticamente iguais, embora como dizia meu pai, eleição se ganha com trabalho e muita dedicação e coragem para pedir votos, visitar casa por casa e ir a quem decide: o povo. Pesquisas podem ajudar, mas não são determinantes como o voto no dia do pleito.

Começaram os comícios, as caminhadas, as carreatas e Sebastião Júnior bastante animado, obtendo respostas do povo, confiante. Nos palanques, presença de líderes, religiosos, gente do povo participando.

Nem o mal-estar causado por uma tosse constante fazia com que Sebastião Júnior fraquejasse. Percorremos quilômetros e quilômetros, adentramos muitas casas, das mais suntuosas às mais simples. Fisicamente era cansativo, mas o contato com o povo renovava as energias e tinha sabor de recompensa por encontrar tanta gente que um dia o procurou, encontrando nele alívio para dores, doenças, e males que os afligiam.

Alguns dias antes das eleições, publicações apócrifas começaram a circular em Barra do Garças, denegrindo a imagem de Sebastião e da minha família. Publicações pequenas, grandes, mas todas trazendo conteúdos mentirosos e maldosos, desonestos em sua essência.

Praticamente não havia mais tempo para contestá-los, seja através da palavra dita aos eleitores, ou através da via judicial. A maldade aparentemente teria sua nefasta atuação – e venceria.

No dia do pleito, o povo animado, fazendo a festa do civismo, da democracia, e novamente uma chuva de panfletos – apócrifos e maldosos – caiu sobre Barra do Garças.

Sebastião não se conformava, sempre agira correto, honesto com seu povo, com seu trabalho e com sua família e de repente, aquilo tudo vinha, da pior maneira possível e em momento difícil.

Apolícia trabalhava no caso, mas era naquele momento impossível saber de onde se originara, de onde vinha, embora, intimamente soubéssemos.

Apurados os votos, Sebastião perdeu a eleição, perdeu a oportunidade de conduzir os destinos de Barra do Garças por apenas uma centena de votos, em um universo de 25 mil eleitores. Era pouco, mas era a realidade. Ainda não seria dessa vez, haveriam outras oportunidades, dizia. A vontade do povo, apesar de tudo o que ocorrera era soberana e ele entendia isso. Resignado, aceitou o resultado, embora, soubesse que quem fora capaz de fazer aquilo não seria bom para a cidade, para a região, para os mais humildes.

Mas o destino... O destino em breve se apresentaria triste, cruel, avassalador.

Hora de se recolher ao convívio mais intenso com a família, voltar ao mandato parlamentar, atuar como sempre fizera: de cabeça erguida e dedicado ao trabalho, à missão no parlamento conferida pelo povo.

Terminar bem o ano na Assembleia Legislativa e dar continuidade aos projetos que tinha em mente, além do compromisso de honrosamente escrever a nova constituição do estado de Mato Grosso, após a recente promulgação da Constituição Federal em 22 de setembro.

Tinha trabalhado muito nesses quase dois anos de mandato. Além de estar presente na mesa diretora como segundo secretário, apresentou 35 projetos de lei, 382 indicações, 20 requerimentos, 13 monções congratulatórias, 18 emendas aditivas. Uma produção bastante rica para um deputado de primeiro mandato. Certeza que pela frente viria muita articulação, muito trabalho e debates.

Nesse período pós-eleições teve um pequeno dissabor com um dos seus sócios do Hospital Cristo Redentor, mas preferiu aguardar o tempo passar, esperando que tudo se resolvesse de maneira tranquila, sem grandes discussões.

Chegou a época das festas e passamos juntos. Famílias se abraçando, trocando presentes, noite de natal, dia de natal, réveillon. Alegria e felicidade.

18 – RIO DE JANEIRO, CARNAVAL E... TRISTEZA

No início do ano, decidimos que iríamos conhecer o carnaval do Rio de Janeiro, ver de perto a maior festa popular do mundo, sonho antigo dele, meu, de nossos filhos. Chamamos meus pais, mas eles disseram que não, que preferiam ficar na quietude de sua cidade, a estar naquele movimento intenso que seria o Rio, ainda mais no verão e carnaval.

Combínamos de dividir um apartamento alugado por temporada com um casal de amigos e começamos a nos preparar para a viagem. As crianças, em grande expectativa, não tinham outro assunto. E ele estava muito bem de saúde, felizmente havia se curado daquelas tosses que o acometeram durante a campanha eleitoral.

Depois de algumas horas de viagem, chegamos ao Rio de Janeiro, para mim, muito mais bonito e encantador que nas fotos. Como toda cidade, tinha seu lado triste, mas a beleza de seus monumentos naturais se sobrepunha a isso.

Nos instalamos no apartamento, pequeno, era verdade, mas aconchegante e confortável e próximo à praia, com tudo o que precisávamos por perto.

A expectativa era muito grande e o carnaval tomava conta de todos os que estavam no Rio de Janeiro. Impossível não entrar naquele clima de festa, de alegria, de confraternização. Sebastião Júnior, cuja característica era ser reservado e de certa forma calado, estava expansivo, feliz e muito alegre.

Resolvemos passear pelas praias, almoçar nos quiosques, ver gente bonita e nos divertir. As crianças adoraram o mar, brincando comigo e com o pai, em alegre e divertido folguedo. Tudo conspirava a favor, tudo trazia

alegria e harmonia entre nós. Os últimos tempos foram difíceis, estivemos em duas campanhas eleitorais – uma para deputado estadual e a última, para prefeito de Barra do Garças -, o que que havia consumido em muito nossas energias. Mas tudo o que havia de triste ficou para trás. Importava mesmo era aquele momento de alegria e paz.

Passeando pela orla, ao longe ele avistou seu sócio no hospital, aquele com quem tinha tido um dissabor antes do final do ano. Sebastião Júnior não pensou duas vezes, nos chamou e fomos até ele, que nos recebeu muito bem, dando um afetuoso abraço no Sebastião. Naquele momento percebi ainda mais a grandeza e a experiência de vida do meu esposo. Ele esperou o tempo passar, as palavras possivelmente ásperas que um dia trocaram ficaram para trás, esquecidas e apagadas naquele abraço fraterno e verdadeiro. Ficamos juntos ainda um tempo, em alegre e animada conversa, até que voltamos ao apartamento.

No final da tarde, resolvi ir a uma galeria comercial que havia próximo ao apartamento. Lembrei que Sebastião Júnior estava precisando de camisas e ternos novos. Muito despojado e simples, ele não ligava muito pra vaidades, apesar que eu sempre pegava no pé dele quanto a isso. Aproveitei que as crianças estavam na companhia dele e fui até a galeria, onde pude aproveitar os preços relativamente baixos, tanto em roupas masculinas, quanto para as crianças.

À noite, no jantar, até me permiti tomar dois copos de cerveja, mas sempre foi algo que não gostei, que não me fazia bem, mas mesmo assim resolvi me permitir. Sebastião Júnior resolveu fazer um churrasco para todos do apartamento, algo que ele era mestre. Estávamos em clima de muita harmonia e alegria.

No dia seguinte eu me senti fatigada, não sei se por causa dos dois copos de cerveja ou por cansaço mesmo. Resolvi ficar na cama por um bom tempo e acabei adormecendo, passando ali quase todo o dia. Lembrei que tivemos muitas atividades depois que chegamos ao Rio e era natural que o corpo sentisse.

Por outro lado, eu precisava estar bem descansada, pois naquela noite seria a estreia dos desfiles na Passarela do Samba da Marquês de Sapucaí, e eu não queria perder nada, nenhum detalhe das apresentações.

Sebastião Júnior deixou-me à vontade para descansar e aproveitou bem o dia com as crianças; foram a passeios, comeram nos quiosques, aproveitando tudo de bom que o lugar oferecia. A expectativa era grande para os desfiles, pois teríamos pela frente duas noites muito intensas e repletas de alegria.

Quando chegaram, após descansarem, cuidei de arrumar as crianças, todos com roupas e calçados confortáveis para suportar as longas horas

dos desfiles, tomando os cuidados básicos – segundo o Sebastião Júnior, exagerados – para que fôssemos e voltássemos bem e em segurança.

Mas o destino, nos reservava outras coisas para aquela noite de carnaval, 5 de fevereiro de 1989...

Descemos, e fomos para a portaria do prédio aguardar que passasse um táxi e pudéssemos ir para o local do desfile.

O táxi chega, estaciona, Sebastião organiza para que todos se instalem ficando por último, e de repente ao dar a volta, ouvimos uma freada ensurdecidora, seguida de um violento baque surdo. O cheiro de pneus queimados toma conta do lugar. Ouço gritos de pessoas que se aproximam, tentam socorrer, pedir ajuda...

Ali estava meu esposo, no chão, machucado, ferido, violentamente atingido. Estava ali, precisando de socorro o homem que tantas vezes dera socorro, que tantas vidas salvara, quanto sofrimento evitara... Estava ali, agonizando, sofrendo.

O socorro chega, o casal que nos acompanhava toma conta das crianças e eu sigo na ambulância com ele, em busca do atendimento no pronto socorro. A sirene estridente abrindo caminho no trânsito e eu balbuciando uma oração.

Chegamos ao hospital, naquele lugar estranho vejo ele ser levado para dentro, porém, pouco tempo depois uma jovem com voz suave e terna pergunta se sou acompanhante dele, faz breves perguntas sobre quem sou e finalmente me dá a triste notícia: ele havia falecido. Não suportou a violência do acidente.

Ouvi as palavras e senti o chão sumir sob meus pés. Os sonhos, os projetos, as lutas que juramos que faríamos sempre juntos, haviam ficado ali...

A vida tomava novos rumos. Rumos imprevisíveis, sem Sebastião Júnior ao meu lado, ao lado dos nossos filhos.

Barra do Garças, como última homenagem e reconhecimento, se despediu com um imenso cortejo daquele que a adotara como cidade e se sentia como filho. A vida e suas nuances, que nem sempre conseguimos explicações ou mesmo compreender.

V

1 – BUSCAS

Após a tragédia que atingiu nossa família, com o acidente que vitimou o Dr. Sebastião Júnior, passei alguns dias calada, ensimesmada, introspectiva, cuidando e me esforçando para que os filhos sofressem o menos possível, e ao menos por fora, tentando demonstrar lucidez e equilíbrio. Naquele momento, meus filhos precisavam muito de minha atitude serena, cuidadosa, firme.

A dor que sentia era atenuada, por vezes por um sorriso tímido de um filho ou de uma das filhas. Tentava levar da maneira que era possível.

Meus pais, sempre tão presentes e solidários, eram meu porto seguro naquele momento tão difícil, que parecia não passar.

Mas, o tempo, sempre ele, o tempo... Se não cura as dores, ao menos cicatriza feridas.

Passado um certo período fui a Cuiabá, onde procurei o setor de Recursos Humanos da Assembleia Legislativa, onde fui levar documentos, além de receber alguns pertences que estavam no gabinete que era ocupado por Sebastião Júnior.

Recebi o apoio, conforto de gestos e palavras de pessoas queridas, amigas, que respeitavam em muito o trabalho de Sebastião Júnior, seja no gabinete ou na Segunda Secretária da casa.

Pessoas que me contaram muitas histórias boas, passagens de sua vida, onde ele tivera oportunidade de ajudá-las e naquele momento se mostraram gratas e solidárias. Realmente, gratidão é uma virtude que encanta. Não são muitas as pessoas capazes de manifestar, de oferecer.

No decorrer da semana, todos os dias fui à Assembleia, até que todos os processos internos fossem resolvidos. Demorou, eram lentos os trâmites, dependia de muitos documentos, mas finalmente, tudo o que solicitaram apresentei.

Ao sair no último dia, manhã de sexta-feira, dia de pouco movimento, antes de entrar no carro me veio algo que me fez parar e voltar meu olhar

e meu pensamento em direção àquela casa, então Palácio Filinto Müller. Contemplei o prédio por instantes, e em um átimo lembrei de inúmeras passagens em que ali acompanhei meu pai, depois o Dr. Sebastião Júnior e senti que eu deveria buscar algo. Naquele instante não sabia precisar o que era, mas havia algo que ficara incompleto para mim e que eu precisava resgatar.

De volta a Barra do Garças, conversando com meu pai, resolvi que voltaria ao trabalho no estado, pois era professora concursada e pedira afastamento do meu cargo por interesse particular, sem recebimento de salários.

Passados alguns dias, recebi um convite do Dr. Gastão Müller, então secretário da casa civil do governo estadual para uma reunião. Me prontifiquei e na data marcada estava presente em Cuiabá. Chegando lá, fui convidada a ir até a presença do governador Carlos Bezerra, que se colocou à disposição para o que eu precisasse.

Agradei a manifestação de apreço e cordialidade, e ao sairmos, recebi do Dr. Gastão o convite para ocupar um cargo na Casa Civil, o que prometi que refletiria e daria a ele uma resposta brevemente.

Particularmente, eu preferia voltar às minhas origens, no convívio diverso e multifacetado da sala de aula, que sempre me deu alegrias e me realizou como profissional da educação.

Era enriquecedor e gratificante ver os alunos absorvendo coisas boas, aprendendo a gostar de literatura, conhecendo os grandes autores brasileiros e da literatura mundial, além dos representantes das letras de nosso estado, alguns que deram tudo de si para publicar livros que a meu ver, mereciam mais apoio governamental para promovê-los e colocá-los em seu devido lugar.

Era enriquecedor ver a busca pela sabedoria através dos esforços dos alunos. Alguns bem jovens, outros mais maduros, mas todos imbuídos de um objetivo comum: aprender, adquirir conhecimento, o que somente seria possível através dos estudos e de seu esforço pessoal a partir da estrutura física e pedagógica proporcionada pela escola.

Depois de refletir, acabei aceitando o convite formulado pelo Dr. Gastão Müller. Ponderei todas as razões e embora soubesse que seria um desafio, sabia ser capaz de cumprir. Eu era corajosa o suficiente e encontraria forças para enfrentar o que viesse pela frente.

Comecei o trabalho que incluía rotineiramente cumprir compromissos em inúmeras viagens ao interior do estado. Isso me trouxe a oportunidade de ampliar meus conhecimentos e minha visão sobre o estado do Mato Grosso. Um estado pujante, que nem sempre dependeu de ações governamentais para se tornar o que é hoje: além de outras riquezas, dono do maior rebanho bovino e principal produtor de grãos do país. Uma riqueza que se tornou realidade a partir da coragem e do empreendedorismo dos pioneiros que

um dia acreditaram no seu trabalho e na força dos que vieram um dia para o nada, mas que aos poucos pela força do trabalho foi se transformando; acampamentos viraram povoados, que foram elevados a categoria de distritos e depois municípios, consolidados e fortalecidos pelo agronegócio.

Inicialmente, a criação de gado, para em seguida a utilização da terra para o plantio intensivo de soja, algodão e outras culturas. O Mato Grosso de hoje deve e muito à coragem e determinação dos seus pioneiros e dos que um dia deixaram seu torrão natal para acreditar e investir suor e trabalho nesta terra.

O povo trabalhador e correto do estado confia nos seus governantes e sempre espera ações que demandem melhor qualidade de vida, progresso, geração de riquezas e valorização das potencialidades humanas, geológicas, físicas e naturais.

Diversos fatores contribuíram para o crescimento vertiginoso da economia com reflexos altamente positivos no PIB do Mato Grosso.

Em uma união de forças, os pioneiros e nativos do estado juntaram-se aos migrantes que trouxeram suas experiências e formaram uma sociedade onde o trabalho era a principal motivação. Trabalhava-se a terra com a certeza da colheita generosa que ofereceria. O resultado é o Mato Grosso de hoje, pujante, com o mais alto grau de desenvolvimento e amparo tecnológico voltado para o agronegócio.

2 – DE VOLTA À SALA DE AULA: ALUNA

Assim que cheguei à Casa Civil tomei uma decisão: voltaria a estudar. Como eu era professora concursada na Secretaria de Educação do Estado, gostaria de seguir pelo caminho do magistério e pensando em buscar habilitação para pleitear uma vaga de docente na UNIC – Universidade de Cuiabá, passei por um processo seletivo, fui aprovada e me matriculei para uma pós-graduação em Metodologia e Didática do Ensino Superior, com duração de 360 horas.

Era puxado: o trabalho intenso na Casa Civil, cuidar da família, depois aos finais de semana, durante todo o sábado, aulas, estudos e tarefas para casa. Era difícil, mas necessário. No início do ano de 1990 concluí, obtendo com muito esforço a habilitação para ministrar aulas em curso superior.

O interessante é que ao terminar essa pós-graduação, decidi que não pararia. Era muito bom adquirir conhecimento, embora fosse difícil. Voltaria

sim a estudar, desta vez, tentaria fazer algo que ansiava desde menina: o curso de psicologia.

Seria difícil, era um sonho. Mas sonhos só existem se formos capazes de buscá-los e torná-los realidade.

3 – CANDIDATA A DEPUTADA ESTADUAL

Durante o período em que passei na Casa Civil, recebia diariamente inúmeras pessoas, em busca de soluções para suas demandas. Era um trabalho difícil, mas profícuo e interessante.

Havia também o contato com pessoas que queriam me conhecer, para falar sobre o que representou em determinado momento de suas vidas a atuação do Dr. Sebastião Júnior e de meu pai. E me encorajavam a dar meus próprios passos na política.

É inegável que eu tinha no DNA a política. Meu pai, com sua rica trajetória de vida e larga folha de serviços prestados à cidade de Barra do Garças, à região do Vale do Araguaia e ao estado do Mato Grosso era minha maior inspiração. Cresci vendo meu pai fazendo política, e depois estive lado a lado com o Dr. Sebastião Júnior.

Resolvi começar a me preparar para uma possível candidatura. O primeiro passo era aceitar entrar na disputa, depois, fazer uma pequena poupança com o que pudesse, para fazer face às despesas de campanha.

Em seguida, ir em busca dos apoios: família, amigos e dos muitos companheiros de jornada. Era uma tarefa difícil, mas estava disposta a encarar. Nada na minha vida fora fácil e eu estava com coragem suficiente para enfrentar mais esse desafio que se impunha.

Conversei com meu pai sobre o assunto, de quem obtive irrestrito apoio ao projeto, o que me trouxe tranquilidade. Eu teria pela frente desafios muito complexos sim, mas havia uma grande possibilidade de sucesso. Sabia que em um estado onde o machismo predominava, a presença de uma mulher no parlamento estadual era algo raro, até motivo de estudos acadêmicos.

Até então, poucas representantes do sexo feminino haviam sido eleitas deputadas, e a região do Vale do Araguaia nunca tivera representante do sexo feminino. O fato de ser mulher, era um desafio a mais, mas ao invés de me fazer desistir, me encorajava. Eu tinha que tentar.

O PTB – Partido Trabalhista Brasileiro me ofereceu a possibilidade de candidatura pela agremiação e eu resolvi aceitar. Esperar o momento certo,

cumprir o que a lei determinasse, participar da convenção e cumprir o calendário e os requisitos para iniciar a campanha eleitoral.

4 – MUDANÇAS NO PAÍS

Importante lembrar que o país mais uma vez passava por transformações. Ao final do ano de 1989, depois de anos de regime militar o Brasil através de eleições livres e diretas colocou no comando do país um jovem presidente, no qual todos depositavam suas esperanças.

O Brasil merecia de fato um condutor de nossos destinos que fosse corajoso e altivo, e esse aparentemente era o perfil do recém-eleito presidente Fernando Collor de Mello, que fez uma campanha baseada em aparições na TV em programa eleitoral gratuito, sob o slogan de “O caçador de Marajás”.

Mais tarde, soube-se que teve o apoio total da Rede Globo de Televisão, inclusive com edição de um debate, que parece ter sido decisivo na intenção de votos do povo brasileiro.

Mas o setor político de resultados – “hay poder, soy poder”, oportunistas de plantão de todas as espécies convergiram para o partido criado pelo grupo de Collor, o PRN, que agregou novas e velhas forças políticas. Mudou apenas o nome, as pessoas e as índoles eram as mesmas.

Passadas as festas de final do ano, novas expectativas, novos projetos, sonhos por concretizar. As feridas cicatrizadas, mas as dores e a ausência do Dr. Sebastiao Junior não passavam nunca. Foi o primeiro natal meu e dos filhos sem ele, sem o pai, algo que nos fez sentir muito. Porém a vida precisava seguir, as águas do rio seguiam seu curso.

14 de março de 1990, ano eleitoral e por volta das 19 horas, vem a notícia que o então presidente José Sarney em seu último dia na presidência da república publicou uma medida provisória que instituía o Plano Collor I, algo que mexeu substancialmente com a vida de todos os brasileiros.

De uma hora para outra, da noite de 14 para o dia 15 de março daquele ano de 1990, todos os brasileiros que tinham dinheiro em banco podiam usufruir apenas uma pequena parte do que dispunham. Além desse confisco, a medida provisória também trazia congelamento de preços, mudanças na moeda, de Cruzado Novo para Cruzeiro, demissão de servidores públicos, além de abertura do mercado brasileiro a produtos importados.

Evidente que isso foi um baque enorme em toda a sociedade. Mais ainda para quem tinha um projeto como eu, ao descobrir que o pouco que eu juntara na poupança, estava confiscado e não poderia usufruir.

Mais um desafio que se impunha e insuficiente para me fazer desistir. Estava determinada a seguir em frente. Seria mais difícil? Sim, mas haveria de fazer uma campanha conforme eu pudesse a partir da nova realidade. Não restava outra opção, e desistir nunca foi um verbo conjugado por mim.

5 – EM CAMPANHA

A campanha começou e para a região do Vale do Araguaia afluíram um enorme número de candidatos, alguns da região, outros não, alguns querendo pegar carona no possível sucesso do Plano Collor, se dizendo recomendados pelo presidente da república.

Não pude fazer a campanha como queria, a falta de recursos pesou e não pude ir até onde planejei. Mas, ainda assim, por fazer parte da coligação que elegeria o candidato ao governo estadual Jayme Campos e também o candidato ao Senado Júlio Campos, tive o apoio deles, acompanhando sua comitiva em eventos políticos, além das cidades do Vale do Araguaia, em outras regiões do Mato Grosso. Foi interessante constatar que meu nome era bastante conhecido no estado, e sempre tive grande receptividade da população.

Campanha eleitoral é algo mesmo instigante. No momento atual, face às circunstâncias de pandemia do Coronavírus, o candidato se vê obrigado a estar presente de maneira eletrônica, através das redes sociais, de sites ou portais.

Mas, não tem nada que se compare com o carinho e a receptividade de um cafezinho em uma casa humilde, onde se serve água fresquinha vinda de um filtro de barro. São pessoas simples que quase sempre nos colocam em lugares onde sequer pensamos estar. Mas no imaginário dessas pessoas simples, valorosas e corretas em seu proceder, somos muito especiais.

Dá gosto chegar em uma casa, as vezes de chão batido e cortinas de tecido simples fazendo as vezes de portas. O coração, a demonstração de alegria pela nossa presença e o carinho que dispensam trazem a sensação de estarmos em um verdadeiro palácio. Palácio de amor, fraternidade, carinho e atenção, sem a frieza dos mármore e lustres dos palácios oficiais.

O tempo passou rápido, a campanha foi corrida e no dia das eleições, pedi ao bom Deus que iluminasse meu caminho e me concedesse aquilo que eu merecesse. Estava preparada para qualquer resultado. Sabia que política traz muitas surpresas.



Material da campanha à deputada estadual – Acervo Malba Varjão

A grande festa cívica, a plenitude e a razão da existência da democracia aconteceu e tive votação expressiva, ficando como suplente de deputada estadual. Política é algo fascinante, pois com mais uma centena de votos eu teria obtido o mandato de imediato, mas agradeço pelo resultado, afinal, com uma campanha sem recursos financeiros, tinha ido até muito bem.

Para governador, Jayme Campos obteve o reconhecimento do povo do Vale do Araguaia, obtendo proporcionalmente na região a maior votação do estado, assim como Júlio Campos obteve para o Senado.

Decidi que pleitearia novamente o cargo na Casa Civil, onde trabalhei e fiz muitos amigos. Até que em uma oportunidade, exercendo a suplência, pudesse ser convocada para assumir uma cadeira na Assembleia Legislativa. Era seguir a vida, seguir na caminhada.

6 – DE VOLTA À CASA CIVIL

Após as eleições, confirmada pelo governador Carlos Bezerra e também pelo governador eleito, voltei para a Casa Civil.

Participei ativamente da equipe que executou as etapas para a transição do governo Carlos Bezerra para Jayme Campos. Em seguida, tive a oportunidade de dar continuidade ao trabalho iniciado há algum tempo, com contatos com lideranças políticas dos municípios, do parlamento e de todas as áreas da administração pública.

Era um trabalho que exigia muito, mas ao mesmo tempo interessante. Saber as demandas dos municípios, encaminhá-las e ao final do processo saber que foram atendidas era gratificante.

A possibilidade de servir ao povo mato-grossense me encantava. Era também uma forma de atenuar as minhas dores, embora as feridas, parecessem ter cicatrizado.

À mesma época, fui nomeada como membro do Conselho Estadual da Criança e do Adolescente. A existência desse conselho era uma exigência prevista na Lei 8069/90, de autoria da deputada federal Rita Camata que criou o Estatuto da Criança e do Adolescente, norma que definia como diretrizes da política de atendimento a criação de conselhos nos municípios, nos estados e em nível nacional.

Novamente, resolvi estudar. Ao final de 1992 prestei vestibular para curso de Psicologia da UNIC – Universidade de Cuiabá, e com muita alegria, recebi a notícia que fui aprovada.

Voltaria a estudar para graduação em um curso que sonhara fazer por toda a vida: além de ter formação para o magistério e exercer a função de professora, o que me realizava muito, quis a graduação em Psicologia. Obter qualificação e sabedoria para atuar de maneira a compreender melhor o ser humano e ajudá-lo em suas dores, dificuldades, fragilidades.

Em Barra do Garças, depois de um longo período longe da política, incentivado por amigos e correligionários, meu pai decidiu voltar à política, buscando apoio popular para um mandato na câmara de vereadores.

E em 3 de outubro meu pai novamente concorreu nas urnas e com apoio do povo, voltou às suas origens parlamentares, eleito vereador. Evidente que não tinha a mesma vitalidade da juventude, mas trazia a experiência de uma vida inteira dedicada ao povo e à região do Vale do Araguaia.

Era hora de colocar sua sabedoria a serviço de Barra do Garças, apoiando as artes, a cultura, o empreendedorismo do povo do lugar. Valorizar e fomentar o turismo que estava incipiente. Mobilizar o poder público e a

população para que pudessem projetar a mística, interessante e misteriosa Barra do Garças para o mundo. E ele sabia como fazer isso.

7 – DEPUTADA ESTADUAL

Em 1993 fui convocada a assumir uma vaga na Assembleia Legislativa em substituição ao deputado estadual Amador Tut, que se licenciara.

Foi um período breve, mas intenso. Efetivamente, estava naquele parlamento a primeira mulher do Vale do Araguaia a frequentar aquela casa e uma das primeiras de toda a sua história. Uma casa tradicionalmente frequentada por representantes do sexo masculino. Mas, o respeito e o cavalheirismo prevaleciam. Independente de gênero, eu sempre fui muito respeitada e querida por meus pares.

Era hora de mostrar trabalho. Evidente que a condição de deputada me oferecia muito mais possibilidades de levar assistência e conduzir pleitos que se transformassem em benefícios à população e à economia da região.

Uma ação marcante foi a “Carta ProVale”, proposta que fiz. Sempre me emociono quando recordo os resultados que pude trazer para a região. Ao fazer o lançamento, fiz um pronunciamento que reproduzo a seguir:

“O vale da promessa brasileiro na Região Centro Oeste, que desde a sonhada marcha para o Oeste; da interiorização da Capital do País; da Expedição Roncador Xingú; da Saudosa Fundação Brasil Central; dos programas Pro-Cerrado, Polocentro; que motivaram a colonização gaúcha e outras cobiças despertadas nesta Região Brasileira, vive ultimamente relegada, ora por falta de programas de ação, ora pelo maior interesse dos governantes, que aproveitando o fluxo progressista desenvolvido em outras regiões, leva a atenção do poder público a desviar-se deste vale onde a duras penas, e pela tenacidade de sua gente, da boa vontade de seus filhos e de seus líderes, sobrevive apenas na esperança de dias melhores.”

Assim começava a “CARTA PROVALE – SÓ A UNIÃO TRAZ A FORÇA”, proposta em 1993. À época procurei chamar à atenção para o esquecimento do governo do estado do Mato Grosso pela região do Vale do Araguaia.

CARTA PROVALE

SÓ A UNIÃO TRAZ A FORÇA

O vale da promessa brasileiro na Região Centro Oeste, que desde a sonhada Marcha para Oeste; da interiorização da Capital do País; da Expedição Roncador Xingú; da Saudosa Fundação Brasil Central; dos programas Pro-Cerrado, Polocentro; que motivaram a colonização gaúcha e outras cobiças despertadas nesta Região Brasileira, vive ultimamente relegada, ora por falta de programas de ação, ora pelo maior interesse dos governantes, que aproveitando o fluxo progressista desenvolvido em outras regiões, levam a atenção do poder público a desviar-se deste vale onde a duras penas, e pela tenacidade de sua gente, da boa vontade de seus filhos e de seus líderes, sobrevive apenas na esperança de dias melhores.

Muito mais se poderia produzir nesse grande VALE DA PROMISSA: muito mais grãos e carne para a mesa dos brasileiros, mais produtos do extrativismo mineral e vegetal, espaço para a colocação das populações excedentes e empobrecidas de outras regiões, área de lazer incomparável para os turistas seculares do mundo rico e, finalmente, aí pode ser estabelecido o travessão geográfico a ligar as regiões de influência platina do país com a grande promissora Amazônia, constituindo-se, na navegabilidade do Araguaia, a via de trânsito do processo de integração nacional direcionado de sul a norte.

Toda a atividade humana atual, assim como toda a potência de desenvolvimento que murmura sob a epiderme desse solo abençoado, carece do mínimo apoio para libertar-se como energia do progresso, como dínamo da realização de um povo, pois que lhe falta a musculatura da energia farta e barata, faltam - lhe as veias de um sistema viário confiável, carece das escolas e dos hospitais para o atendimento de sua gente audaciosa e sofrida.

Página inicial da Carta ProVale – Acervo Malba Varjão

A “Carta ProVale” foi um documento histórico, cujo conteúdo propunha acima de tudo a união e a conciliação entre os entes governamentais, onde se valorizava a união e o trabalho conjunto, independentemente de ideologia política ou partidária.

Foi uma ação bastante positiva, que resultou em maior atenção por parte do governador Jayme Campos à região, trazendo inúmeros benefícios e resultados, o que somente foi possível com a assimilação da mensagem e dos objetivos da carta, pela integração em torno de objetivos comuns pelos prefeitos da região do Vale do Araguaia e o consequente atendimento das reivindicações por parte do governo estadual. O governador a partir disso,

deu muito mais atenção à região, agora não mais o “Vale dos esquecidos”, como era comumente chamada.

A “Carta ProVale” é um exemplo que precisa ser seguido nos dias de hoje. Sua mensagem principal pode ser entendida como: “Só a união é capaz de trazer o progresso”.

8 – HOSPITAL MUNICIPAL MILTON MORBECK

As ações relativas a possíveis melhorias no setor de saúde sempre estiveram entre minhas prioridades. Por uma questão de consciência própria e influência de meu pai e do saudoso Dr. Sebastião Júnior, que sempre deu muito de si à população humilde que precisava de seus conhecimentos e cuidados.

Havia um hospital em Barra do Garças de propriedade do Sindicato Rural local, que estava subutilizado. No início de sua criação, funcionou bem, mas com a elevação dos custos da saúde, a gestão ficou difícil e praticamente fechou, mantendo alguns poucos serviços.

Evidente que para colocar uma unidade hospitalar à disposição da população, é muito dispendioso e requer investimentos que nem sempre os municípios possuem em sua capacidade e disponibilidade financeira.

Certa vez, após uma sessão na Assembleia Legislativa, recebo uma ligação do então deputado federal e hoje senador da república Wellington Fagundes, perguntando sobre o hospital e o interesse de Barra do Garças em transformá-lo em unidade de saúde pública. E que pretendia fazer gestões junto ao governo Federal através do Ministério da Saúde, à época chefiado pelo eminente médico goiano Dr. Henrique Santillo. Lembrei que tinha um primo, João Batista Peres, ex-prefeito da cidade de Montes Claros de Goiás e que era Chefe de Gabinete do Ministro da Saúde.

Através da Assessoria do deputado Wellington Fagundes, foi feito o contato e marcamos uma reunião, sendo prontamente atendidos pela figura simpática e de ações objetivas do Dr. Henrique Santillo, que já tinha conhecimento do pleito, estava de posse de todos os dados e após nossas colocações, acatou o projeto prometendo rápida e objetivamente viabilizar de imediato a municipalização do hospital.

Haviam algumas vertentes no caso: primeiramente, a liberação de verbas que seriam destinadas pelo Ministério da Saúde, além da disponibilização de equipes que fariam estudos técnicos de diversas modalidades. Outras, a atuação no congresso e a destinação de emendas parlamentares por parte do

deputado Wellington Fagundes. Também me propus a fazer gestões junto ao governo do estado do Mato Grosso para complementar em eventuais contrapartidas que se fizessem necessárias.



Dep. estadual, Malba Varjão com o Ministro Henrique Santillo e equipe e o então dep. federal e hoje senador Wellington Fagundes – Acervo Malba Varjão

O Dr. Henrique Santillo era um médico nascido em São Paulo, cuja trajetória política foi construída em Goiás, para onde veio com os pais e irmãos aos cinco anos de idade. Foi um dos mais importantes e competentes ministros da saúde da história, deixando um legado importante que até hoje funciona bem em todo o país. Uma desses legados é a legislação que implantou os medicamentos genéricos, trazendo qualidade e preços em conta, o que favoreceu em muito a população humilde.

Santillo teve uma carreira política profícua, tendo sido Prefeito da cidade de Anápolis (GO), deputado estadual, Senador da República, Governador de Goiás e Ministro da Saúde durante a presidência de Itamar Franco. Também foi Secretário Estadual de Saúde e conselheiro do Tribunal de Contas de Goiás, onde exerceu a presidência do órgão.

Esse trabalho mostrou que a união sempre é capaz de produzir resultados. A partir do empenho do então deputado federal e hoje senador Wellington Fagundes, que conclamou a todos para um propósito comum, um antigo e obsoleto hospital se transformou em uma das mais importantes e bem equipadas unidades hospitalares do estado, que hoje atende toda a região do Vale do Araguaia.

O Hospital e Pronto Socorro Municipal Milton Morbeck, por ocasião da Pandemia ocasionada pelo Coronavírus se constituiu em uma importante e indispensável unidade de saúde, salvando muitas vidas da região.

9 – CONVENÇÃO DO PFL NA CÂMARA FEDERAL

Com frequência representava o governo estadual ou os partidos da base aliada. Foram inúmeros os atos em que participei. Um deles, honroso e muito importante, foi quando como oradora, representei o estado na Convenção Nacional do Partido da Frente Liberal. Nesse evento tive a oportunidade de falar a uma plateia composta por pessoas de todo o país. Eram representantes de todos os estados e de diversos partidos políticos.



Discurso na Convenção Nacional da PFL – Partido da Frente Liberal, no Congresso Nacional – Setembro de 1993 – Acervo Malba Varjão

Foram inúmeras as ações que pude desenvolver. Foi um período bastante profícuo, onde pude trabalhar pelo povo da minha cidade, da região e do estado do Mato Grosso.

Findo o período que passei honrosa e orgulhosamente pela Assembleia Legislativa do Mato Grosso, casa onde frequentaram o saudoso companheiro Dr. Sebastião Alves Júnior e meu pai Valdon Varjão, voltei à Casa Civil, onde continuei o trabalho iniciado em 1989.

Anos depois, voltei àquela casa, onde recebi homenagens como o título de cidadã mato-grossense e fiz uma visita ao Instituto Memória, onde fui recebida de maneira cordial e respeitosa.



Deputada estadual Malba Varjão durante pronunciamento na Assembleia Legislativa do Mato Grosso – Acervo Malba Varjão

10 – PROFESSORA E... PSICÓLOGA!

Após mais um período na Casa Civil, resolvi voltar à educação e voltei a ministrar aulas. Era uma forma de ter um pouco mais de tempo para, apesar da rotina intensa de professora, me dedicar mais ao meu curso. Assim, dava aulas de segunda a quinta-feira, em todas as turmas do então segundo-grau, hoje ensino médio, da Escola Estadual Apesar dos inúmeros compromissos do cotidiano e da vida agitada e corrida, nunca descuidei dos estudos.

Enquanto deputada, por responsabilidade com o cargo, suas exigências e horários nem sempre pontuais, tive que fazer uma pausa e tranquei a matrícula na faculdade, mas assim que deixei o parlamento, fiz questão de imediatamente voltar, com o intuito de concluir um curso que me fazia

tão bem. A cada etapa que vencía, mais eu me encantava com os estudos da psicologia.

As experiências vividas e presenciadas enquanto membro do Conselho Estadual da Criança e do Adolescente do Mato Grosso me fizeram conhecedora das tristes realidades que se apresentavam cotidianamente às crianças e adolescentes do estado.

Realidades que tomei conhecimento, seja através de processos que relatei como conselheira ou narrativas que chegaram até a mim e em tudo isso, cada vez mais percebia a importância de dois profissionais que poderiam fazer a diferença na vida de uma criança e de um adolescente: um professor e um psicólogo.

Eu era professora, com especializações e estava em busca de concluir Psicologia. De maneira muito interessante, sentia que as duas formações me completariam e permitiriam que prestasse um grande serviço à sociedade.

No início de 1999, mesmo ano em que meu filho Danilo Varjão graduou em direito, eu também obtinha a graduação e o diploma de Psicóloga.

Mais uma batalha vencida, mais uma etapa cumprida. Outros desafios viriam: prestar concursos na área e estudar ainda mais para ser uma profissional reconhecida e competente. Algo que nunca iria abrir mão.

E a vida, bem, a vida seguia, continuava.

Quanto à política partidária estava praticamente afastada. Mantive amizades, contatos, mas me dediquei inteiramente aos estudos e à família. Foi bom esse recolhimento, pois fiquei um bom tempo longe dos holofotes, cuidando daquele que seria meu futuro mais próximo.

Foi desafiador, mas gratificante obter uma nova graduação, uma nova “formatura”, como se dizia à época.

E novos desafios se apresentavam. Eu sentia que minha etapa em Cuiabá estava superada. O coração, o pulsar da vida, o universo e seus mistérios indicavam que deveria voltar às origens, à querida e amada Barra do Garças.

Quem sabe, com a sequência da vida, encontrar um amor, um amparo, um porto seguro... Alguém que me fizesse feliz, sem me tolher ou impedir minhas vontades, afinal sempre fui e sou como o rio. Impossível conter, represar, impedir. Sigo o curso em direção ao infinito, conforme me indica o universo.

VI

1 – SENADOR DA REPÚBLICA

Durante certo tempo meu pai ficou reflexivo com o convite do postulante ao Senado Gastão Muller, para que ele estivesse na primeira suplência da indicação como senador para a vaga destinada ao Mato Grosso. Ele relutava, afinal entendia que o status de suplente e nada, tinha o mesmo significado.

Segundo afirmava, suplente só assume em caso de tragédia, com ausência forçada ou morte do titular. Mas Gastão Muller tinha muita consideração e respeito pela carreira política de meu pai, e entendia que ele poderia ser um grande representante do leste do estado na casa maior do congresso nacional.

Gastão insistiu e em determinado momento, propôs que meu pai ocupasse a cadeira por um período mais longo, algo como dois anos do mandato, o que de certa forma daria a certeza de colocar em evidência pautas, os projetos e ideias que tinha.

O país vivia transformações e era preciso que senadores com visão um pouco mais além encampassem bandeiras como o combate rigoroso à discriminação racial, a proibição total da venda de órgãos humanos – que todos sabiam existir, mas que acontecia de maneira velada e o pior: não tinha nenhum preceito legal que proibisse. No máximo, seria algo como uma contravenção penal ou uma infração à ética médica, algo praticamente impossível de provar.

Meu pai entendeu que poderia ser a grande oportunidade de, estando na casa maior do congresso nacional, servir ainda mais ao seu povo sofrido, colocando o dedo em feridas que pareciam intocáveis, provocando e estimulando o debate e lutar para aprovar leis que viessem a minimizar preconceitos e coibir ações discriminatórias. Foi por isso que ele aceitou e algum tempo após a posse, Gastão Muller pediu licença e meu pai chegou ao senado da república, a casa revisora do Congresso Nacional.

2 – NO SENADO, O INÍCIO DA LUTA



Senador Valdson Varjão nos corredores do Senado da República – Acervo Valdson Varjão

Logo que assumiu a cadeira de senador da república em substituição temporária ao titular Gastão Müller, procurou dar início às ações objeto de suas lutas e ideais naquela casa de leis. Conheceu de perto o funcionamento, rotinas e práticas da casa e começou ali a buscar a melhor maneira de colocar em prática aquilo que pensava, acreditava e queria.

Tinha imenso conhecimento e convicção da importância de ser senador e de fazer parte daquela casa, embora desde o início tivesse sofrido pela sua coragem e determinação.

No dia 13 de maio de 1980, ocupou pela primeira vez a tribuna, onde proferiu um discurso contundente, atrevido, para os padrões da casa e da época, sem meias palavras ou dourar a pílula. “Abordei o caso do racismo e do preconceito de cor no Brasil, visto pela maioria das pessoas como algo natural e comum”, afirmou.

E discursou:

“Neófito nas lides parlamentares, permito-me ler o pronunciamento, somente invocando a influência da fatalidade, posso explicar a minha presença nesta casa.

De origem humilde, tendo conhecido os degraus da dificuldade, possuindo poucos conhecimentos e na condição de homem de cor, todas as possibilidades estavam contra mim.

Mas, eis-me aqui entre os Senhores como representante de Mato Grosso, que tendo a honra, e para mim particularmente, a glória de ocupar a cadeira que ilustres mato-grossenses tão bem souberam dignificar.

Os Anais desta Casa guardam seus nomes: Generoso Ponce, Antônio Azeredo, Joaquim Murtinho, que convocado para o Ministério da Fazenda nos Governos Campos Sales e Rodrigues Alves, foi restaurador das finanças do país, nomes que na chamada República Velha, bem se constituíam em expressivos pugnadores das aspirações da terra Guaicuru.

Nos dias atuais João Villas Boas, que ainda presencia o reconhecimento de sua profícua atuação, como nosso mandatário político; Filinto Muller, líder dos mais atilados, inteligência brilhante, coordenador sutil, com uma capacidade extraordinária de atuar como catalizador das exacerbações, condição que o levou ao comando máximo de seu partido, à Presidência desta casa e ao exercício da liderança governamental.

Quis o destino ceifar-lhe a vida em lamentável desastre de aviação, em terras estranhas. Mas, a gratidão e o reconhecimento dos seus contemporâneos deram aos seus restos mortais o direito de repousar, pela eternidade, em solo pátrio. Mas, também quis o destino, numa espécie de grata compensação, que para aqui viesse um seu continuador e também vulto fulgurante do mesmo tronco familiar: o Sr. Senador Gastão de Mattos Muller.

Aqui chegado, de logo se impôs a admiração e o respeito de seus pares, sendo escolhido para ocupar a Quarta Secretaria da Mesa Diretora desta Casa. Organizador e organizado, sua atuação mereceu reconhecido destaque, sendo considerado o mais ativo representante mato-grossense no Senado.

Entretanto, Sr. Presidente e Srs. Senadores, o que mais elevou a figura do Senador Gastão de Mattos Müller ao respeito de seus co-es.taduanos e à consideração de seus colegas foi a sua coragem e capacidade de definição.

Num momento em que grande parte dos políticos aguardava a evolução do quadro partidário, para se definir pela maioria, Gastão Muller, logo que foram extintos os partidos ARENA e MDB, tomou posição corajosa, de acordo com suas convicções, arrostando contra si até mesmo a pecha de ingrato, em decorrência da origem de seu mandato. Mas neste posicionamento é que está a grandeza de sua atitude de independência, isenta de interesses pessoais que bem poderiam inspirar a aceitação de uma tutela ideológica, mas que não coadunava nem com sua herança política, nem com sua tradição liberal e democrática.

Entendeu o ilustre Senador que a extinção dos partidos o liberava dos compromissos partidários para seguir um rumo próprio, compatível com seus ideais de homem público, numa posição de vigilância, ao sentir que em seu estado, a liberdade e os anseios democráticos não compassavam com a administração estadual, e ele não poderia formar no mesmo batalhão dos que negavam os compromissos assumidos publicamente pelo Senhor Presidente da República, de repor a nação nos caminhos da democracia e recolocar em sua plenitude institucional todo o seu complexo político.

Foi este, talvez, o grande pecado do Senador Gastão Müller.

Mas não nos arrependemos da posição tomada. Nem ele como titular da cadeira, nem este humilde suplente, por um princípio de coerência.

Sr. Presidente e Srs. Senadores:

A história brasileira assinala hoje, em seu calendário de datas cívicas, a libertação da raça negra, desfecho de uma luta árdua que vultos dos mais proeminentes travaram com a intolerância escravizante que pretendia, indefinidamente, manter os seus privilégios, apoiada numa absurda diferença de coloração da pele.

Sim, Sr. Presidente, era esta a única diferença, porque nos demais aspectos, quer de composição anatômica, ou de avaliação de capacidade, quando lhe concederam os meios e as oportunidades, o negro

sempre demonstrou a inexistência das desigualdades que os racistas proclamam como justificativa da desumana e caolha perpetuação dos preceitos raciais.

Para desmenti-los, Sr. Presidente, basta um retrospecto pela nossa história para encontrarmos, já nos albores da nossa consciência como povo portador de um sentimento de brasilidade, o vilto negro de Henrique Dias que nas guerrilhas em Pernambuco e nas Batalhas das Tabocas e Guararapes, soube se impor aos louros invasores batavos que não puderam, diante da tenacidade e da coragem do heroico descendente africano, demonstrar a decantada superioridade racial.

Já no primeiro decênio da nossa história que nos propusemos a uma integração racial, quando Caramuru e João Ramalho escreveram as primeiras páginas de enlevação romantismo nacional, tendo como inspiração o encanto selvagem de Paraguassu e Bartira.

Depois vieram os filhos do continente africano e um novo tipo humano – o mulato – foi acrescido à incipiente sociedade brasileira.

A partir daí aquilo que os sociólogos chamam de miscigenação, aqui encontrou ambiente propício e a nossa população começou a se matizar numa variedade policrômica, talvez única no mundo.

E juntos todos – negros, brancos, índios, mulatos, cafusos partiram em busca do futuro.

Mas, se a nossa raça africana se dispôs a perder as suas características específicas, para compor o quadro étnico de nova terra, esta não lhe tem sabido ser grata e vem respondendo a boa-vontade com a discriminação e o preconceito.

Nem mesmo o reconhecimento das contribuições dadas no correr dos séculos tem lhe sido ressalvado.

As senzalas lúgubres e o autoritarismo do feitor foram o prêmio dado a quem lavrava a terra, para que os canaviais fizessem a riqueza do senhor e da Colônia.

Mas, nós tínhamos um orgulho que nem mesmo a intolerância, o abuso e o preconceito conseguiam destruir: é que em todos os momentos importantes a raça se fazia representar e com destaque.

Quando o brilho do ouro e do diamante surgiu nas Gerais, lá estávamos nas barrancas, nos veios, nas catas ou nas grupiaras, misturando a nossa negrura com as cintilações da riqueza britada da terra.

Quando no dia 2 de julho de 1823, se consolidava a independência nas paragens baianas, ombro a ombro, sendo muitos deles, estávamos com os heróis da liberdade.

Quando os chacos paraguaios foram embebedos pelo sangue brasileiro, lá também estávamos presentes, repudiando a ditadura de López.

E quando a alvorada da liberdade raio para todos nós, dentro de nossa alegria imensa, tivemos um momento de tristeza, pelo sacrifício de tantos irmãos nos Quilombos dos Palmares, e porque ali, conosco, naquele 13 de maio de 1888, não estava Zumbi para ver a realização de seu sonho.

A liberdade fora conseguida, mas começava uma outra luta — a da integração, a da eliminação dos preconceitos, a do banimento da discriminação racial.

Numa espécie de retardada vingança a maioria branca punia com a discriminação, tentando anular os efeitos da abolição daquilo que foi considerado a pecha infamante, a mancha dos séculos — a escravidão.

A Lei Afonso Arinos foi o instrumento de ordem legal colocado ao nosso alcance para o combate à agressão que alguns setores da sociedade branca praticavam com os descendentes afro-brasileiros.

No entanto, reconheço que a lei por si só não conseguirá retirar as barreiras que a nós são postas. Uma tarefa de coragem está reservada à imensa comunidade negra do Brasil e temos que, com decisão e sem esmorecimento, a ela nos entregar de corpo e alma, e posso orgulhosamente predizer que venceremos.

Basta que cada um de nós se conscientize da necessidade de reclamar os seus direitos, de saber como reclamá-los e saber como defender estes direitos, não se acovardando nunca diante dos obstáculos; não esmorecendo nunca na disputa de cargos e posições, em que a capacidade seja o fator de avaliação; competindo em todos os segmentos de oportunidades que surjam, brigando no bom sentido pelos valores que não são prerrogativas de nenhuma classe ou raça, mas expressão da condição humana. Estudando, adquirindo conhecimentos que nos façam portadores da igualdade cultural que nivela a todos, independentemente da coloração epidérmica.

Que saibamos lutar com aquela garra que fez de Zumbi o grande estrategista dos Palmares”.

O senador Passos Porto, do PDS de Sergipe pede um aparte. Observe-se a visão deste parlamentar sobre o assunto. Tudo isso indica o quanto meu pai estava certo, mas ao mesmo tempo, quanta dificuldade haveria de encontrar, ao tomar para si as bandeiras da luta contra a discriminação racial no país.

“Senador Passos Porto (PDS–SE) — Nobre Senador, V. Ex^a é bem-vindo a esta Casa, não pela sua condição de negro, pela sua origem modesta. V. Ex^a é recebido nesta Casa porque é um representante legítimo do povo de Mato Grosso. V Ex^a em seu discurso traz

ao debate do Senado o problema da discriminação racial no país, o que em absoluto não acreditamos existir, mesmo porque somos uma raça mestiça. Consideramos a Lei Afonso Arinos um excesso legal, porque ao longo os anos, em todas as constituições constou a não discriminação racial e a não discriminação religiosa em nosso país. Sabe V. Ex^a que somos mestiços, somos todos brasileiros de profundas raízes negras. A nossa formação cultural, tudo no Brasil sobre a influência e a participação negra, sem qualquer sentido discriminatório. Gostaria que V. Ex^a, durante seu temporário mandato neste Senado, defendesse aqui o que defende o grande poeta de sua raça e Presidente de um país africano, Leopoldo Sangó; a negritude — esse complexo cultural, a participação desta raça prodigiosa na formação do povo brasileiro. Espero que V. Ex^a seja um participante útil e valioso no desenvolvimento da negritude em nossa pátria”.

Estavam dadas as boas-vindas a meu pai, às suas bandeiras de luta naquela casa, tão importante na democracia e na organização política do Brasil. Não seria fácil. Nada seria fácil ali, como sempre fora em toda sua vida. Educadamente, meu pai responde:

“ — Muito Obrigado, Senador Passos Porto. Acrescento com muito orgulho às minhas modestas palavras este valioso aparte de V. Ex^a.

E Continuo, Sr. Presidente.

Por isso, meus irmãos, é que conclamo a todos vocês, neste memorável 13 de maio, para uma cruzada de participação integral na busca da igualdade total — sem complexos, sem frustrações, sem acovardamentos, sem restrições.

Peço e até rogo que ousem sempre mais na perseguição de nossas conquistas, que sejam agressivos, pacificamente agressivos, não recuando nunca diante das dificuldades”.

Outros apartes vieram, como o do Senador Lomanto Júnior, do PDS do Mato Grosso do sul:

“ — Manifesto a V. Ex^a, e em meu nome pessoal e em nome do Partido Democrático Social, a nossa viva satisfação pela estreia de V. Ex^a na tribuna do Senado Federal, representando o grande estado do Mato Grosso. V. Ex^a pronuncia hoje um brilhante discurso. Homem de talento, as suas origens estão fincadas na terra baiana, lá, no Nordeste, na tradicional cidade de Tucano, onde nasceu seu progenitor. Cumprimento, portanto, V. Ex^a em nome do meu partido e em nome da liderança do meu partido, felicitando-o pela magnífica

estreia. Desejo que sua representação seja coroada de todo sucesso e que a voz de Mato Grosso de faça ouvir através de sua própria voz.

— *Muito obrigado, nobre Senador Lomanto Júnior, a quem passo a chamar de conterrâneo. Realmente, meu pai nasceu naquele torrão baiano, lá no recôncavo baiano, em Tucano. Quando da passagem de meus pais pelo Ceará, tive a felicidade de nascer naquele estado, para em seguida ir morar no Mato Grosso, que aqui estou representando com muito orgulho.*

Sei que o preconceito racial ainda é uma realidade entre nós, que nem todas as portas foram abertas para nós, pois se perguntarmos quantos negros temos no oficialato brasileiro, encontraremos muito poucos e no generalato, nenhum.

Se procuramos no nosso clero prelados negros o número será reduzidíssimo.

Se buscarmos em nossa diplomacia representantes negros, ficaremos desolados com a sua quantidade.

E se nos voltarmos para o primeiro escalão da administração federal, encontraremos um deserto de representação da cor.

Até mesmo nesta Casa, dizem os entendidos em história do nosso parlamento, que sou o primeiro negro a ocupar uma cadeira de senador, E isto numa casa de representação popular, num país em que grande parte de sua população é de cor negra.

De algum modo, reconheço, temos por isso uma parcela de culpa, já que houve de nossa parte uma injustificável omissão. Mas não é menos certo que ela decorre das restrições que nos são feitas e frequentemente pelo medo do fracasso. Mas o fracasso, é uma consequência da luta, assim como a vitória, e sem lutar nunca saberemos qual dos dois nos sorrirá.

Lutem, irmãos. Eu sei que o preconceito existe.

Agora mesmo, em minha ida ao Rio de Janeiro, um irmão nosso me denunciou que alguns edifícios da Zona Sul não permitem que negros, mesmo bem trajados, utilizem o elevador social.

Precisamos identificar esses criminosos, denunciá-los para que recebem a merecida punição pelo desrespeito à lei e, mais que isto, pela monstruosa desumanidade que tal atitude representa. É uma afronta e uma inominável humilhação a que se submete um cidadão brasileiro, que pelos dispositivos constitucionais merece o respeito da igualdade que lhe é assegurado”.

Aparte do Senador Mendes Canale, do PP (mesmo partido do meu pai) do Mato Grosso do Sul:

“— V. Ex^a sabe com que satisfação o vemos na tribuna do Senado, nós do velho Mato Grosso, que dividiram fisicamente o seu território, mas não dividiram os nossos sentimentos, especialmente os nossos, porque foi desde 1945, quando surgiram os partidos políticos, que ingressamos no PSD, eu no sul de Mato Grosso e V. Ex^a no leste. Vereador, prefeito, deputado estadual, tanto eu como V. Ex^a experimentamos por vezes, ora a posição no poder, ora na oposição, pois foi de fato o Estado de Mato Grosso, desde a redemocratização que sentimos bem a alternância no poder — ora ocupava o governo do estado o ex-PSD, ora a extinta UDN. Com a extinção dos partidos políticos, passamos a integrar a Aliança Renovadora Nacional, e logo, com a extinção também da ARENA e do MDB, do bipartidarismo, fomos nos agasalhar na legenda do Partido Popular, deixamos o governo, estamos hoje na oposição. Aquele nosso passado, aquela alternância no poder, criou bem em nosso espírito o sentimento democrático. Eis porque não tivemos dificuldades em deixar o poder e vir batalhar na oposição, com o mesmo sentimento e o mesmo idealismo. E em falando no passado, das nossas afinidades políticas, declaro, para que fique gravado nos Anais do Senado Federal, que se hoje aqui me encontro, foi exatamente quando V. Ex^a, prefeito de Barra do Garças, aliado a mais doze prefeitos do Alto e Baixo Araguaia, numa reunião memorável, histórica para minha vida política, na cidade de Alto Araguaia, e sob liderança de V. Ex^a. E do saudoso prefeito Irigarai, lançaram minha candidatura ao Senado Federal. Hoje, aqui nos encontramos. É portanto, com grande satisfação e imenso prazer que vejo V. Ex^a na tribuna do Senado Federal substituindo o nosso companheiro Senador Gastão Muller. Assim, integrando a bancada de Mato Grosso, V. Ex^a continuará, por certo, a defender os mesmos princípios, os mesmos ideais democráticos que nortearam e continuam a nortear a nossa vida pública”.

Ao que meu pai respondeu:

“— Muito Obrigado, Senador Mendes Canale, que considero nesta casa, um dos meus melhores amigos. Não nos arrependemos daquele memorável conagraçamento de prefeitos, quando indicamos o seu nome, porque vemos na sua pessoa um grande representante, tanto assim que nesta casa já foi distinguido com os mais altos cargos, que V. Ex^a bem merece”.

Aparte do Senador Evelásio Vieira, do PP de Santa Catarina:

“— Santa Catarina pede permissão para ingressar, com muita honra, no discurso de estreia de V. Ex^a quando presta, com muita oportunidade, justa homenagem aos nossos irmãos de cor. O Ceará tem sido pródigo na produção de grandes valores humanos que estão a serviço do seu estado, também a serviço deste país, nos seus vario quadrantes, bem como a serviço da própria humanidade em vários países. Dentro dessa regra, ainda jovem V. Ex^a se deslocou para o Centro-Oeste, para Mato Grosso e ali iniciou uma nova atividade, mas nunca se descurou de dar sua participação, a sua colaboração, no fortalecimento da sociedade de Mato Grosso, participando de todas as iniciativas, de todos os movimentos que tinham por mira o fortalecimento da sociedade mato-grossense. Foi vereador, foi prefeito várias vezes em Barra do Garças, é um homem hoje, que constitui uma página de trabalho dos mais relevantes no setor público. Chega, agora, a esta casa para substituir também um grande Senador, Gastão Muller, e será, sem dúvida, um grande substituto, pois que com sua inteligência, a sua cultura, a sua perspicácia, a sua enorme vocação pública, será um grande defensor das coisas de Mato Grosso, para que aquele estado, que vem contando também com a contribuição dos catarinenses que para lá têm se deslocado, seja um dos partícipes na formação de uma grande nação. Por tudo isso, os saudaes mais efusivos de Santa Catarina a V. Ex^a, na certeza de que sua passagem por esta Casa será marcada por um trabalho dos mais profícuos a serviço dos superiores interesses de Mato Grosso e do Brasil”.

Após agradecer a manifestação do Senador Catarinense, meu pai recebe um aparte do Senador Mauro Benevides, do PMDB do Ceará:

“— Também desejava saudar nesse instante a presença de V. Ex^a na tribuna do Senado Federal, na minha condição de seu co-estaduano, porque ambos nascidos no sofrido estado do Ceará. E, nesta oportunidade, sinto-me duplamente feliz, ao saber que V. Ex^a, emigrando das plagas Caririenses, chegou a Mato Grosso e lá conseguiu fincar na liderança das mais prestigiosas e conceituadas, vindo ao Senado Federal desempenhar o seu mandato como representante do povo daquele estado. Faço votos por que durante a permanência de V. Ex^a a sua atuação seja direcionada precipuamente não apenas na defesa dos interesses de seu estado, mas também, do nosso Ceará e enfim, do nosso país”.

Meu pai agradece ao gentil senador cearense, se permitindo chamá-lo de “colega” lembrando que estiveram juntos quando deputados estaduais no

ano de 1963, reunidos, trabalhando em uma representação das Assembleias legislativas em Brasília.

E continua seu discurso:

“— Sr. Presidente, Srs. Senadores, inflamado pela injustiça a que são submetidos os meus irmãos de cor, talvez me tenha alongado mais do que devia e abusado da condescendência da atenção dos ilustres componentes desta casa. Mas, havia assumido um compromisso de ordem pessoal, de ser o intérprete das minorias de nossa sociedade. A minoria negra é uma delas, e o ensejo da comemoração dos 92 anos da libertação negra no Brasil me fez concentrar o meu primeiro pronunciamento nesta casa nesse aspecto de certa forma degradante para nossa sociedade, pois é inconcebível que seres humanos se utilizem de seus semelhantes para exacerbar diferenças inexistentes, submetendo a vexames sociais quem até aqui somente soube ser magnânimo, dando tudo para o engrandecimento da pátria, seu suor, seu sangue e seu amor, pois nunca devemos esquecer que dos seios generosos da mãe preta o leite branco mitigou a fome de muitos meninos de cabelos louros e pele branca, numa comprovação que a única diferença consiste numa tênue camada epidérmica e que o leite da mãe preta contém a mesma composição e a alvura da grandeza de um coração que não vacila em repartir aquilo que ela tem de mais sublime, que é o amor de mãe. E, por uma feliz coincidência, o dia da redenção da mãe preta ficou bem próximo, e, às vezes, até coincide com o dia consagrado às mães.

Sr. Presidente, quero deixar muito claro que a minha conclamação da raça não constitui uma discriminação em sentido oposto, para que depois não venham me considerar um propagador do racismo negro. Minha intenção é despertar a grande irmandade negra para uma tomada de posição, de pleitear lugares em todos os ramos das atividades sociais, econômicas, científicas ou políticas do país em busca da integração total. Que descendentes afro-brasileiros façam dessa luta um credo.

E quando em nossas Câmaras Municipais, em nossas Assembleias Legislativas, na Câmara Federal e no Senado tivermos representações proporcionais ao que significamos como povo, como força social, como comunidade ativa, como expressão política capazes de constituir vozes autênticas, com influência em todos os nossos segmentos sociais, a integração será plenamente conseguida”.

Na sequência, o Senador Itamar Franco, do PMDB de Minas Gerais solicita a concessão de um aparte, prontamente atendido por meu pai.

“— Peço o aparte, para cumprimentar V. Ex^a pelo pronunciamento que faz hoje, ao Senado Federal. Tive a oportunidade de abordar aqui no Senado Federal, no dia que se comemorava a eliminação do racismo, 21 de março, o problema do negro brasileiro, lembrando inclusive dois movimentos atuais que se processam no Brasil, que se transformaram na chamada Carta de Uberaba e na Carta de Ribeirão Preto, e acabei por propor, através do plenário do Senado Federal, à Comissão de Educação e Cultura, que ela estude a possibilidade de realizar um seminário abordando o negro no Brasil, nas suas diversas fazes, analisando não somente os 92 anos da Lei Áurea, como a Lei Afonso Arinos, que, para uns, não precisaria existir, bastaria apenas cumprir a constituição; analisando também o negro face à cultura brasileira, o negro face à formação de nossa nacionalidade, razão pela qual, neste instante, ape³nas meu cumprimento a V. Ex^a e a certeza de que os ideais defendidos por V. Ex^a hão de encontrar, como têm encontrado, eco no Senado Federal”.

O Senador Itamar Franco foi um dos mais importantes, proeminentes, lúcidos e honrados homens a ocupar o senado da república. O seu aparte e sua manifestação deram a meu pai a certeza que apesar das dificuldades e do caminho íngreme e pedregoso que teria a percorrer — apenas para lançar sementes para um debate profícuo e permanente —, poderia contar com aquele político mineiro, conterrâneo e contemporâneo de outro grande amigo seu, Tancredo Neves.

Itamar Franco inscreveu seu nome no panteão da história do país, como prefeito de Juiz de Fora, Senador, vice-presidente e presidente da república, após o impeachment de Fernando Collor de Mello, lançando durante seu governo o mais bem-sucedido e eficiente plano que devolveu a estabilidade econômica e deu novos rumos para que o Brasil encontrasse o caminho — difícil por sinal — do progresso e do desenvolvimento. Itamar seria ainda eleito governador de Minas Gerais em 1998.

Meu pai agradeceu ao senador mineiro, afirmando que já lera um pronunciamento dele, com o tema que desenvolvia, utilizando-o inclusive como subsídio para seu *discurso*.

E continuou:

“— Sr. Presidente, Srs. Senadores, pretendo nesta minha rápida investidura cumprir um compromisso também de ordem pessoal, de que se chegasse a assumir esse honroso cargo, por mais breve que fosse o tempo da assunção, eu me tornaria um intérprete dos interesses, aspirações e reivindicações do leste mato-grossense, notadamente do

município de Barra do Garças, não só do Mato Grosso que hoje desponta no centro-oeste brasileiro, assim como toda a região, como a grande opção da agricultura e da pecuária, que já se tornam campos econômicos que podem contribuir de modo efetivo no aumento da produção, que constitui a grande meta da recuperação da economia brasileira.

Além disso, nosso subsolo é rico em ouro, diamante, cristais e uma infinidade de outras riquezas que, se racionalmente exploradas, abrirão novos e seguros caminhos que permitirão o fortalecimento de nossa economia.

O que está nos faltando é uma corajosa política de promoção e aproveitamento das nossas potencialidades, para que o título, que tão orgulhosamente conquistamos, de o maior produtor de arroz de sequeiro do mundo, não se constitua em apenas mais um slogan, mas sem expressar seu real significado.

Nossas autoridades precisam voltar suas vistas para nossa região, porque ali, sem ufanismo, está o futuro das nossas grandes esperanças. Era o que tinha a dizer, Sr. presidente”.

Ao encerrar esse primeiro pronunciamento na tribuna, marcante e incisivo – provocador até –, foi efusivamente cumprimentado por seus pares. Segundo me confessou anos mais tarde, estava muito emocionado. Estreara na tribuna do senado da república, conseguira provocar o debate, inclusive tendo sido contestado de maneira respeitosa, mas firme por um senador, e por outro lado, diversos apoios manifestados em apartes ao após o pronunciamento.

Era o início de sua vida como membro do Senado Federal. Algo que marcaria para sempre sua vida e a vida da nossa família.

O menino simples que começou a vida limpando lotes, carregando trouxas de roupas para a mãe, que buscou lenha no cerrado, escolheu sempre o caminho do bem e humilde filho do ferreiro e da lavadeira, profissões dignas e honradas, chegou à casa maior, símbolo máximo da representação popular no congresso nacional.

Mas, embora estivesse feliz, sentisse dentro de si algo como uma realização pessoal, sabia que era um dentre tantos. Era ter ainda mais sabedoria, humildade, perspicácia e determinação. Estava ali e ali faria um bonito papel, representando com honra e dignidade o estado do Mato Grosso, o Vale do Araguaia, e claro, sua querida Barra do Garças.

O tema escolhido para esse seu primeiro discurso da tribuna não foi por acaso. Além da data significativa, 13 de maio, e as comemorações do 92º aniversário da promulgação da Lei Áurea que havia em tese, promovido e

obrigado à libertação do povo negro da escravidão no Brasil, meu pai trazia dentro de si as dores e vivências de em diversos momentos da vida ter visto a discriminação diante de si. Desde menino sentira o ultrajante peso do preconceito devido à cor de sua pele. E não poderia deixar de, durante sua passagem pela casa maior do parlamento brasileiro, lutar contra quilo que tanto trazia sofrimento e dor a quem, por ter a pele negra, era cinicamente agredido e vilipendiado como ser humano.

Havia também outro tema que o incomodava: a coação financeira para que pessoas sadias vendessem seus órgãos. Havia inúmeras denúncias dessa prática ilegal, e que afligiam a população menos favorecida.

Era preciso sim, estimular a doação de órgãos, mas como um ato voluntário e dentro de parâmetros legais e éticos, rigorosamente normatizados e fiscalizados. Nunca por vantagem pecuniária ou qualquer outra que fosse.

As duas lutas, meu pai percebeu, seriam difíceis e talvez inglórias. Era difícil aceitarem que tais situações existiam, ocorriam rotineiramente. Mas, decidiu que com elegância, firmeza e determinação enfrentaria as batalhas que se apresentavam.

3 – PALESTRAS E DISCURSOS PELO BRASIL

Inegável que chamou à atenção o discurso e as denúncias feitas por meu pai assim que chegou ao senado. A repercussão na grande imprensa foi imediata. Era fato que o preconceito racial, explícito em elevadores “sociais” e de “serviço”, ou em falta de oportunidades a quem tinha a pele negra era algo absurdo, desumano e impraticável com um país que estava em busca de sua plena liberdade política, além de se modernizar. Essa modernidade precisava ser também no aspecto das relações humanas, não apenas em tecnologias ou crescimento do nível de educação escolar da população.

Ainda hoje, em pleno século XXI o preconceito, o racismo e a discriminação existem, mas ao menos se criou um arcabouço legal para a criminalização dos atos repugnantes e repulsivos de racismo, que permitem a punição exemplar a quem o pratica.

Hoje, há o sistema de cotas que permitem gradativamente a inserção do negro e do pardo em concursos públicos, melhorou o acesso à universidade pública e gratuita, além de despertar a consciência no cidadão que racismo, discriminação são, além de práticas criminosas, atitudes desumanas e cruéis. Somos todos irmãos, respiramos o mesmo ar, fazemos parte de um mesmo universo.

Vale ressaltar que as conquistas da atualidade – poucas, a meu ver, mas que mostram alguns avanços – tiveram seu início em atitudes como o discurso de meu pai no início dos anos 1980, corroborado por apoios importantes como do então senador e ex-presidente Itamar Franco. Os exemplos negativos eram claros à época: um cidadão brasileiro, que fosse acessar a algum apartamento em um prédio da zona sul do Rio de Janeiro, se fosse de cor negra, tinha que ir pelo elevador de serviço, ainda que não fosse prestar serviço. Iniquidade, crueldade, absurdas atitudes.

Como relatei aqui, meu pai sentiu em muitas oportunidades ao longo da vida a dor, o peso e a humilhação do racismo. Por isso, abraçou de forma intensa e clara essa luta. Apesar das adversidades.

Na sequência de atos antirracismo, proferiu um importante discurso pronunciado na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, a convite da então deputada Theodosina Ribeiro, a primeira deputada negra da história da Assembleia Legislativa de São Paulo, o maior e mais rico estado do país.

Advogada e Filósofa, Theodosina começou a vida pública como vereadora na cidade de São Paulo eleita em 1970, sendo a segunda mais votada naquelas eleições. Em 1974 disputou e obteve o mandato de deputada estadual na Assembleia Legislativa, permanecendo no parlamento estadual por três mandatos consecutivos, ocupando nesse período a vice-presidência da instituição.

Por propositura da Deputada Leci Brandão, a ALESP instituiu em 2013 a Medalha Theodosina Rosário Ribeiro, concedida, segundo a resolução que a criou, “para reconhecer o trabalho e as ações de mulheres que impactam decisivamente a vida de grupos vulneráveis da sociedade”.

Nesse pronunciamento meu pai manteve a elegância, o tom conciliatório ao propor a luta pelo fim do preconceito, mas sem sugerir submissão ou conformação com o estado de coisas.

Em algumas passagens do discurso, afirmou:

“Amigos e irmãos, toda sua gente, sinto-me em casa, principalmente porque aqui venho valar aos meus irmãos de raça, mas sem racismo, falar aos meus patrícios com aquele sentimento cívico que deu a São Paulo a síntese do sentimento nacional, pois foi aqui, às margens do bucólico Ipiranga, que se ouviu os clangores dos clarins da liberdade.

São Paulo! São Paulo! O Brasil te agradece!

No dia 13 de maio, dia em que se comemora a libertação da escravidão negra no Brasil, pronunciei da Tribuna do Senado Federal uma oração, que em verdade era uma conclamação de nossa raça, para encetar uma cruzada da eliminação de preconceitos e da discriminação

de cor, pois entendo inconcebível que em fins de um século que marcou o desabrochamento e a realização de todos os ideais acumulados pelos séculos em fora ainda persiste o ranço de uma nódoa tão infamante que é submeter-se um ser humano à humilhação de ser impedido de participar, em condições iguais, de todos os segmentos sociais do mundo”.

E ao continuar, questiona a incompletude da liberdade alcançada:

“E sentimos que os ideais que inspiraram a nova sociedade perderam seu conteúdo, pois a liberdade que temos não é plena; a fraternidade é uma figura de retórica social e a igualdade uma visão veementemente ansiada, mas ainda não atingida. Aqui, portanto, começa toda nossa luta, na qual devemos despender todo nosso esforço para demonstrarmos nossa capacidade, numa competição cada vez mais ousada e decidida, em que comprovado fique que a nossa pele ebanosa, nossos cabelos encarapinhados constituem apenas o invólucro de um organismo humano com as mesmas características de qualquer outro, onde pulsa um coração que ama, que vibra, que sente como qualquer outro e onde circula um sangue vermelho como qualquer outro, tendo uma capacidade intelectual como qualquer outro”.

Na sequência, aborda os aspectos dos primórdios da luta no contexto histórico, citando Zumbi dos Palmares e também a valorização das associações afro-brasileiras:

“As bases dessa luta foram lançadas nos Palmares, onde Zumbi, o grande herói, demonstrou a versatilidade e a capacidade do negro, organizando uma cidadela que por muito tempo se tornou inexpugnável.

As nossas associações afro-brasileiras são indícios seguros da valorização da raça, numa ousada tomada de posição que bem reflete a disposição de cada um em buscar a demonstração de capacidade, sem negar as suas origens”.

Era preciso coragem, e meu pai teve.

Na cidade de Fortaleza, no estado do Ceará, por ocasião da Conferência Nacional contra o Preconceito Racial, em outro contundente pronunciamento ele se manifesta sobre um certo comodismo, ou aceitação da situação e cita Castro Alves:

“A docilidade de um temperamento resignado contribuiu para que retardasse um posicionamento de repúdio ao jugo da dominação a que fomos submetidos.

Esta aceitação quase pacífica e passiva de uma prolongada submissão foi a desgraça da raça.

Vejam, senhores, que o hábito não faz o monge, mas a habitualidade acaba por estabelecer conceitos que adquirem a força de verdadeiros dogmas, projetando no tempo e no espaço diretrizes incontestadas, que todos acabam aceitando.

(...)

De tanto aceitar a submissão, de tanta docilidade nessa aceitação, de tanto se prestar á exploração, que a filosofia histórica lançou as bases de uma absurda doutrina: que a raça negra nasce para servir.

Mais poderosa e desenvolvida, a sociedade branca apoiou-se abusivamente neste mandamento, espécie de verdade absoluta para o mundo do seu tempo, que nem mesmo razões teológicas conseguiram abalar a vesga crença, realidade que fez o estro magistral de Castro Alves (no poema Vozes d'África) lançar do mundo a maior interrogação que a inspiração humana conseguiu formular até hoje:

Deus! Oh! Deus, onde estás que não respondes?

Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes

Embuçado nos céus?

Há dois mil anos te mandei meu grito

Que embalde ressoa pelo infinito...

Onde estás, Senhor Deus?”

E quase concluindo, afirma:

“Mudar toda esta estrutura é missão nossa, para a qual conclamo todos os componentes da raça.

Também afirmou nesse pronunciamento sobre a necessidade de representação das minorias nos parlamentos, conclamando a união e a adesão ao debate de ideias e propostas no sentido de colocar fim à discriminação, bem como a integração através do amor, da solidariedade e da compreensão. Nada de conflitos, vinganças, vinditas, desordens. Mas sim conscientização e aceitação por parte de todos.

“Partamos, irmãos, para esta disputa com coragem, com decisão, pois como afirmei em meu pronunciamento no Senado, quando tivermos nas casas de representação popular – Câmaras Municipais,

Assembleias Estaduais, Câmara Federal e no Senado da República – filhos da raça opinando e decidindo, o respeito que nos é devido será uma realidade e seremos chamados a ocupar, estou certo, lugar de destaque no concílio das grandes decisões, como força autêntica da sociedade, pois então teremos concretizado o ideal de justiça pelo qual tanto lutamos.

Pretendo continuar denunciando, como fiz na tribuna do Senado o preconceito e a discriminação, para que possamos ver ruírem, entre nós, as últimas cidadelas do racismo retrógrado e intolerante.

Propus ser na Câmara Alta um porta-voz das minorias – raciais e sociais – e não descansarei e envidarei todos os esforços na defesa dos seus direitos.

Para tanto conclamo todos os homens de boa vontade a participar da grande cruzada em defesa dessas minorias.

Conclamo, entretanto, que não nos inspire a vingança como ali-cerce ou argumento dessa pregação.

A discriminação, seja branca ou negra, é condenável e inadmissível na sociedade moderna, e aceitá-la, sob qualquer roupagem, seria negar ao que nos propusemos.

Devemos sim, buscar a integração dentro do maior princípio humano formulado até hoje – Amai-vos uns aos outros como a vós mesmos.

E em O atendendo teremos nossa total redenção”.

4 – NEGRO SIM, ESCRAVO, NÃO!

Foi nesse momento que ele pronunciou pela primeira vez a célebre frase, que se tornaria o símbolo de sua cruzada no senado e daria nome a um de seus livros: “Negro sim, escravo não!”

Após sua passagem pelo Senado, voltou para o Mato Grosso. Ainda assumiu um cargo como auxiliar no governo estadual e depois, um posto da administração estadual como chefe do Escritório de Representação Política do Mato Grosso em Brasília, importante elo de ligação entre o estado e as diversas representações do governo federal, bem como ao congresso nacional.



Capa do livro "Negro sim, escravo não!" – Acervo Valdnon Varjão

Sua experiência como parlamentar facilitou sobremaneira esse trabalho e como sempre, cumpriu com zelo e dedicação mais esta missão a ele confiada.

Depois, passou a se dedicar ao cartório e à família.

Ele só voltaria à política como detentor de mandato alguns anos mais tarde, em 1993, como vereador eleito pelo povo de Barra do Garças nas eleições de 1992.

5 – VISITA PARLAMENTAR A ISRAEL

É inegável que em tempos de pandemia a economia global sofreu reveses profundos que demandarão tempo e muito esforço das autoridades para que se recuperem, ou voltem ao patamar anterior à tragédia causada pelo Coronavírus.

Entretanto, há um setor que manteve seus números e até aumentou sua produtividade, face à modernidade com que trabalham e os altos investimentos em tecnologia e capacitação dos trabalhadores envolvidos, desde operadores de máquinas, laboratoristas, engenheiros agrônomos, zootecnistas até profissionais de apoio em um empreendimento rural de alta performance.

A força do agronegócio proporcionou que se mantivessem ou até aumentassem as exportações, garantindo dessa forma os empregos no campo e na cidade nas atividades econômicas que formam um cluster vigoroso.

Mas, esta força quase inabalável, que suporta as intempéries e as agruras da economia, em cenários difíceis, com leis retrógradas e alta carga de impostos, não se iniciou de uma hora para outra. Começou com a coragem e a determinação de homens intrépidos e corajosos, como os que vieram e implantaram a Expedição Roncador-Xingu dentro do programa Marcha para o Oeste que desbravou e colonizou o estado, seguidos pelos gaúchos e paulistas que ao lado dos pioneiros e do povo nativo construíram povoados que se tornaram cidades e que hoje são potências econômicas.

Não por acaso o estado do Mato Grosso é hoje o maior produtor de grãos do país, além de possuir também o maior rebanho bovino. Inegável a força do agronegócio na economia do estado e do país. Tudo isso resultado de muito trabalho, entrega e coragem de um povo que soube receber quem por aqui aportou e colaborou com sua capacidade e se estabeleceu.



Valdon Varjão em Israel, ao lado de parlamentares da comitiva em visita àquele país – Acervo Valdon Varjão

No início de 1982, por indicação do Senador Jarbas Passarinho (PDS-PA), que presidia o Senado, meu pai fez parte de uma comitiva de senadores e deputados que atendendo a convite do Embaixador, foram conhecer o Estado de Israel.

Dessa viagem, ele trouxe as melhores impressões do Estado Judeu, como a organização social, a simplicidade de um povo, o respeito entre os cidadãos, além dos exemplos de uma agricultura que, embora não dispusesse de terras férteis, com ajuda da tecnologia obtinha resultados espetaculares.

Foi inevitável a comparação. Essa viagem animou ainda mais meu pai a envidar esforços no sentido de tornar o Estado do Mato Grosso uma potência agrícola.

Em discurso na tribuna do Senado, no dia 4 de março de 1982, ele fez um relatório completo dessa viagem.

Sobre a agricultura em Israel, afirmou:

“Participamos, por bondade e deferência exclusiva do Presidente desta Casa, Senador Jarbas Passarinho, que destacou com um convite o nosso modesto nome para integrante da Comitiva de Congressistas nacionais que foram convidados pela Embaixada daquele país. Ali estivemos e ficamos vivamente impressionados com o que pudemos observar, já que, mesmo sabendo da capacidade do povo judeu, não imaginávamos tantas realizações em setores que outros povos, até mesmo o nosso, estão engatinhando, apesar de disporem de potencialidades ilimitadas e que não estão ao alcance dos descendentes de David.

Mais uma vez ali comprova-se que quando uma nação se dispõe a realizar o seu destino com determinação bem-intencionada, com obstinação decidida, pode transformar o deserto em terra produtiva e a hostilidade do meio em fator de fortalecimento do caráter de seu povo. Sim Senhores, é o que constatamos na perseverança da gente israelita, que a partir de Abraão, erigiu aquela terra à condição de bem sagrado, a ponto de dois mil anos depois da dispersão, voltar intacta em sua crença, fé e religião; em seus costumes, princípios e tradições.
(...)

Em Israel as lavouras são verdadeiras indústrias, planejadas e executadas com uma técnica altamente científica. Tudo ali é calculado por computadores, o custo da irrigação, sementes, fertilizantes, transportes, trabalho, etc. Só são cultivadas plantas que apresentam alto rendimento. Ali não se cultiva arroz, porque consome muita água e água lá é gênero de primeira necessidade.

Ali vimos como a organização comunitária dos Kibutz é capaz de buscar e encontrar soluções para dificuldades que pareciam in-

transponíveis, trazendo a água para irrigar o deserto de distâncias desafiadoras, distribuindo-a racionalmente, sem favoritismo político ou afilhadismo partidário, de modo que todos tenham a sua cota na razão direta de suas necessidades, sem nunca mudar-se as regras do jogo social, a fim de não inspirar a desconfiança, que é a praga que avilta o homem e enfraquece as nações”.

A organização, a dedicação e a união do povo judeu em busca de objetivos comuns, além da idoneidade e honestidade encantou meu pai. E a capacidade de produzir tantos alimentos no deserto, buscando água em local tão distante, inevitavelmente o fez comparar com nosso país e com o estado do Mato Grosso, rico em terras férteis, planas e água limpa abundante.

E quanto ao sistema educacional, a liberdade do cidadão e o serviço público:

Estou aqui neste instante fazendo um relato do que vi, senti e percebi para, com sinceridade, dele tirar dividendos para a vivência do nosso povo brasileiro. Ali contemplamos um exemplo edificante da alta capacidade do povo de Israel, quando em suas universidades se dá prioridade ao ensino técnico, científico e de pesquisa.

Ali presenciamos a estabilidade política interna, que impõe respeito até à intranquilidade externa, com as instituições democráticas perfeitamente voltadas para o bem-estar do povo.

A defesa da liberdade nacional e da liberdade do cidadão são uma constante só, são aspectos de um mesmo estado de espírito que justifica, para os judeus sua desesperada tentativa de apegar-se até ao extremo, ao seu lar nacional, sem rasgos de demagogia, sem alardes de concessões de serviços que são de prestação obrigatória do governo e nunca um favor que os órgãos de publicidade alardeiam como meio de consecução de vantagens eleitoreiras.

A simplicidade das repartições públicas do governo judaico nos deixou com uma sensação de convivência para com a suntuosidade, fausto, mordomias, pompa e ostentação do nosso sistema governamental, que se revela autêntico tripúdio sobre a miséria e a pobreza da grande maioria do povo brasileiro. E Israel, Srs. Senadores, é um dos países mais ricos de dinheiro e possui os maiores e mais importantes banqueiros do mundo.

O Estado de Israel reedifica e reestrutura sua civilização dentro de padrões altamente modernizados, conservando, porém, os seus valores morais e sua secular estrutura social, que se tem constituído na força vitalizadora de sua capacidade de realizar.

Entendendo quão valioso é esse critério, o governo de Israel coloca ao alcance de sua juventude uma rede eficiente e suficiente para atender a demanda escolar, de tal sorte que, atualmente, de cada três israelenses um é estudante nas modernas escolas públicas do país, constituindo a educação o terceiro maior investimento orçamentário do governo judeu.

A Universidade de Tel Aviv é um complexo educacional com cerca de vinte e cinco mil estudantes, em quarenta edifícios, ocupando uma área de cento e setenta hectares, com uma gama de cursos postos à disposição do estudante, com uma acentuada predominância dos cursos técnicos científicos e de pesquisas, na preocupação de assegurar o desenvolvimento da sociedade através de novas conquistas culturais.

Já dissemos que o solo do país é composto, em sua quase totalidade, de terrenos pedregosos e áridos. Para compensar o rigor da natureza, o poder criativo da gente hebreia fez deslizar pelo deserto as águas do lago Tiberíades, em distâncias de até quatrocentos quilômetros, para que o solo se tornasse fértil e produtivo constituindo-se ainda em lição e exemplo para países que padecem das mesmas carências.

O nosso Nordeste bem poderia espelhar-se nesta demonstração de capacidade, já que é cercado por caudalosos rios perenes, como o São Francisco e Tocantins.

Chamou ainda sua atenção a receptividade e a amabilidade do povo israelense:

“E hoje, quando um brasileiro visita a terra de Canaã, a terra do leite e mel, e é distinguido, como fomos, com tanta amabilidade, carinho e hospitalidade, fica até sem entender por que ali, naquela região da Ásia, onde a inspiração divina fez surgir o Cristianismo e Alá fixou o Islamismo, ambas religiões pregando o amor e a fraternidade foi transformada na encruzilhada da violência e da incompreensão.

Ali estão o local de nascimento do Senhor Jesus Cristo e de Maomé; o Santo Sepulcro, o Muro das Lamentações, as estradas por onde o Grande Rabi pregou a bondade, a paz e deixou a maior síntese de sabedoria do amai-vos uns aos outros; onde encontramos a Igreja de Nazareth, a mais linda do Mundo e a Grande Mesquita, no local do Templo de Salomão.

6 – AGRADECIMENTOS AOS BRASILEIROS EM ISRAEL, AO GOVERNO E AO PARLAMENTO ISRAELENSE

Do governo israelense recebemos as maiores provas de distinção, e nesta oportunidade pedimos à Presidência desta casa que seja endereçado ao Sr. Menachem Savidor, Presidente do Parlamento (Knesset), e ao Presidente do Estado de Israel Yitzhak Navon, os agradecimentos da Comissão do Congresso Nacional que ali esteve, afirmando, confirmando e reafirmando os laços de profunda amizade que hoje nos ligam.

Queremos registrar também a presença dos brasileiros que encontramos em Israel, os quais contribuem com- seu esforço, com seu trabalho e com sua participação para o fortalecimento da maravilhosa sociedade israelita, aqueles abnegados do Kibutz Bror Chail, liderados pelo professor Oscar Zimmermann”.



Capa do livro com o discurso de Valdón Varjão relatando a visita, juntamente com outros parlamentares, ao Estado de Israel – Acervo Valdón Varjão

Sempre que podia, meu pai dividia com amigos, correligionários, familiares sua experiência na visita ao estado de Israel.

Não compreendia que, tendo tudo o que precisamos em nosso país, haviam regiões como o Nordeste onde a miséria e a falta de condições de vida imperavam. Para ele, Israel era o grande exemplo a ser seguido pelos gestores públicos, em relação à essa parte do Brasil.

VII

1 – GAZITA MAGAZINE, A PRIMEIRA REVISTA DE BARRA DO GARÇAS



Capa da edição nº 5, de 20/04/1978 – Acervo Valdon Varjão

Ao final de 1977 e começo de 1978, ao fim de seu terceiro mandato à frente da Prefeitura de Barra do Garças, ao lado de amigos meu pai lançou um ousado e ambicioso projeto editorial: a *Gazita Magazine*, revista que tinha objetivos muito nobres, como contar e deixar registrado para a posteridade a história da região do Vale do Araguaia desde o início, a colonização, os pioneiros, a chegada da Fundação Brasil Central, além de valorizar e registrar fatos pitorescos, anotações sobre o cotidiano, lendas, histórias e estórias de ouvir contar.

Tinha também um espaço para mostrar os expoentes da sociedade local e de cidades vizinhas, além por uma questão de sobrevivência, veicular anúncios de empresas locais.

Podia-se dizer com toda segurança que era uma revista moderna e de leitura interessante, pelo conteúdo que trazia, fato atestado pelos leitores, assinantes e também pelas inúmeras cartas que recebia e por questão de espaço, publicava apenas algumas.

O expediente da Edição número 3, de 31 de janeiro de 1978, traz as seguintes informações:

- **DIRETOR PROPRIETÁRIO:** *Valdon Varjão*
- **REDATOR CHEFE:** *Heronides Araújo*
- **COORDENAÇÃO GERAL:** *Valdon Varjão*
- **FOTOGRAFIAS:**
 - *David Barros Lima*
 - *Foto Repórter*
 - *Nosso Foto*
- **REPORTAGENS:** *Generoso Rodrigues de Souza*
- **COLABORADORES:**
 - *Daphnis Oliveira*
 - *J. Macedo – Guiratinga*
 - *Lincoln Heimar Saggin – Torixoréu*
 - *Ubaldira Belém Moreira Lima*
 - *Antônio Vieira – Araguaiana*
- **DEPARTAMENTO DE ARTES, FOTOLITO, DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:**
 - *Real Artes Gráficas*
 - *C.G.C. 03.770.971/0001-09*
 - *Rua Coronel Antônio Cristino Côrtes*
 - *Barra do Garças – Mato Grosso*
 - **FONES:** *348 E 277*

Como pode se perceber, a publicação era toda produzida em Barra do Garças, desde a geração de notícias, fotografias até a impressão. Isso vinha

de encontro à sua filosofia de vida, no sentido de valorizar e atestar a capacidade do povo de Barra do Garças.

Além de meu pai Valdon Varjão, tinha como colaboradores o ex-deputado estadual Heronides Araújo e possuía correspondentes em importantes cidades do estado.

Gazeta, como já foi descrito no início desta obra foi o barco a vapor que nos anos vinte e trinta trazia levas de migrantes para a região do Vale do Araguaia, e esse nome ficou impregnado na alma, no coração de meu pai e de todos os que a conheceram.

Ao longo de sua existência, trouxe matérias marcantes, como o registro das atividades da Fundação Brasil Central e a Marcha para o Oeste, o trabalho dos irmãos sertanistas Orlando e Cláudio Villas Boas, ou reportagens como “As belezas de Barra do Garças esperam por você”, divulgando e fomentando naquele longínquo início da década de 1980 o turismo local.

Reportagens importantes como a que registrou a primeira visita de Tancredo Neves a Barra do Garças em 1978 para a fundação do PP – Partido Popular no estado. Tancredo voltaria à Barra do Garças em 1985, como presidente da república eleito, apenas sete dias após sua consagração no colégio eleitoral. Essa foi a primeira visita de Tancredo ao interior do país, depois após o pleito indireto.

Destaque também para uma matéria que repercutiu muito, escrita por Valdon Varjão, então prefeito de Barra do Garças, em 1950, ao lado de outras autoridades, negociou e conduziu de maneira equilibrada e sem derramamento de sangue, o fim do primeiro sequestro aéreo do país, promovido por militares revoltosos da Aeronáutica.

A narrativa feita por ele é rica em detalhes, desde a sutileza com que conseguiram avisar e posicionar o que ocorria localmente às autoridades federais, o desenrolar dos fatos e o que se seguiu, com a arrogância dos militares que foram fazer o inquérito militar do caso. Em determinado momento, cita: “*Fomos bem tratados pelos revoltosos, mas os militares que aqui vieram, trataram a todos com desdém, não obstante eu ser o prefeito de Barra do Garças, autoridade constituída e com mandato outorgado pelo povo*”.

Havia um espaço garantido para as pessoas que quisessem publicar seus escritos, como poemas, contos, causos. Também, horóscopo do mês, dicas de direito e justiça, colunas sociais com nomes interessantes – *Showçaita*, *Ribalta Social* e outros.

Nossa Gente



O casal Dr. SEBASTIÃO - MALBA THANIA ALVES JUNIOR, médico pediatra do Hospital Cristo Redentor, casal de realçado valor na sociedade, receberam dia 17 próximo passado a visita de famílias amigas que levaram os cumprimentos pelo aniversário da Sra. Malba, ocasião esta que foi servido um finíssimo coquetel a todos os amigos.



Sra ANTONIA RESPLANTE DA PAZ, recebe em sua residência visitas de famílias Arenistas, durante as reuniões promovidas pelo partido.



ANTONIO PAULO DA COSTA BILEGO

Figura respeitada pela liderança que exerce no Município, onde foi o primeiro Prefeito; componente da "ARENA" - ALIANÇA RENOVADORA NACIONAL, goza de elevado conceito social e grande círculo de amizades.

Apoiador incontestante no Diretório, das candidaturas: FREDERICO CAMPOS ou GABRIEL MÜLLER ao governo do Estado.

-23-

Nossa Gente - Coluna Social da Gazita Magazine - Acervo Valdon Varjão

O mais interessante é que as matérias, fatos pitorescos, e histórias publicadas na Gazita serviram como fonte para os inúmeros livros que Valdon escreveu sobre Barra do Garças, a região e seus pioneiros.

Durante oito anos a revista circulou, graças aos esforços dos colaboradores e de meu pai, que não mediam esforços para fazer um trabalho de qualidade, informativo e fiel aos fatos.

Um maravilhoso empreendimento jornalístico-cultural. E histórico!

Editorial

REI MOMO VEM AÍ

No início não era o Carnaval. Discutem suas origens os étnicos, históricos, palpitantes. Nasceu do culto agrário dos que viveram 10 mil anos AC. Mentira, foi durante as festas ao Boi Apis, Isis? Dionísios (alegre pai de nós todos)? Primeira certeza aceita sem discussões: os primeiros bailes de máscaras, realizados, na Europa, durante a Idade Média.

Por duas rotas chegou o Carnaval ao Brasil. A primeira, partindo da África, de onde os negros, junto com seus cantos e suas danças, contrabandearam, inconscientemente, a semente do carnaval. A outra, europeia, trouxe, de Portugal, o *entrudo* – carnaval de então que consistia, basicamente, em jogar de tudo, em todos – e a tradição do *Zé Pereira*. Houve a união destas duas culturas que, além da Mulata, nos deu o Carnaval.

O Barão do Rio Branco, em sua sabedoria, afirmou: *Existem, no Brasil, apenas duas coisas organizadas: a desordem e o carnaval*. Podia ter completado que o carnaval é, antes de tudo, uma entidade viva, para muitos, até humana. Sua enorme força reside na capacidade que tem em crescer, adaptar-se às mudanças de costumes (cria-los, até) e, principalmente, na de saber mudar na hora exata. A cada transformação, mais forte fica. Acha graça dos que, em 1973, cantam sua morte. Em 1890, os jornais da época, choravam o fim da tradição do *Zé Pereira* e muitos lamentaram a morte do Carnaval. Morreu o *Zé Pereira* e de sua herança nasceram tamborim, culica, reco reco, pandeiro, como conta Enéida na sua *História do Carnaval Carioca*.

No Carnaval carioca nada morre, pois depois do nascimento, tudo se transforma. Assim foi com as *Sociedades*, que tinham torcidas tão apaixonadas como as que hoje lotam o Maracanã. Além de carnavalescas, elas se preocupavam com os problemas políticos e sociais. Alforriaram escravos e compraram cartas de liberdade. Em 1864, os *Tenentes* não saíram à rua pois todo o dinheiro arrecadado para o Carnaval foi usado na compra da liberdade de 12 escravos. Carnaval que não morreu nem quando foi proibido por decreto do prefeito (1894), por causa da *Revolta Armada* e transferido em 1892 (por causa do calor) e 1912 (morte do Barão do Rio Branco).

Como reagiu o carioca a estas determinações oficiais? Em 1894, brincando no sítio de Aleluia e nos anos de 1892 e 1912 fazendo carnaval nas datas tradicionais e, depois, durante o chamado *carnaval oficial*.

Foi assim com o corso, nascido em 1907 e desaparecido anos depois; com o abandono da Rua do Ouvidor, em 1908, trocada pela Avenida Central (hoje, Rio Branco); a demolição da Praça Onze, tão chorada em músicas. A Praça morreu e o samba continuou. Agora, dizem que o *Metrô* vai tirar o desfile das Escolas de Samba da Presidente Vargas. E daí? Eis, que já desfilaram em outra avenida, vão encontrar novo local para mostrar seus sambas.

EXPEDIENTE

DIRETOR PROPRIETÁRIO:
Valdon Varjão

REDATOR CHEFE:
Heronides Araújo

COORDENAÇÃO GERAL:
Valdon Varjão

FOTOGRAFIAS:
David Barros Lima
Foto Repórter
Nosso Foto

REPORTAGENS:
Generoso Rodrigues de Souza

COLABORADORES:
Daphnis Oliveira
J.Macedo – Guiratinga
Lincoln Heimar Saggin – Torixoreu
Ubaldira Belém Moreira Lima
Antonio Vieira – Araguaiana

DEPARTAMENTOS DE ARTES, FOTOLITO,
DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:
Real Artes Graficas
Organização Joelmar Ltda.
C.G.C.: 03.770.971/0001-09
Rua Cel. Antonio Cristino Cortes
Barra do Garças – Mato Grosso.



A REVISTA QUE REMEMORA O NOME DE UMA LANCHÁ -1-

Editorial da edição nº 3 da Gazita Magazine, com expediente e imagem da Lancha a vapor que inspirou Valdon Varjão – Acervo Valdon Varjão

VIII

1 – ACADEMIA DE LETRAS – DE BARRA DO GARÇAS? DO CENTRO-OESTE!

Meu pai sentia falta de uma Academia de Letras em Barra do Garças. Entendia que isso valorizaria e projetaria ainda mais o setor cultural da cidade. Mas ele tinha uma ideia melhor: ao invés de criar a academia de Barra do Garças, já que segundo seu pensamento era um dos lugares mais fascinantes e interessantes do Brasil, por que não uma academia do Centro-Oeste?

Ele era membro de diversas academias do país, além de Institutos Históricos importantes e atuantes como do Mato Grosso e de Goiás. Pelo relacionamento que tinha, amigos e contatos, sabia que teria apoio nessa empreitada – ousada, diga-se de passagem. Afinal, não estava na capital do estado do Mato Grosso, e sim na região leste, no Vale do Araguaia, que um dia foi conhecido, ou chamado de Vale dos Esquecidos. E ele sempre lutou para mudar isso.

Lembro de sua busca para formar a sigla da academia que queria criar, até que chegou, em conversa com diversos amigos, dentre eles Daphnes Oliveira, ao nome ALCACO – Academia de Letras, Cultura e Artes do Centro-Oeste.

Antes, quase decidiram por ALCOBRA – Academia de Letras do Centro-Oeste Brasileiro, mas após debates e conversas, preferiram ALCACO, afinal, a sigla traria em si a inclusão “Letras, Cultura e Artes”, proporcionando maior abrangência, e o consequente reconhecimento a artistas de áreas do setor cultural, além da literatura.

E desde o início, era o que ele pensava, uma instituição que abrigasse e representasse um povo que, culturalmente, nem sempre era separado por fronteiras geográficas.

O Rio Araguaia nunca separou, mas uniu; e a cultura, a arte e as tradições não tinham fim nem conheciam limites legais e geográficos. O que se valorizava na barranca do lado direito era o que se valorizava na barranca da margem esquerda. E assim, acabavam-se limites impostos, deixando para

que as próprias manifestações culturais naturalmente estabelecessem até onde iriam. Um círculo venturoso, pois onde terminavam alguns costumes, haviam outros com características locais e assim as tradições seguiam representando um povo, um lugar, uma região.

ALCACO! ALCACO! Algumas vezes vi meu pai repetindo em voz alta a sigla pelos cômodos da casa. Estava feliz, tinha encontrado justamente aquilo que queria. E como sempre, seu pensamento ia além do lugar comum, do trivial, do simples fazer. Uma Academia de Letras, Cultura e Artes, que pudesse congregiar toda a cultura do Centro-Oeste do país, e com sede em Barra do Garças.

Vale explicar que não se tratava de vaidade ou algo que ele viesse a se locupletar. Seu pensamento era voltado para a cidade e para o povo que tanto amava e respeitava, para a região do Vale do Araguaia, que o acolhera em tenra idade e o fizera um cidadão conhecido mundo afora.

Ele nunca quis ser protagonista na academia que ao lado de amigos criou. Incluiu como membros pessoas que mereciam por seu valor e seu trabalho artístico, sem observar filiação ou simpatia partidária. Tinha e fazia questão de manter o coração puro, limpo, despido de qualquer vaidade, mágoa, egoísmo, egocentrismo.



Brasão da ALCACO

Não havia nenhuma pessoa a quem ele não pudesse se dirigir e cordialmente dizer: “Chega pra cá!”. Tudo na vida para ele era o momento exato que se vivia. E é isso é o que enobrece a pessoa, ser humilde de coração, enaltecendo quem realmente tem valor.

2 – CRIAÇÃO E COMPOSIÇÃO

Como sempre mantivera estreito contato com intelectuais, principalmente de Goiás e São Paulo, com ajuda dos amigos idealistas e visionários como ele – posso citar Natalice Rego Marcolan, Melchíades Mota, Edna Capocci, Florisvaldo Flores Lopes, dentre outros, se reuniram para organizar e fazer a sugestão de nomes dos patronos, além dos membros efetivos e correspondentes.

Era um trabalho ao mesmo tempo difícil, metódico, mas que foi feito com muito cuidado, zelo e claro, amor pelas artes. Era preparar para que a Academia fosse lançada no dia do aniversário da cidade, a 15 de setembro. E o tempo urgia.

Foi uma bela e grandiosa festa. Dirigiu e instalou a academia na primeira sessão solene, realizada no Clube Balneário Peixinho, Joao Chiarini, Presidente da Academia Piracicabana de Letras, da cidade de Piracicaba, estado de São Paulo, da qual, meu pai era membro. Também estiveram presentes ícones da intelectualidade do centro-oeste, de diversas cidades e estados.

Estava fundada e instalada a ALCACO – Academia de Letras, Cultura e Artes do Centro-Oeste. Sonho antigo de meu pai que iria frutificar e oferecer aos músicos, escritores, artistas de tradições e tudo o que envolvesse manifestações cuja origem viesse do povo.

Embora não quisesse, achava que deveria ser outra pessoa, meu pai acabou se rendendo e assumiu como o primeiro presidente da instituição. Depois, assumiram José Mário Guedes Miguez, Aldair da Silveira Aires, Edna Oliveira Capocci, a Professora Zélia dos Santos Diniz e outros, até chegarmos à gestão de 2020, sob o comando do músico, escritor e compositor Divino Arbués.

Os Membros da Academia de Letras, Cultura e Artes do Centro Oeste

Nº	Membros	Nº	Membros
01	+ Antônio Paulo da Costa Bilego	30	Humberto de Melo Bosaipo
02	Natalice Rêgo Flôres Marcolan	31	Suely Dunk Santos
03	Daphnis Oliveira	32	Maria Claudino da Silva Brito
04	Florisvaldo Flores Lopes	33	Miguel Jorge
05	Melchiades Mota	34	Nilmar Carvalho de Aquino
06	Generoso Rodrigues de Sousa	35	Ivanildes Mariano da Silva
07	Edna Oliveira Capocci	36	Nicodemos Souza de Miranda
08	Selma Vieira da Silva	37	Antônio Baptista de Oliveira
09	+ João Chiriane / Lenine Póvoas	38	Antão Divino Arbués Nery
10	José Mário Miguez	39	Maria das Graças S. Nascimento
11	Milton Mendes da Silva Júnior	40	José Mendonça Teles
12	Roberto Pimentel	41	Célia Jacarandá Maciel
13	Valdon Varjão	42	Zelia dos Santos Diniz
14	Valeriano de Castro e Silva	43	+ Maria Amélia T. Di Machado
15	+ Bernardo Élis / Carlyle Coutinho Madruga	44	+ Emerson Banks e Miranda / Dionísio Carlos de Oliveira
16	+ Carmo Bernardes	45	Carolino Gomes dos Santos
17	Bariani Ortêncio	46	Nelsi Helena Shaffner
18	Wilson Chinali	47	Evaldo Vicente
19	Aldair da Silveira Aires	48	Malba Thania Alves Varjão
20	Cel. Luiz Carlos Gonçalves	49	Heronides Araújo
21	Erotildes da Silva Milhomem	50	+ Agenor Ayres/Ney I. Reynaldo
22	Archimedes Carpentiere	51	Kléber Adorno
23	Paulo Macedo	52	Lourival Moreira da Mata
24	+ Ophélia Ruth G. Dondo	53	Yasmim Jamil Nadaf
25	Kleide Coêlho Lima	54	+ Colemar Natal e Silva
26	Magda Tonello Pedro Lemos	55	+ Norberto Schwantes/Geraldo Coelho Vaz
27	+ Walter Radich/Arlindo Schwantes	56	Vilma de Oliveira Ribeiro
28	Herculano Silva Melo	57	Hilda Gomes Dutra Magalhães
29	José Paulo de Godoy Carlos		

Relação de Membros da ALCACO – Acervo Valdon Varjão

3 – SEDE PRÓPRIA

Após a criação e instalação, com a consequente consolidação da academia como instituição, a luta passou a ser por uma sede própria.

Inicialmente, foi feito um convênio onde a Prefeitura de Barra do Garças cedeu em comodato por um prazo de dez anos o imóvel onde funcionava a Escolinha Municipal de Artes. Mas foi através de um projeto idealizado

por membros da ALCACO e conduzido por Divino Arbués, que previa captação de financiamento privado.

Hoje presidente da ALCACO, Divino Arbués, que foi secretário municipal de cultura de Barra do Garças, conta como foi essa épica batalha:

“A prefeitura de Barra do Garças cedeu o terreno, e estava dado o sinal para que se iniciasse a busca por meios de construir essa sede.

O caminho mais viável foi através da Lei Estadual de Incentivo à cultura, conhecida informalmente como ‘Lei Hermes de Abreu’, que através de um projeto bem elaborado, poderia ser possível realizar esse sonho.

À época, fui convidado para compor a comissão que estudaria e faria a regulamentação dessa lei. Esta comissão, após a implantação se transformaria no Conselho Estadual de Cultura.

A partir das vivências como membro da comissão que aprofundou, percebi que com o conhecimento adquirido poderia ser importante para a captação dos recursos necessários.

A Professora Zélia Diniz e Melchíades Mota elaboraram o projeto cultural, atendendo todas as exigências e Milton Mendes da Silva Júnior fez o projeto arquitetônico.

Fiz a defesa diante do Conselho e após um ano consegui a aprovação. Passou um ano e não conseguimos a captação dos recursos. No ano seguinte, refizemos o projeto, o apresentamos e novamente aprovado, a luta recomeçou.

Após contatos com políticos, conseguimos chegar até a CEMAT – Centrais Elétricas de Mato Grosso, estatal de energia elétrica, que sob a rubrica da Lei Estadual de Incentivo à Cultura, através de doação e renúncia fiscal bancou a construção da sede própria da academia, inaugurada em 15 de setembro de 2000, exatos treze anos após sua criação.

Os recursos desse projeto não foram suficientes para o término, mas novamente, através de projeto apresentado ao conselho de cultura, conseguimos através da Lei de Incentivo os recursos necessários para as finalizações necessárias.

O local da sede, é a histórica e significativa Rua Simeão S. Araya, confluência com as Ruas Rafael Cardoso e Francisco Dourado”.

Divino Arbués fala também da importância de uma instituição como a ALCACO: para ele, *“a Academia foi um grande investimento, duradouro e sólido. Está há anos aí, cada vez mais funcionando como base para a cultura da região”*.



Divino Arbués, presidente da ALCACO em 2020 – Arquivo Pessoal Divino Arbués

IX

1 – AOS PIONEIROS

Meu pai, em seu proceder cotidiano, em suas homenagens como gestor público e parlamentar, depois na revista *Gazita Magazine* e finalmente nos escritos publicados em diversos livros que escreveu, sempre teve o máximo respeito pelos pioneiros do Vale do Araguaia.

Homens e mulheres corajosos, que de uma maneira ou de outra, vieram para uma região onde pouco ou nada havia, além da generosidade de um rio e das belezas das serras, florestas e da esperança contida no coração dos que aqui chegavam.

Meu pai foi um dos que por aqui aportaram em busca de esperança. Aos quatro anos de idade, acompanhado dos pais desembarcou de um navio a vapor juntamente com uma leva de esperançosos nortistas, em busca de melhores condições de vida.

Aquí, a riqueza tinha duas vertentes: primeiramente, a constatação que a abundância de alimentos proporcionada pelos rios era certa; e a “quase certeza” do encontro com a pedra bruta do diamante, que traria uma ascensão imediata a quem a encontrasse. O Rio que sustentava e matava a fome, também alimentava ilusões e esperanças. Não raro muitos se perdiam nessa caminhada, que às vezes, se mostrava vã.

Quanto aos alimentos, sim, era de imediato que se conseguia pescar o peixe que alimentava a família, garantia o sustento. Mas a pedra, essa era mais difícil, muito mais difícil.

Quando chegou aquí, haviam inúmeros locais de exploração garimpeira. E à medida que ia exaurindo a fé dos que os exploravam, seguiam adiante, onde surgiam novas grupiaras e monchões, e o trabalho continuava.

As grupiaras tinham nomes até engraçados, que refletiam fatos ou mesmo as credices daquela época: Eldorado, Garimpo da Lua, Escorrega Macaco, Carreira Comprida, Tirapapo, Poço do Buriti, Canalão, Poço Velho, Virada, Buracão e aquela que era a mais produtiva e famosa, no leito do Rio Araguaia, a Mina da Ponta da Serra.

Haviam diversas escalas hierárquicas no garimpo. Tinham os chefes de turma, espécie de gerentes ou feitores, os ajudantes por comissão, por diária e os donos dos barrancos. Também, por fora os comerciantes, compradores de pedra que tinham o nome popular de capangueiros.

Em sentido inverso, haviam aqueles que mesmo acreditando na proximidade do momento de bamburrar, de encontrar finalmente a riqueza, mas a sorte nunca lhes sorria. Viviam trabalhando por diária ou em outros serviços que o garimpo ou a povoação oferecia; viviam para lá e para cá, com seus andrajos miseráveis e eram reconhecidos de longe como os blefados.

Também figuras importantes e influentes eram as donas de casas de meretrício, ou, “casas de repariga”. Muitas fizeram nome, e ficaram conhecidas na região, até por algo que muitos pensarão, por desconhecimento ou preconceito, ser difícil encontrar nessas senhoras: a solidariedade e a generosidade.

Outra característica do garimpo eram as identidades. Se um homem aqui chegasse e dissesse seu nome, nem precisava dizer de onde vinha. Sua vida recomeçava naquele momento, não importando seu passado, se era fugitivo, cangaceiro, criminoso ou estava apenas em busca de esperançoso futuro.

Quem tinha lastro familiar ou teve bom senso, coragem, um pouco de sorte acabou se estabelecendo na região, tornando-se comerciantes, fazendeiros, tropeiros e artesãos como oleiros, construtores, carapinas e pedreiros.

2 – O GARIMPEIRO

Meu pai sempre reconheceu e homenageou ao longo da vida os pioneiros. Mas para mim, sua grande homenagem e reconhecimento sempre foi pela figura do garimpeiro. Para ele, um injustiçado, considerado destrutor da natureza pelos governos que se seguiram e por outro lado, um homem corajoso, honrado que desbravou os sertões de um Brasil que muitos pensavam existir somente nos salões luxuosos das cortes na capital federal, ou mesmo, nas miseráveis e pobres construções em morros e ladeiras das grandes cidades do início do século XX.

O garimpeiro sempre esteve presente na maioria de seus livros, dentre eles “Garimpeiros: visionários da esperança” e “O Garimpeiro”.



Capa do Livro O Garimpeiro – Acervo Valdon Varjão

A seguir, alguns poemas de sua autoria, sob o pseudônimo de Telpim que retrata bem o lado humano e as realidades desses homens rudes e sonhadores, mas que ajudaram a desbravar e construir parte de um Brasil que hoje é pujante e rico.

O ANDARILHO DAS SELVAS
Telpim (Valdon Varjão)

*Cansado, exausto pela rudez da fadiga
De procurar o diamante desejado,
Suas chagas o impedem que prossiga
E o ordenam que descanse sossegado!
Depois de seu vigor ter alcançado,
Vai mergulhar nas profundezas do regato,*

*Que corre sussurrante sobre o prado
E segue refrescando orlas e mato!
Conheci o Garimpeiro bem de perto,
Apertava sua mão pobre e grosseira,
Calejada peça aspereza do deserto!
O Andarilho das selvas tem afeto
À bateia tosca, sua coMpanheira,
É arrogante, resignado, discreto!*

O SONHADOR

Telpim (Valdon Varjão)

*Dentro da choça humilde e pequenina
Isolada à margem do claro ribeirão
Garimpeiro cumpre os ditames da sina
É o sonhador, o destemido cidadão
Não tem mobílias; na rustica parede
Uma “Bateia” está dependurada
Em dois fortes esteios está armada a rede
É grosseira, sem franjas, desbotada!
Uma trempe de pedras está no chão,
Onde borbulha a panelinha com feijão
Sobre as labaredas de lenha bem rachada.
No ribeirão o diamante está o esperando
O sonhador pula da rede se espreguiçando
Louvando no Oriente os vestígios da Alvorada!*

A ORAÇÃO DO GARIMPEIRO

Telpim (Valdon Varjão)

*Ave-Maria!... O Sol desce no Ocaso!...
O Garimpeiro, à choça vai voltar,
Arruma a “traia” para regressar,
Chama o seu cão, que está a farejar
E da torrente do ribeiro não faz caso!
Ave-Maria!... Pelo atalho vai rezando,
Chega à pequena choça e abre a porta,
O lume está apagado, não se importa
Vai acendê-lo com a lenhazinha torta,
Enquanto o Sol se recolhe desmaiando!
Encaminha-se para um quadro na parede,*

*Feito de taquaras, onde está dependurado,
Encosta a pesada “Bateia”, ao seu lado,
Tira um terço que no seu bolso está guardado
E depois de rezá-lo vai descansar na rede.*

3 – RECONHECIMENTO

Além dos anônimos garimpeiros, meu pai homenageou por diversas vezes pessoas que, como moradores, administradores públicos, expoentes da sociedade fizeram sua parte na construção de uma região. Foram inúmeros os citados e homenageados por ele, e representando a todos esses que mereceram seu destaque.

Em seu livro “Barra do Garças no passado”, ele traz no primeiro capítulo o nome de pessoas.

“AOS ‘PIONEIROS (sic)

‘Homenageamos em nossas páginas a figura inolvidável do fundador, Cel. Antonio Cristino Cores, que ao lado de notáveis pioneiros e descendentes, marcaram presenças na implantação da cidade. Aqui se instalaram entre 1924 a 1948, viveram os primórdios passos de nossa Barra do Garças.

Esta página foi feita com ternura para os pioneiros:

Antonio Cristino Cortes, fundador de Barra do Garças.

Jose Pedro Vieira, Basílio Bispo Dourado, Antonio Paulo Costa Bilego, Rafael Cardoso de Morais, Antonio Dourado, Simião Maciel, João Gomes de Castro, Guardiato Mendes de Sousa, Joaquim Mendes de Sousa, João Gonçalo (cunhado de F. Dourado), Adonias Rocha, Germano José Bezerra, José Félix. Francisco Lira, Domingos Mariano da Silva, Mariano Nêris, Zacarias Aguiar e Filhos, João Souza, José de Sousa, Benedito Santana, Mateus e Dona Maria, Da. Cirila Costa, José Paulo de Medeiros, Arceno Portela, Rio-grandino Linhares, Joaquim Burreiro, Salimé José Rodrigues, Jose Valeriano Costa.

Dona Francisca Costa (Dona Pantica), Constâncio Nápolis, Izaias da Brasilina, Salustiano José de Sousa, Miguel Maximino, David Monteiro, José Jerônimo dos Santos, Pedro Barbosa Silva e filhos, Tertuliano Rodrigues Sales, Waldemiro Rêgo Flores, Claro Magalhães, Carvão de Pedra, Honorato José de Sousa, Félix Costa.

Jonir Oliveira Souza, Silvano Gonçalves Lima, Antônio Maria dos Santos, Edmundo Oliveira, Pedro Pereira dos Santos, Fleuri Custódio Belém, Zélis Guimarães, Luiz Carlos Medeiros, Aquiles Toledo, Manoel Camerino Carvalho e filhos, Vitório Pereira da Silva e filhos, Domingos Pereira da Silva.

Ladislau Cristino Côrtes, Valdon Varjão, Florival Gonzaga de Amorim, Clóvis José Marques e filhos, Manoel Ferreira da Luz, Raimundo Nenem, Tertuliano Ferreira, Antônio Lopes Rios, Luís Lopes Miranda e filhos, Da. Gabriela Miranda e filhos, Egídio Sipriano de Carvalho e filhos, Francisco Luiz Esteves, Raimundo Ribeiro Melo, Firmino Costa e filhos.

Maria Pequena, Pai da Maria Dias, Mãe da Lilita e Aníbal, Antônio Paiva, João Cristino Cortes, Da. Vita e familiares, Aquiles Toledo, João do Guardiato, Irmãos Romualdo e José da Rapadura, Izaías Guirra e família, Luiz Sales Perna e família, Astolfo Barbosa, Tita Santana, Antonio Alves da Silva (Pernambuco), Levino Moreira.

Agenor Morbeck, Dr. Tito Luiz de Araújo, José Ireno, Faustino Silva, Plácido Rocha, Maria Salomé, Francisco Dourado, João Xavier da Costa, José Antônio dos Santos e filhos, Eliziário Farias e filhos, João Firmino, José Ângelo dos Santos, José Ribeiro Soares, Margarida Barros, Da. Maricota Farias e filhos, Maria Fraga, Da. Antônia Resplandes, Pedro Arruda, Florêncio Figueiredo.

Maria Eva e filhos, Ulisses Miranda, Cândido Queiroz, Luiz Pereira Lacerda, Arlindo Sena Marques, Joaquim Guerreiro e filhos, Vitorino Araújo e filhos, João Rocha e filhos, Laudelino Gomes do Santos, Waldir Rabelo, José Cândido Flores, Antônio Flandeiro e irmãos, Anastácio da Folia, Velho Precatão.

A estes e outros anônimos que por lapso tenham sido omitidos seus nomes, queremos consagrar nossa gratidão com imorredoura saudade”.

**“Saudades, embora doídas
Nos traz felicidades.
— Triste é passar pela vida
Sem ninguém sentir saudades”.**

O Autor

X

1 – DE VOLTA ÀS ORIGENS PARLAMENTARES

O tempo. Ah, o tempo... Esse amigo, aliado, mas às vezes algoz! É imutável e não para, segue impassível como seguem as águas plácidas do Rio Garças se unindo ao Araguaia, formando um só curso, unindo três cidades, uma região e milhares de pessoas.

O tempo! Ah, o tempo... Traz seu peso, suas consequências, suas vantagens, seus reflexos. Dentre esses reflexos, a aquisição da sabedoria, o exercício da placidez. Aprender a ouvir os sons do silêncio quando mais é preciso, compreender que ante trovões não adianta tentar rugir mais alto, basta aguardar que nuvens menos densas se apresentem e a bonança, a calmaria cheguem, afinal, tudo passa. Sentir a presença da paz ao valorizar o contemplar de chuva calma, em madrugada silente ou ao entardecer quando o dia dá sinais que em breve a noite chegará.

Meu pai começou sua vida pública como secretário da prefeitura, quando a sede do município ainda era em Araguaiana. Depois, galgou posições, recebeu mandatos, que cumpriu com honra e honestidade.

2 – VEREADOR

No início dos anos 1990, após as primeiras eleições daquela década, a situação político-administrativa de Barra do Garças estava difícil e turbulenta. A administração municipal não conseguira dar ritmo condizente com as aspirações da população, fornecedores começaram a ter atrasos no recebimento de seus créditos, folhas de pagamento de servidores começaram a atrasar, convênios não eram pagos. De uma hora para outra a cidade estava em colapso, inclusive com o sistema de saúde comprometido. E o prefeito,

sempre que procurado na sede da prefeitura ou em seus endereços, nunca era encontrado.

A administração foi indo assim, aos trancos e barrancos, tendo suas contas rejeitadas, até que no último ano do quadriênio do mandato, a Câmara Municipal instalou o processo de cassação, o que acabou ocorrendo quando faltava pouco mais de nove meses para o final do mandato.

Meu pai com frequência recebia pessoas em casa, ou no Cartório do 1º Ofício, onde dava expediente diuturnamente. As pessoas vinham em busca de conselhos, de ajuda para as mais diversas necessidades, e todas, ao saírem o animavam a voltar para a política, até pelo fato que Barra do Garças estava isolada politicamente e abandonada por seus gestores.



Em momento de descontração, Valdson Varjão com amigos, diante do fragmento de um meteorito – Acervo Valdson Varjão

Como eu disse, o tempo traz seus pesos, suas consequências. Naquele ano de 1992 aos 68 anos de idade, meu pai não se sentia disposto a enfrentar uma campanha eleitoral, da forma que o processo exigia. Era preciso visitar dia e noite os eleitores de todos os locais do município para levar a eles suas propostas, alguns distantes e meu pai, embora tivesse saúde e disposição

para as obrigações do dia a dia, não se animava a uma empreitada do porte de uma campanha para prefeito.

Encorajado pelos amigos, resolveu que tentaria uma volta às origens, pleiteando uma vaga na câmara de vereadores de Barra do Garças. Sentia que assim, poderia ajudar ao município, principalmente com os contatos que tinha em todo o país.

Era a maneira que teria de buscar formas de projetar Barra do Garças no Cenário nacional. E ideias, ele tinha muitas.

Juntamente com amigos, no ano de 1987 tinha criado e estruturado a ALCACO – Academia de Letras, Cultura e Artes do Centro-Oeste,

Tinha plena consciência que deveria fomentar a cultura, o lazer e principalmente o turismo, que tantas receitas e riquezas poderia trazer ao município.

3 – A MÍSTICA, MISTERIOSA E INTERESSANTE BARRA DO GARÇAS



Atual Barra do Garças, Pontal do Araguaia e Aragarças – Encontro dos Rios Garças e Araguaia – Foto: Genito Santos

A história, o misticismo, os mistérios que envolviam a cidade e a região nos proporcionavam liberar a imaginação. Primeiramente, o caso do desaparecimento do Coronel e aventureiro inglês Percy Harrison Fawcett, ocorrido no início do século XX, o que sempre colocou a região da Serra

do Roncador no roteiro dos caçadores de mistérios. E Barra do Garças é a porta de entrada da Serra do Roncador, um grande maciço que começa nas proximidades do Rio Araguaia, na Serra Azul e vai até os limites do Rio Xingu, já no estado do Pará.

O desaparecimento do Coronel Fawcett, seu filho Jack e do ajudante, Raillegh Rimmel, ocorreu, conforme registros em 1925 e de lá para cá surgiram todos os tipos de lendas, algumas com alto teor místico, outras nem tanto.

Segundo historiadores, o Coronel Fawcett já tinha experiências importantes e interessantes de selva, tanto no antigo Ceilão, hoje Sri Lanka, uma ex-colônia britânica como quando prestou serviços ao governo boliviano, que o contratou para delimitar suas fronteiras com o Brasil e o Peru.

Em suas pesquisas sobre o assunto e buscas por indícios que levassem a esclarecer e trazer a veracidade dos fatos, os sertanistas e irmãos Villas-Boas chegaram a encontrar uma ossada, que foi levada para São Paulo, porém até hoje, não se sabe os resultados de prováveis exames que pudessem constatar sua identidade.

Afirma-se que o personagem principal da trilogia de um dos filmes de Indiana Jones foi inspirada na história do Coronel Fawcett.

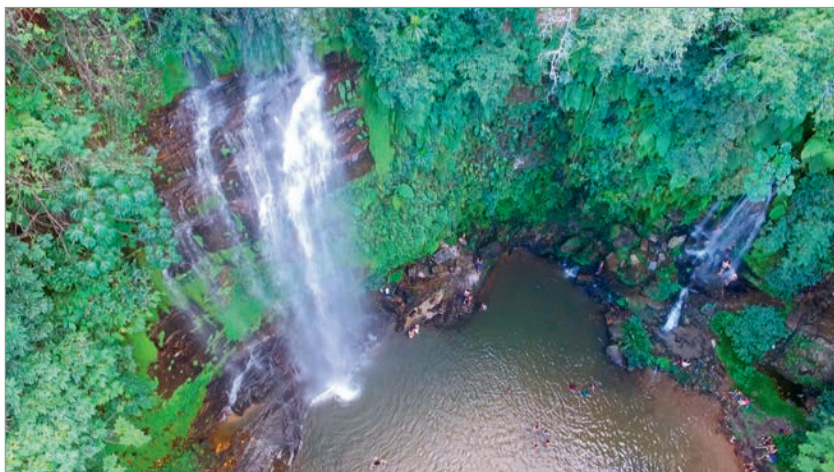


Serra do Roncador, nas imediações de Barra do Garças – Autor: Genito Santos

O principal é que, não apenas fatores como o do aventureiro inglês fizeram Barra do Garças um lugar especial, mas principalmente a geografia do local, composta de planaltos, rios que se encontram, serras, cavernas e lugares belíssimos que atraíram turistas, além dos adeptos do esoterismo que fizeram do local um lugar místico e procurado por pessoas ligadas ao meio.

Mas, era preciso mais. Barra do Garças precisava do reconhecimento do mundo, para ficar marcada como destino essencial do turismo brasileiro.

E era também preciso reconhecer pessoas que mesmo de longe procuravam representar e valorizar a região. Reconhecer também é uma forma de gratidão. Foi assim que o então deputado federal e hoje senador da república Wellington Fagundes se tornou cidadão Barra-Garcense, projeto de lei proposto por meu pai, aprovado por unanimidade, promulgado em 25 de outubro de 1994.



Cachoeira Pé da Serra, na Serra Azul – Foto: Genito Santos

O tempo diria o quanto ele estava certo, pois o jovem Wellington Fagundes, agraciado com o título de cidadão pela casa de leis de Barra do Garças continuou seu empenho em favor do Vale do Araguaia, sendo reconhecido pelo povo do Mato Grosso com sua vitoriosa eleição ao senado federal. Mérito e resultado de muito trabalho em prol de seu povo.

Para valorizar e estimular a cultura, apresentou um projeto de lei à câmara municipal, aprovado por unanimidade em 5 de junho de 1995, onde criava o Fundo de Cultura, que seria mantido com dez por cento das arrecadações dos estádios municipais José Valeriano Costa (Zeca Costa), Arnaldo Martins e Jaime Campos. A regulamentação e a destinação para utilização dos valores porventura disponíveis, segundo a lei, caberia ao executivo municipal.

Isso trouxe possibilidades ao setor cultural de, através de projetos e financiamento público, representar a sociedade em seus movimentos tradicionais e artísticos.

A chegada de um grupo familiar, liderado por Udo Luckner ao final dos anos 1990 vindos do Peru, acendeu ainda mais o lado espiritualista na

cidade. Em seguida vieram novas pessoas que fundaram instituições, cada um à sua maneira e de acordo com sua filosofia, acreditando no alto sentido energético e místico da região.

4 – OVNIS E UFOLOGIA E... UM DISCOPORTO

Era muito comum debates sobre temas como o de civilizações subterrâneas ou perdidas, quarta dimensão, discos voadores, Objetos Voadores Não Identificados, os famosos OVNI's, alimentados por revelações de detecção de luzes estranhas acompanhando aviões de carreira, contado por operadores do Destacamento de Controle do Espaço Aéreo de Barra do Garças, conhecido como CINDACTA, operado por militares da FAB.

Havia no subconsciente das pessoas uma certeza: os mistérios da região eram muitos, as lendas eram seculares, contadas pelos povos indígenas que se referiam ao assunto antes da chegada do homem branco, e corriam de boca em boca, mantidas como um patrimônio imaterial da região.

Para valorizar a importância desse movimento, meu pai resolveu propor à câmara municipal um projeto de lei que criasse um monumento no alto da Serra Azul, para homenagear esse mundo tão intensamente vivido por seus divulgadores, suas crenças e valores. Seria importante para Barra do Garças a existência de um monumento que se tornasse um marco ao misticismo da cidade.

Mas, embora ele não tivesse esse objetivo, o projeto daria o que falar, a partir da deturpação da ideia, consolidada a partir de matérias publicadas em um dos maiores jornais do centro-oeste.

O assunto começou a circular pela cidade de maneira atravessada e como toda atitude de um vereador que supera o lugar comum, passou a ser um grande boato, corroborado pela atuação desse jornalista que visitara a cidade por ocasião da temporada de praia do Rio Araguaia. Ele, conversando com um e outro, espalhou que a cidade teria um "Aeroporto de OVNI's", ou um "Discoporto". A matéria trazia em seu conteúdo algo como "Vereador louco quer gastar dinheiro público na construção de um aeroporto para discos voadores".

Foi a deixa para que meu pai vendo a atenção que despertava o assunto, resolveu manter as homenagens ao misticismo, mas acrescentando como o principal do projeto, a criação do Discoporto. Sim, um Discoporto.

Genito Santos, hoje jornalista, turismólogo, graduado em marketing, cineasta e documentarista, à época artista plástico, além de inquieto cultural, conta:

“Nos fundos da casa de Seu Valdon havia um local repleto de cadeiras de fios, onde ele gostava de receber as pessoas e a gente sempre sentava ali. Ele era muito bom de conversas, e foi alertado por um dos amigos que estavam ali àquele momento, que ficara indignado com o teor da matéria, chamando-o de vereador louco.

Um dos presentes alertou para o fato que Seu Valdon teria que processar o jornalista, que segundo sua visão, estava levando-o ao ridículo. Ao que seu Valdon respondeu: ‘Não, meu filho, eu não tenho mais nada a perder. Falem bem, falem mal, mas falem de nossa cidade. E eu gostei da ideia do jornalista. Já que ele falou que vamos construir o aeroporto para discos voadores, ao invés do marco, nós vamos fazer um Discoporto.’ Foi aí que ele modificou o texto e propôs uma lei que criava explicitamente um Discoporto”.

ESTADO DE MATO GROSSO CÂMARA MUNICIPAL DE BARRA DO GARÇAS Plenário das Deliberações										
PROJETO	<table border="1"> <tr> <td><input type="checkbox"/> Projeto de Lei</td> <td rowspan="6">N.º</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Projeto/Decreto Legislativo</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Projeto de Resolução</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Requerimento</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Indicação</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Moção</td> </tr> <tr> <td colspan="2"><input type="checkbox"/> Emenda</td> </tr> </table>	<input type="checkbox"/> Projeto de Lei	N.º	<input type="checkbox"/> Projeto/Decreto Legislativo	<input type="checkbox"/> Projeto de Resolução	<input type="checkbox"/> Requerimento	<input type="checkbox"/> Indicação	<input type="checkbox"/> Moção	<input type="checkbox"/> Emenda	
	<input type="checkbox"/> Projeto de Lei	N.º								
<input type="checkbox"/> Projeto/Decreto Legislativo										
<input type="checkbox"/> Projeto de Resolução										
<input type="checkbox"/> Requerimento										
<input type="checkbox"/> Indicação										
<input type="checkbox"/> Moção										
<input type="checkbox"/> Emenda										
AUTOR: Vereador VALDON VARJÃO										
<p>PROJETO DE LEI 016/95</p> <p><i>Aprovado pelo Conselho Municipal em 14/08/95</i></p> <p>Cria a Reserva de Área para Aeródromo do Pouso de OVNI - "Objetos Voadores Não Identificados", Discos Voadores, e dá outras providências:</p> <p>A Câmara Municipal decreta e o Prefeito sanciona a seguinte lei:</p> <p>Art. 1º: Fica reservado na Serra Azul, ramal da Serra Mística do HONCADOR, uma área de 05ha (cinco hectares), a ser oportunamente delimitada, para construção e cultura de um Aeródromo Inter-Espacial.</p> <p>Art. 2º: Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.</p> <p>Art. 3º: Revogam-se as disposições em contrário.</p> <p>Castrolândia, Mato Grosso, 07 agosto 95.</p> <p><i>Valdon Varjão</i> Valdon Varjão</p>										

Reprodução sanção de Projeto de Lei que cria o Discoporto
Arquivo Câmara Municipal de Barra do Garças – MT

O enunciado da lei, aprovada em 14 de agosto de 1995, de número 1.840/95 diz:

“Cria a Reserva da Área para Aeródromo de Pousos de OVNI – ‘Objetos Voadores Não Identificados’, Discos Voadores, e dá outras providências:

Art. 1º – Fica reservado na Serra Azul, ramal da Serra Mística do RONCADOR, uma área de 05ha (Cinco hectares), a ser oportunamente delimitada, para construção futura de um Aeródromo Inter-Espacial.

Art 2º – Esta lei entra em vigor na data de sua publicação”.

Na justificativa o projeto de lei, traz o seguinte (sic):

“No século passado, quando um visionário previa o futuro, logo era taxado de louco.

Atestam as profecias de Nostradamus, os sonhos visionários de JULIO VERNE, e até a de D. Bosco prevendo a construção de Brasília, e tantos outros que afirmavam fator hoje corriqueiros na vida, como: o avião; o homem na lua, a televisão; o telefone; o rádio; e outras conquistas.

Barra do Garças vai entrar no terceiro milênio como um município de abrigo o maior cabedal místico do Brasil: a Serra do Roncador; as Minas dos Martírios; e outras aparições visionárias.

Aqui em nosso meio, abrigamos as sociedades Teosóficas Brasileira e Eubiose e também a área onde deve encontrar-se a fenda do Portal de Aquários ou da desaparecida Atlântida, cidade misteriosa que é estudada há milênios, e a procura da qual na tentativa de desvendar os mistérios nela envolvidos, o cientista inglês Cel. Fawcett e seu filho desapareceram. Tudo em Barra do Garças é misterioso, portanto cabe aos legisladores reservar espaço e passar à frente de outras cidades, como possibilidade de oferecer pousos às Aeronaves Espaciais ou Discos Voadores.

Não importa sermos taxados de loucos, porque outros previsores do futuro também já o foram; estamos alcançando o terceiro milênio, o século XXI, a era de Aquários, quando muitos eventos serão alcançados por grandes conquistas.

Salvo melhor juízo.

Salas das Sessões, 07 de agosto de 1995

Valdon Varjão”

Embora o projeto tenha sido aprovado por unanimidade na Comissão de Constituição e Justiça, em plenário a votação foi apertada. Votaram contra três vereadores, com quatro ausências e 7 votos a favor. O presidente não votou, o que somente aconteceria em caso de necessidade de desempate. Estava aprovado o projeto. O tempo mostraria que aquela era uma das maiores jogadas de marketing positivo por parte de um parlamentar e de uma câmara municipal, em favor de um município do interior do Brasil.

Um fato interessante: em Barra do Garças inúmeras pessoas acreditavam ou afirmavam categoricamente ter visto OVNI's'. E os mistérios da Serra do Roncador, cujo nome vem do som forte e intenso do interior das rochas, supostamente ocasionadas pelos ventos que percorrem caminhos inacessíveis aos homens, ou, de seres de uma civilização subterrânea, de outras galáxias – ou dimensão.

Respeito às diversas crenças ou pensamentos: esse sempre foi a maneira de fazer política e o estilo de vida de quem ao longo da vida, com honradez e de cabeça erguida ocupou cargos públicos tão diversos, como secretário municipal, prefeito por três vezes, deputado estadual, senador, deputado federal, além de diversos cargos na administração estadual e tabelião concursado. Tudo isso sem perder a simplicidade, a humildade, o amor pela terra que o acolheu criança e o fez homem.



Vista do Discoporto com a Serra Azul ao fundo – Foto: Genito Santos

5 – REFLEXOS DO DISCOPORTO

Não demorou para que a notícia da sanção da lei pelo prefeito municipal Wilmar Peres de Farias corresse Brasil e mundo afora. Barra do Garças, pela sua história, sempre chamou a atenção por fatores diversos como a saga dos garimpeiros, a Marcha para o Oeste, o primeiro sequestro aéreo que se tem história do Brasil e claro, o misticismo que cerca a região. As lendas e os relatos que levam ao interesse dos estudiosos da ufologia estão presentes na cultura indígena e no cotidiano do povo do Vale do Araguaia.

Muito se perguntavam se o projeto do Discoporto era mesmo verdade ou algo “amalucado”, sem nexos e utilidade.

Mas de uma hora para outra começaram a chegar à cidade equipes de televisão de todo o país, com conhecidos repórteres e apresentadores de programas dominicais famosos e de grande audiência, muitos com chamadas ao vivo diretamente de Barra do Garças.

Segundo contou Genito Santos, os participantes do I MotorCycle de Barra do Garças, liderados pelo Moto Clube Abutres, de São Paulo, fizeram questão de que o Discoporto estivesse aberto a visitas. Era apenas o começo.



Painel representativo no Discoporto – Foto: Genito Santos

6 – ENTREVISTA AO PROGRAMA JÔ SOARES

Barra do Garças e a região do Vale do Araguaia novamente estavam na mídia nacional e até mundial, despertando interesse e curiosidade, tendo o reconhecimento pelas suas belezas naturais, encantos, mistérios e acima de tudo, pela coragem e garra de seus habitantes.

Veículos como o tradicional e prestigioso The New York Times, BBC de Londres, El País da Espanha, além de toda a imprensa nacional despertaram para a existência de Barra do Garças, e o melhor, não somente o “Descoberto”, que foi apenas o mote, o ponto de partida, mas para o misticismo, a religiosidade e os mistérios da região.

Meu pai, em 1998 foi entrevistado no programa Jô Soares Onze e Meia, líder de audiência no SBT, onde esteve acompanhado do secretário municipal de meio ambiente Vasco Mil-Homens.



Valdon Varjão no Jô Soares – Reprodução SBT

Na entrevista, devido às características inusitadas do projeto, o apresentador exercitou sua verve humorística, fazendo de certa forma chacota sobre o assunto, mas humor à parte, meu pai soube se sair bem na situação, apesar do clima irônico do famoso e competente apresentador.

Naquele momento, meu pai representava Barra do Garças e estava sendo visto no Brasil e diversos países do mundo, portanto, com elegância e responsabilidade, sem perder o bom humor, deu seu recado, conclamou o povo de Barra do Garças a apoiar ainda mais a ideia e utilizar em seu proveito e da cidade os frutos que há algum tempo já eram colhidos, com o expressivo aumento da atividade turística, o que trazia movimento aos hotéis, bares, restaurantes, dava trabalho aos barqueiros e guias turísticos da região e com um detalhe muito interessante: sem a sazonalidade da temporada do Araguaia, que ocorria somente em determinada época do ano.

O Discoporto, embora tenha tido muito apoio, não foi construído como idealizado no projeto original, que alguns creditam ao famoso designer Hans Donner.

Como a área foi delimitada e urbanizada, meu pai mandou às suas expensas construir uma réplica de um disco voador, além de imagens de seres extraterrestres, o que tornou o local um ponto turístico muito visitado.

Genito Santos, sempre muito talentoso, à época artista plástico, sempre teve a confiança de meu pai para fazer trabalhos interessantes, que reque-ressem criatividade, como a decoração dos carnavais de Barra de Garças, e desta vez, não seria diferente.

Convocado que foi, imediatamente atendeu ao chamado e colocou seu talento e imaginação a serviço desse projeto. Contanto com a ajuda valiosa do serralheiro conhecido como “Ferreirinha”, fizeram a partir de “bacias” de antenas parabólicas, rodas usadas de carro, sucatas de metal reciclado e muito colorido, uma réplica de um “disco voador”, além de figuras de ET’s.

O local logo se tornou ponto obrigatório de visitação, gerando divulgação do nome de Barra do Garças no mundo.

Genito Santos levaria o misticismo e os mistérios da região do Vale do Araguaia novamente ao “Jô Soares”, desta vez na Rede Globo, ao ser entrevistado em maio de 2013, quando lançou seu trabalho “Enigmas da Serra do Roncador”.

7 - CONGRESSO DE UFOLOGIA

Além da expressiva exposição midiática da cidade e da região, do expressivo aumento da presença de turistas, vale à pena citar alguns fatos que ocorreram: um deles foi durante uma reunião do G-8 na Espanha, quando um jornalista alemão em entrevista coletiva, questionou o então presidente da república Fernando Henrique Cardoso sobre o assunto.

Outro fato que trouxe muita divulgação e repercussão para Barra do Garças foi a realização do Segundo Congresso de Ufologia e Parapsicologia no final de abril e Início de Maio de 2014, que trouxe para a cidade participantes oriundos de todo o Brasil e de diversos países da Europa e das Américas. Algo que marcou e consagrou a ideia de que Barra do Garças faz jus à ideia de um local místico, misterioso, único.

Sem dúvida que a aprovação da lei e a construção do Discoporto em muito contribuiu para isso.

8 – NOVAS ELEIÇÕES

Em 1996 meu pai novamente buscou uma vaga na câmara municipal e ficou na primeira suplência da coligação. Fez uma campanha simples, sem muito barulho e praticamente sem sair de casa e do cartório onde diariamente dava expediente.

Entretanto, com o tempo assumiu uma cadeira na câmara, continuando do parlamento municipal sua luta em defesa de Barra do Garças. Apresentou e defendeu projetos locais como construção de pontes sobre córregos do município, correção de aposentadorias de servidores e tudo o mais que é a rotina de um vereador atuante e comprometido com seu eleitor.



Malba Varjão na campanha a vereador de Valdon Varjão – Acervo Malba Varjão

Em junho de 2000, um projeto de lei de sua autoria, aprovado unanimemente pelos vereadores e sancionado pelo prefeito Vanderlei Farias, criou a Olaria Comunitária, que viria a atender famílias carentes, possibilitando que barateassem os custos de construção de seus lares, além de utilizarem produtos que ofereciam segurança e qualidade nas obras.

Em 2000 meu pai disputou novamente as eleições para a câmara municipal, ficando outra vez como suplente. Como da vez anterior, não fez campanha ostensiva, contava apenas com o apoio dos amigos próximos e de quem lembrasse de seu nome para o parlamento municipal.

Com o resultado das eleições nas mãos, ao saber que ficaria como suplente, me disse que por um lado, até seria melhor, pois teria tempo de se dedicar inteiramente ao trabalho no cartório e a escrever seus livros. Segundo suas palavras “Ainda tinha muito o que dizer ao mundo através de seus escritos, do registro de suas vivências através de simples e singelas letras”.

Ele queria paz. Porém, não tinha noção do que aconteceria em 2001.

Por algumas vezes, assumiu o mandato como vereador, em períodos que foi atuante e participativo nas rotinas da câmara municipal.

Mas, por causa de fatos que se traduziram em grande injustiça à sua pessoa, ele se entristeceu, deixou-se cair.

Era o início de uma das suas últimas batalhas, que duraria alguns anos, trazendo depressão e solidão.

A última batalha, que ele não venceria, seria contra a morte, de que nunca teve receios, nunca teve temor. Dizia-se sempre estar preparado para a última passagem, quando Deus o chamasse.



Cristo Redentor, no alto da Serra Azul – Imagem: Genito Santos

XI

1 – HISTÓRIA E TOMADA DO CARTÓRIO

Meu pai, Valdon Varjão assumiu como tabelião titular do Cartório do 1º Ofício de Registro de Imóveis, Notas e Protestos no ano de 1955. À época, segundo registros históricos, Barra do Garças era considerado o maior município do mundo, mais extenso que alguns estados brasileiros, com área de quase 122 mil quilômetros quadrados, o que exigia do cartório de registro de imóveis intenso cuidado e zelo em relação ao trabalho legal e tudo o que anotava e arquivava em seus livros. Era um tempo em que a Fundação Brasil Central e a Marcha para o Oeste aconteciam, e o cartório tinha importante função.

Com a consolidação e o avanço da Marcha para o Oeste, as expedições abriram novas rotas, novos povoados surgiram, tornaram-se distritos e finalmente, se emanciparam, formando municípios que seguiram os caminhos do desenvolvimento e do progresso. E Barra do Garças foi perdendo território, diminuindo bastante seu tamanho, mas ainda assim, continuou imenso, permanecendo um dos municípios de maior extensão territorial do país.

Como titular vitalício do cartório, meu pai tinha suas prerrogativas e delegava funções, de acordo com a legislação, portanto em suas ausências para exercer mandatos políticos ou em viagens, haviam pessoas que assumiam e o representavam oficialmente, dando valor e respaldo legal em tudo o que dizia respeito aos atos proferidos e documentos emitidos.

Mas, o ser humano tem seus momentos de fraqueza, quase sempre motivados pela ambição e má influência de pessoas de péssima índole, não obstante o respeito, a consideração e a amizade devotada por uns. O fato é que um grupo ganancioso articulou com membros do judiciário, políticos e outros e com objetivos que ficariam claros anos mais tarde, a partir de investigações da Polícia Federal e Ministério Público Federal, corroboradas pela Justiça Federal.

Meu pai teve questionada sua vitaliciedade como titular do cartório e foi afastado da função, baseada em uma lei que não se aplicava aos cartorários como ele.

De uma hora para outra, viu seus direitos elementares, sua honradez atingida, embora sempre tenha sido cultivada e rigorosamente observada em princípios de idoneidade e correição, quando durante toda a sua vida procurou servir à sociedade, lutar pelo município e pela região que tanto amava.

A ambição desmedida levou esse grupo a agir nas trevas, até conseguirem o afastamento de meu pai do cartório, sob a alegação que aos 70 anos de idade ele não poderia mais continuar como serventuário da justiça, no tabelionato.

Talvez, a intenção de quem o quis magoar, prejudicar nem fosse obter ganhos financeiros, pois todos eram de situação estável, tanto no aspecto social quanto econômico e talvez nunca precisariam daquilo. A grande dúvida que sempre pairou foi que quiseram, por inveja ou incompetência, prejudicá-lo. Por não conseguirem ser como ele, que embora fosse um vencedor pelos campos em que combateu o bom combate, era despojado e não ligava para status ou dinheiro.

Uma penosa, desgastante e triste batalha judicial se iniciaria.

2 – DE VOLTA A BARRA DO GARÇAS

Após o período em que passei na Assembleia Legislativa do Mato Grosso, como deputada estadual e depois, como servidora da Casa Civil, resolvi que era a hora de voltar para Barra do Garças, para estar mais próxima dos filhos, do meu pai e de minha mãe, dos irmãos e outros familiares que aqui ficaram. E foi aqui em Barra do Garças que conheci a pessoa maravilhosa com quem pude refazer minha vida.

Ao retornar, me deparei com toda a situação de tristeza e indignação causada por esse caso do cartório, para muitos algo surreal, inconcebível. Meu pai e conseqüentemente sua honra e de toda a família foram vítimas desse ardil, que utilizando artifícios e manobras jurídicas e influências – tudo depois provado e comprovado na justiça – conseguiram tirar o cartório de suas mãos.

Ora, meu pai era cartorário titular e vitalício, e sempre exerceu a função juntamente com os colaboradores com honra, lisura e dignidade e quase ao fim da vida, recebe justamente de uma colaboradora, a quem confiara nas suas ausências que se fizeram necessárias, um golpe baixo. A consequência

para ele, foi imediata: abateu-se e caiu em profunda depressão, doente e desanimado da vida.

A batalha judicial seguia, com decisões ora pró, ora contra, mas sempre trazendo sofrimento e dor à família, que não concordava em ver meu pai entregue, prostrado e permanentemente imerso em profunda tristeza, deitado em uma rede, dando a impressão que a vida cada vez mais se afastava dele.

Aquele homem alegre, risonho, generoso, sempre bem-humorado, poeta e escritor, exímio músico, de inúmeras faces culturais, que amava a liberdade, amava seu povo, aquela terra, aqueles rios e serras, agora se encontrava prostrado, como a esperar que a morte o livrasse de tamanha dor, tamanho sofrimento.

Certa vez, como fazia cotidianamente, fui visitá-lo e ao adentrar o quarto o encontro como sempre, deitado, porém tendo ao lado de sua rede uma servidora do tabelionato há quase trinta anos, enviada que fora pelas pessoas que tomaram o cartório. Essa senhora tinha em mãos uma espécie de contrato, um documento onde celebrava-se um acordo, onde em troca de uma quantia irrisória em dinheiro ele renunciaria às ações judiciais e contestações, desistindo de vez do tabelionato. Ele ao me ver, baixou o olhar, mas percebi que estava com os olhos marejados de lágrimas.



Valdon Varjão – Acervo Malba Varjão

Ao vê-la entregando a ele o contrato e se apressando em colher sua assinatura, eu disse calma, terna, mas firmemente:

— Paí, o senhor vai assinar isso aí? O senhor leu?

Ao que ele respondeu com voz fraca e tímida:

— Não, minha filha, eu não li, mas eu estou morrendo, eu vou morrer mesmo. E não dou mais conta de viver essa angústia, essa incerteza e continuar essa demanda. Eu quero acabar com essa situação de vez. Isso está me acabando.

Peguei o contrato de suas mãos, li rapidamente o conteúdo e estarrecida e indignada, falei para ele, dessa vez mais forte, com firmeza:

— Pai, nesse contrato, estão propondo um acordo onde eles querem responsabilizar o senhor pelas coisas erradas que eles fizeram usando o cartório.

Ele ainda tentou argumentar, justificando porque queria assinar.

— Mas eu tô morrendo, minha filha. De que adianta cartório pra mim?

Então, eu disse, olhando em seus olhos:

— Tá certo, o senhor vai morrer, afinal, a gente está aqui nesse mundo só de passagem, mas sua família, nós, vamos ficar aqui ainda. E se o senhor assinar com esse contrato assumindo culpas que não tem, irá prejudicar o seu honrado nome e o nome da sua família. Lembre-se que este nome não pertence somente ao senhor, mas a todos nós, à minha mãe, seus filhos e netos.

Nessa época já circulavam rumores que o cartório estava sendo usado para forjar documentos utilizados em golpes financeiros. Por isso o grupo que assumiu tinha tanta pressa em afastar meu pai de maneira definitiva, jogando para ele a culpa do que poderia haver de errado. Eu não poderia deixar que fizessem isso, com sua história de uma vida honrada e limpa.

Meu pai começou sua vida pública como secretário da prefeitura, quando a sede ainda era em Araguaiana, depois foi vereador, prefeito por três vezes, deputado estadual, senador da república, deputado federal, e contra ele, em toda a sua vida não havia nenhuma mácula.

Argumentei que ele, apesar de cansado e desgastado pela batalha judicial, eivada de decisões injustas, tinha que ser firme, pois estava enfrentando gente da pior espécie.

Me dói muito recordar esses momentos difíceis, mas àquele momento foi necessário que eu fosse firme e direta. Eis que em um átimo, ele pegou o contrato de minhas mãos, rabiscou um X sobre ele, anulando-o, e devolveu a mulher que ouvia tudo calada. E como sempre fazia, de maneira terna, disse à senhora:

— Minha filha, pode levar de volta, não vou assinar mais isso não. Está decidido. A minha família não quer e eu também não quero.

A mulher recebeu o contrato de volta, e mostrando não ter ficado satisfeita se apressou a deixar o local, calada, sem se despedir e sem nada dizer.

Foi dessa forma, dolorosa, que um dia enfrentei meu pai. Hoje, tenho absoluta certeza que ele me perdoou, embora eu tenha sido muito dura

com ele. Tenho certeza que em momento algum alimentou ou guardou ressentimento ou mágoa, pois ele externava sempre seu lado doce e amoroso com a família.

Mas naquele momento eu estava lutando pela família, por minha mãe, meus irmãos, sobrinhos e acima de tudo pela sua honra. Ele podia estar morrendo, mas seu nome continuaria nas gerações seguintes. Meu último argumento foi com essas palavras:

— Meu pai, a gente vive sem dinheiro, sem bens materiais, mas sem nome, a gente não vive. E o senhor construiu esse nome.

3 – OPERAÇÃO LACRAIA DA POLÍCIA FEDERAL

Mas a justiça dos homens, embora tenha tardado não faltou. Investigações da Polícia Federal e do Ministério Público desencadearam, com aval da justiça federal, a “Operação Lacraia”, que levou à prisão um grande número de pessoas. Tal operação foi fartamente noticiada na imprensa nacional e pode ser encontrada em arquivos de diversos veículos de comunicação, e acabou por devolver o cartório a meu pai, resguardando e restabelecendo seus direitos como tabelião vitalício.

De imediato ele nomeou meu filho e seu neto Danilo Varjão como tabelião substituto, que deu sequência a seu trabalho, permanecendo até quando o cartório foi legalmente devolvido à justiça estadual para o processo de concurso e nomeação de um novo titular, após o falecimento de meu pai.

A vitória veio, mas a longa batalha judicial, a angústia vivida por meu pai acabou por tirar-lhe a saúde. Mas, ao partir, ele se foi, com a certeza que não conseguiram macular e atingir sua honra e de sua família, seu nome e sua imagem.

TEXTO DO JORNALISTA EDUARDO GOMES,
PUBLICADO NO DIÁRIO DE CUIABÁ EM
4/1/2001 (Autorizado a reprodução pelo autor)

DE MÃOS ESTENDIDAS

Sacerdócio cartorial. Esse é o melhor rótulo para definir Valdon Varjão, a figura pública mais respeitada do Intervalles. Poderia enaltecê-lo por sua longa militância política que o levou a exercer relevantes cargos eletivos. Citá-lo como escritor e imortal de academia

preocupado com o resgate histórico de sua Barra e de seu Araguaia. Ou ainda reverenciá-lo por sua criatividade e estilo pessoal de abrir as portas da sua Terra para o turismo com a construção de um porto para futuros pousos de naves marcianas. Poderia, isso poderia, mas preferi vê-lo por aquilo que mais o encanta e que circula por suas veias: o cartório. Somente quem conhece o cartório pelo outro lado do balcão sabe o que significa nessa condição a função de serventuário da Justiça, a exemplo do que Varjão é, e igual meu pai, o saudoso Agenor Vieira de Andrade o foi nos confins das montanhas nas Minas Gerais. No futuro, quando alguém escrever sobre o papel do Registro de Imóveis da Barra antiga com superfície territorial de 121.936 quilômetros quadrados ou algo cinco vezes maior que Sergipe, seguramente Varjão receberá reconhecimento por sua seriedade e conduta ilibada. Nesse continente encravado no Intervalles, entre a margem esquerda do Araguaia e a direita do Xingu e, que foi aos poucos sendo fragmentado com a criação de novos municípios e comarcas, Varjão era a certeza, a confiança da legalidade cartorial, sem a malandragem que pipocava em alguns cartórios de outros cantos, onde a superposição de títulos deixava muitas áreas no segundo andar do mosaico fundiário mato-grossense. Serventuário fiel cumpridor da lei. Cidadão em defesa do povo. Político de mãos limpas. Deputado estadual combativo compreendeu o desenvolvimento de sua região e colocou os interesses coletivos acima dos seus: sempre foi autor ou solidário aos projetos de lei que criavam novos municípios, o que mais cedo ou mais tarde minguaria a comarca da Barra – e consequentemente afetaria o rendimento de seu cartório -. Negro que se orgulha de sua raça numa Barra miscigenada, multirracial com sua gente de caras e traços os mais diversos possíveis. Assim é Varjão. Fiquei de orelhas em pé ao ler ontem, nas páginas deste Diário, que Varjão trava batalha política e judicial pelo cartório que é dele, foi dele e, que por razões morais e de reconhecimento legal e social jamais poderia cair em outras mãos, por mais dignas e honestas que sejam. Varjão é a água mais pura e cristalina do Araguaia. É lenda viva. É reserva moral ímpar. É patrimônio a ser preservado. Em respeito ao legado que ele consolida no batente do sol-a-sol, por sua idade, por seu traço de identificação com a Barra, jamais se poderia imaginar que alguém o desafiasse a tal ponto. À frieza da lei o que mais de espera é obediência. Mas, independentemente do desfecho do caso, Barra deve um desagravo fraterno a Varjão. Ele pode ser impedido de continuar na velha cadeira cartorial pela inclemência da compulsória, mas jamais será arrancado do coração daqueles que conjugam ao pé

da letra os verbos da alma. A distância que separa Cuiabá da Barra é menor que a grandeza de Varjão. Seria constrangedor que a Capital se calasse diante do desconforto por que passa o cartorário símbolo do Intervalos. As águas do Araguaia, do Garças, do Tapirapé, do Noidore, do Xingu, do Liberdade, do rio das Mortes passam ficando pelo Intervalos e testemunham a grandeza moral e de espírito de Varjão, o mais frondoso ipê das fraldas da serra do Roncador. Só desafia um Varjão aquele que tem a felicidade de tê-lo em sua comunidade. Só clama por um Varjão o povo que não o tem. Somente o tempo dimensiona um Varjão porque sua obra transcende a limitação do imperfeito olhar humano. Se a Barra é o coração do Brasil, Varjão é o coração da Barra. Longe de mim a pretensão de assumir a voz coletiva em defesa desse cidadão honrado, dessa partícula maior de Mato Grosso. Na minha individualidade menor estendo as mãos a Varjão e abro a boca antes que o silêncio leve as pedras a entoarem a canção do desagravo.

** Eduardo Gomes é jornalista.*



Valdon Varjão diante do Cruzeiro da Serra Azul – Acervo Valdon Varjão

XII

1 – DESPEDIDA

Meu pai nunca temeu a morte, ao contrário, sempre a respeitou e tinha consciência que um dia haveria, como todo ser humano, de se deparar com ela. Repetia com frequência um bordão: “A única coisa certa além da vida, é a morte!”.

Às segundas-feiras, ele tinha o hábito de ir até o cemitério rezar pelas almas e acompanhava um grupo de senhoras que também tinha esse costume. Sempre tive vontade, mas faltava coragem de perguntar a ele qual o motivo dessa devoção.

Mas surpresa mesmo, ficamos quando alguns anos antes de sua ida, ele resolveu construir seu próprio túmulo, sob a alegação que não queria dar trabalho em seu momento final.

A gente relevava essas coisas “estranhas”, pois os momentos com ele eram muito intensos e alegres, ele sempre muito amigo e brincalhão, trazendo alegria e felicidade com sua presença. E sabíamos e éramos acostumados com o fato que ele era surpreendente em suas atitudes.

Era rotineiro ouvir sua gargalhada pelos cômodos da casa. Seu olhar era direto e a desenvoltura com que provocava risos e sorrisos, era incomum.

Um dia, o ví se calar. O ví triste, sem o tradicional sorriso, sem o som costumeiro das gargalhadas. Quedara-se em uma rede. As dores da alma conseguiram vencê-lo ante a imensidão da maldade humana que, motivada pela ambição de ganhos fáceis, não se importava se amizades de décadas, respeito e considerações de família, ruiriam.

De uma hora para outra, ele se deitou em uma rede, sua voz forte se tornou um tímido murmúrio e ele se deixou ficar ali, inerte e triste.

O baque foi grande. Ante a tentativa de injustiça perpetrada, surgiram as dores da alma que o fizeram prostrar. E essas dores da alma sempre trazem de roldão males físicos, que com o tempo se manifestam, fixam-se dolorosa e avassaladoramente.

A justiça de Deus e dos homens prevaleceu, não obstante a batalha judicial em busca da honra e da verdade, ter sido longa e extenuante. Na cidade se comentava: “Valdon Varjão, sua família e seus inúmeros amigos venceram”.

Meu pai viveu a tempo de ver a justiça ser obrigada a reconhecer seus direitos.

Um ano após a decisão final, ele nos deixou.

Era uma manhã de domingo, domingo de carnaval, 3 de fevereiro de 2008. No quarto do hospital, cercado de poucos familiares, vivia seus últimos momentos, quando um pássaro se postou diante do vidro transparente da janela, chamando a atenção de todos que ali estavam.

Por instantes, deixaram-se absorver por aquela figura suave e terna daquele pequeno ser, que aparentemente indiferente ao que acontecia no interior, insistia em fazer suas evoluções, como se quisesse dizer algo. Por instantes, tomou a atenção de todos, e quando se voltaram para o meu pai, após o pássaro seguir seu destino rumo ao infinito, perceberam que ele tinha nos deixado.

Encerrava-se ali a trajetória de vida de um homem honrado, que lutou pelo seu lugar ao sol, pela sua família, pelo povo de sua cidade. Encerrava-se a trajetória de vida, mas a história, a história que não será nunca mudada, esta, já o tinha em suas páginas memoriais.

2 – CARNAVAL

Era domingo de carnaval e eu estava em Barra do Garças. A cidade se preparava para um carnaval animado, com toda a decoração nas ruas, palcos, músicos, divulgação, sob o comando de Genito Santos. O título, tema da festa não poderia ser mais apropriado: “Carnaval das Galáxias”.

Assim que a notícia de sua morte começou a circular por toda a cidade, os organizadores do carnaval nos procuraram, propondo que o evento fosse cancelado. Mas, isso não condizia com meu pai que durante toda a vida fora um homem das artes, da alegria, da diversão, e seria injusto com a cidade e com ele que o carnaval, tão bem preparado, não se realizasse. Minha mãe Rosarinha, apesar da imensa tristeza que sentia, entendeu que a melhor forma de homenageá-lo seria a continuidade da programação, com os festejos de Momo acontecendo normal e naturalmente.

Ao final da tarde, início da noite, o corpo chegou para o velório que aconteceu na câmara municipal, casa onde ele passou longos e preciosos anos de sua vida.

Para surpresa de muitos, o carnaval aconteceu, mas de forma suave. Ao invés das marchinhas e do tradicional conteúdo musical, as apresentações foram de canções de seresta, chorinho, valsas, boleros. A animação estava garantida, ao lado da comoção que se abatera sobre a cidade.

Naquele carnaval, no auditório da câmara de vereadores, encerrava-se o último compromisso público de um homem que durante toda a vida se dedicou a servir.

XIII

1 – CONCLUSÃO

Eu pensava que fosse fácil escrever sobre a vida de Valdon Varjão, meu pai. E por diversas razões: há trinta anos eu sonho com isso, e por ser sua filha e ter convivido muito durante minha existência com ele, narrar fatos inéditos e desconhecidos do público, entendia como algo fácil e rápido. Acreditava que em pouquíssimo tempo, facilmente conseguiria colocar em páginas suas histórias, vivências e uma rica trajetória humana, familiar e política.

Mas não foi tão fácil, as dificuldades se somaram à emoção e do início ao fim exigiu um trabalho intenso, porém, apaixonante. Foi preciso conhecer sua trajetória de maneira profunda através de documentos, relatos de pessoas que conviveram com ele ou com nossa família, e ainda buscar nos recônditos do coração as lembranças de tantos momentos vívidos – juntos ou à distância – para assim compor sua história.

Ao me debruçar sobre o personagem Valdon Varjão confirmei ainda mais aquilo que sabia: foi um guerreiro, batalhador, que desde menino enfrentou de frente as agruras de uma vida pobre, mas inconformado, buscou altivo e dignamente através do trabalho honrado vencer, se projetar na vida e consequentemente se inserir na sociedade.

Nunca se envergonhou de trabalhar em atividades simples. O filho do ferreiro e da lavadeira não se importava de limpar lotes, buscar lenha, retirar água nas bicas e entregar nas casas de família.

Contudo não deixou de ser criança, adolescente. Se permitia tomar banho no rio e córregos, brincar com amigos, correr pelas veredas e frequentar a escola, respeitando e sendo reconhecido pelos seus mestres; aproveitou a oportunidade que teve na Lira Filarmônica do Araguaia, onde começou a abrir as picadas rumo aos caminhos que trilharia na vida.

Humilde e honesto, foi barqueiro, caixeiro-viajante, ajudante no armazém dos padrinhos de minha mãe, funcionário da Fundação Brasil Central quando da implantação da lendária “Marcha Para o Oeste”.

Pela desenvoltura, facilidade de comunicação e pela inteligência que tinha, natural que todos o quisessem por perto. Assim foi ser secretário do município, depois vereador, iniciando assim sua vitoriosa trajetória no mundo político.

O cartório veio em seguida, mas, não fez com que se acomodasse. Era apenas o princípio de lutas que travaria, onde o principal era fazer o bem às pessoas que dele precisavam.

E o Vale do Araguaia, assim como de outros expoentes, pioneiros e batalhadores, também precisava de sua dedicação e trabalho.

Visionário, não obstante as dificuldades, dentre tantos feitos, editou a primeira revista impressa do Vale do Araguaia – a Gazita Magazine –, criou a ALCACO – Academia de Letras, Cultura e Artes do Centro-Oeste, criou o “Discoporto”, que projetou mais ainda Barra do Garças no mundo – ou nas galáxias.

Empreendeu lutas que hoje estão no foco das discussões, como o combate à discriminação e ao preconceito racial, lutou por diminuir desigualdades em um Brasil continental, não se importando de por vezes ser admoestado por seus pares que viam exageros em suas ações. Foi o primeiro senador negro do país, e ciente que isso poderia ser um diferencial, aproveitou intensamente cada momento em que esteve na casa revisora do congresso nacional para expor e consolidar suas justas ideias.

Poeta, músico, cronista, jornalista, escritor. Notário e bacharel em direito. Amigo solidário em todos os momentos.

Valdon Varjão: meu pai!

Pela sua inteligência e humildade, capacidade de trabalho e coragem, é meu grande exemplo nessa vida. Foi bom, muito bom, recordar, reviver, adentrar em lembranças que até poderiam estar adormecidas, porém nunca olvidadas, pois esquecer algum momento vivido ao seu lado seria impossível.

Está completa minha missão. Fiz esta obra de coração aberto, me permitindo ser tomada pela emoção por diversas vezes, e sempre com a admiração e o orgulho de filha, com o zelo tão peculiar a ele, que como historiador criterioso que era, não admitiria falhas na narrativa. Algo tão sonhado se torna realidade. Intimamente, eu tinha uma certeza: no momento certo o universo ia fazer com que isso acontecesse. Foi uma dádiva de Deus.

Valdon Varjão, meu pai. Amou e honrou até seu último momento de vida a família, seu povo, o Vale do Araguaia e o Mato Grosso, o Brasil em todas as vezes que lhe foram confiadas missões de representação nos diversos parlamentos em que esteve, ou de gerir de maneira equilibrada e justa os destinos de uma cidade.

Valdon Varjão! Meu pai! Meu exemplo, meu orgulho!

Obrigado por tudo!

Valdon Varjão: meu pai!



Malba e Valdon Varjão em evento social – Acerto Malba Varjão

BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VARJÃO, Valdon. **Barra do Garças no passado**. Edição Única. Barra do Garças: publicação do autor. 1999

VARJÃO, Valdon. **Janela do tempo – Homenagem ao passado**. Edição Única. Barra do Garças: publicação do autor. 2000

VARJÃO, Valdon. **Negro sim, escravo não**. Edição Única. Brasília: Serviço Gráfico do Senado Federal. 1983

VARJÃO, Valdon. **O Garimpeiro – Poemas**. Edição Única. Barra do Garças: publicação do autor. 2000

VARJÃO, Valdon. **Quando estive Senador**. Edição Única. Brasília. Serviço Gráfico do Senado Federal. 1981

BARRA DO GARÇAS, Secretaria Municipal de Cultura de. **Compêndio da Cultura Popular de Barra do Garças**. Edição única. Barra do Garças: 2007

DINIZ, Zélia dos Santos. **Conhecendo Barra do Garças**. 1.ed. Barra do Garças: Kelps. 1995

ARTIGOS E TESES

GOMES, Eduardo. **De mãos estendidas**. Diário de Cuiabá. Cuiabá, 04/01/2001. Disponível em <http://diariodecuiaba.com.br/artigos/de-maos-estendidas/67036>

MURILO, Alline. **Histórias que se entrecruzam: narrativas de Valdon Varjão sobre barra do Garças**. https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/1003_03/05/2011

REVISTAS E SITES

BOAMÍDIA, Cuiabá: boamidia.com.br

BIBLIOTECA DA PRESIDENCIA. **Díscursos**. Presidente Médici. 1979.

<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/ernesto-geisel/discursos/1979/1.pdf>

GAZITA MAGAZINE, Edições 03, 04, 05, 06, 08, 10, 16. Barra do Garças, 1978

ÓRGÃOS E INSTITUIÇÕES

- Academia de Letras, Cultura e Artes do Centro-Oeste – ALCACO
- Academia Goianiense de Letras – AGnL
- Academia Mato-Grossense de Letras – AML
- Assembleia Legislativa do Estado do Mato Grosso – ALMT
- Câmara dos Deputados
- Câmara Municipal de Barra do Garças
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE
- Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para o Povos do Cerrado – ICEBE
- Instituto Histórico e Geográfico de Goiás – IHGG
- Instituto Histórico e Geográfico do Estado do Mato Grosso – IHGMT
- Justiça Federal TRF-1
- Ministério Público Federal
- Prefeitura Municipal de Barra do Garças
- Senado Federal

FILMES E DOCUMENTÁRIOS

SANTIAGO, Daniel. **Veredas do Araguaia – Riqueza, cultura e fé.** UFMT.

TANGARÁ, Amauri. **Ser Tão Araguaia.** UFMT

DEPOIMENTOS

- Divino Arbués
- Genito Santos

ACERVOS

- Acervo fotográfico Genito Santos
- Acervo fotográfico Valdon Varjão
- Acervo pessoal Malba Thania Alves Varjão
- Anais do Senado Federal

Valdon Varjão

A coleção *Grandes Vultos que Honraram o Senado* foi instituída pela Resolução do Senado Federal nº 84, de 19 de novembro de 1996, com o objetivo de homenagear ex-Senadores que tenham se destacado como personalidades da história cultural, política e parlamentar brasileira.

Com esta publicação, o Senado Federal reverencia a trajetória de personalidades que exerceram o cargo de Senador da República, deixando contribuições para a vida política do País.

Nesta edição, o Senado Federal homenageia o ex-Senador Valdon Varjão, parlamentar pelo Estado de Mato Grosso entre os anos de 1981 e 1982.



9 786556 761732



BAIXE GRATUITAMENTE
ESTE LIVRO EM SEU CELULAR

SENADO FEDERAL

